

# **D. QUIXOTE**

## **VOL. I**

**Cervantes**

**D. Quixote de La Mancha — Primeira Parte  
(1605)**

**Miguel de Cervantes [Saavedra]  
(1547-1616)**

**Tradução:**

**Francisco Lopes de Azevedo Velho de Fonseca  
Barbosa Pinheiro Pereira e Sá Coelho (1809- 1876)**

**Conde de Azevedo**

**Antônio Feliciano de Castilho (1800-1875)**

**Visconde de Castilho**

**Edição**

**eBooksBrasil**

**[www.ebooksbrasil.com](http://www.ebooksbrasil.com)**

**Versão para eBook**

**[eBooksBrasil.com](http://eBooksBrasil.com)**

**Fonte Digital**

**Digitalização da edição em papel de Clássicos Jackson,  
Vol. VIII**

**Inclusões das partes faltantes confrontadas com a  
edição em espanhol da [eBooksBrasil.com](http://eBooksBrasil.com) (1999, 2005)**

**Copyright**

**Autor: 1605, 2005 Miguel de Cervantes**

## **Tradução**

**Francisco Lopes de Azevedo Velho de Fonseca  
Barbosa Pinheiro Pereira e Sá Coelho António  
Feliciano de Castilho**

**Capa: Honoré-Victorin Daumier (1808-1879)  
Retrato de Cervantes: Eduardo Balaca (1840-1914)  
Edição: 2005 eBooksBrasil.com**

## **ÍNDICE**

Nota do Editor

D. Quixote

(em comemoração de seu quarto centenário)

Teotonio Simões

D. Quixote

(em comemoração de seu terceiro centenário)

Rudolf Rocker

D. QUIXOTE

Taxa

Testemunho das Erratas

O Rei

Ao Duque de Béjar

PRÓLOGO

AO LIVRO DE D. QUIXOTE DE LA MANCHA

Urganda a desconhecida

Amadis de Gaula a D. Quixote de la Mancha

D. Belianis de Grécia a D. Quixote de la Mancha

A Senhora Oriana a Dulcinéia del Toboso

Gandalim, escudeiro de Amadis de Gaula, a

Sancho Pança, escudeiro de D. Quixote Do

Donoso, Poeta Entreverado, a Sancho Pança e

Rocinante

Orlando Furioso a D. Quixote de la Mancha

O Cavaleiro do Febo a D. Quixote de la Mancha

De Solisdão a D. Quixote de la Mancha

Diálogo entre Babieca e Rocinante

D. Quixote de la Mancha:

Capítulo I

Que trata da condição e exercício do famoso

fidalgo D. Quixote de La Mancha. Capítulo II

Que trata da primeira saída que de sua terra fez o  
engenhoso D. Quixote.

Capítulo III

No qual se conta a graciosa maneira que teve D.

Quixote em armar-se cavaleiro. Capítulo IV

Do que sucedeu ao nosso cavaleiro saindo da venda.

Capítulo V

Em que se prossegue a narrativa da desgraça do nosso  
cavaleiro.

Capítulo VI

Da curiosa e grande escolha que o padre cura e o barbeiro  
fizeram na livraria do nosso engenhoso fidalgo.

Capítulo VII

Da segunda saída do nosso bom cavaleiro D. Quixote de la  
Mancha.

Capítulo VIII

Do bom sucesso que teve o valoroso D. Quixote na  
espantosa e jamais imaginada aventura dos moinhos de  
vento, com outros sucessos dignos de feliz recordação.

Capítulo IX

Em que se conclui a estupenda batalha que o galhardo

biscaíinho e o valente manchego tiveram. Capítulo X  
Graciosas práticas entre D. Quixote e seu escudeiro Sancho Pança.

#### Capítulo XI

Do que a D. Quixote sucedeu com uns cabreiros.

#### Capítulo XII

Do que referiu um cabreiro aos que estavam com D. Quixote.

#### Capítulo XIII

Em que se dá fim ao caso da pastora Marcela, com outros sucessos.

#### Capítulo XIV

Onde se põem os versos desesperados do pastor defunto, com outros imprevistos sucessos. Capítulo

#### XV

Em que se conta a desgraçada aventura, que a D. Quixote ocorreu com uns desalmados iangueses. Capítulo XVI

Do que sucedeu ao engenhoso fidalgo na venda que ele imaginava ser castelo. Capítulo

#### XVII

Em que se prosseguem os inumeráveis trabalhos, que o bravo D. Quixote e seu escudeiro Sancho Pança passaram na venda, que o fidalgo por seu mal cuidara ser castelo.

#### Capítulo XVIII

Onde se contam as razões que passou Sancho Pança com seu senhor D. Quixote com outras aventuras dignas de ser contadas.

#### Capítulo XIX

Das discretas razões que Sancho passava com o amo e da aventura que lhes sucedeu com um defunto, e outros

acontecimentos famosos.

## Capítulo XX

Da nunca vista nem ouvida aventura que jamais cavaleiro algum famoso no mundo acabou, e a concluiu, quase sem perigo, D. Quixote de la Mancha.

## Capítulo XXI

Que trata da alta aventura e preciosa ganância do elmo de Mambrino, com outras coisas sucedidas ao nosso invencível cavaleiro.

## Capítulo XXII

Da liberdade que D. Quixote deu a muitos desafortunados, que iam levados contra sua vontade onde eles por si não quereriam ir.

## Capítulo XXIII

Do que ao famoso D. Quixote sucedeu em Serra Morena, que foi uma das mais raras aventuras contadas nesta verdadeira história.

## Capítulo XXIV

Em que se prossegue a aventura da Serra Morena.

## Capítulo XXV

Que trata das estranhas coisas que em Serra Morena sucederam ao valente cavaleiro da Mancha, e da imitação que fez da penitência de Beltenebrós.

## Capítulo XXVI

Onde se prosseguem as finezas que de enamorado fez D. Quixote em Serra Morena. Capítulo XXVII

De como se houveram o cura e o barbeiro, com outras coisas dignas de ser contadas nesta grande história.

## Capítulo XXVIII

Que trata da nova e agradável aventura sucedida na

mesma serra ao cura e ao barbeiro. Capítulo XXIX

Que trata do gracioso artifício e ordem que se teve em tirar o nosso amorado cavaleiro da muito áspera penitência em que se havia posto.

Capítulo XXX

Que trata da descrição da formosa Dorotéia, com outras coisas de muito sabor e passatempo. Capítulo

XXXI

Das saborosas conversações que houve entre D. Quixote e o seu escudeiro com outros sucessos. Capítulo XXXII

Que trata do que na venda sucedeu a todo o rancho de D. Quixote.

Capítulo XXXIII

Onde se conta a novela do curioso impertinente.

Capítulo XXXIV

Em que se prossegue a novela do curioso impertinente.

Capítulo XXXV

Em que se trata da grande e descomunal batalha que teve D. Quixote com uns odres de vinho tinto, e se dá fim à novela do curioso impertinente.

Capítulo XXXVI

Que trata de outros sucessos raros que na taverna sucederam.

Capítulo XXXVII

No qual se prossegue com a história da famosa infanta de Micomicão, e de outras graciosas aventuras.

Capítulo XXXVIII

Em que se continua o discurso que fez D.

Quixote sobre as armas e as letras. Capítulo

XXXIX

Onde o cativo conta a sua vida e sucessos dela.

#### Capítulo XL

No qual se conta a história do cativo.

#### Capítulo XLI

No qual o cativo continua a sua história.

#### Capítulo XLII

Em que se trata do mais que sucedeu na estalagem, e de outras coisas dignas de serem conhecidas. Capítulo XLIII

Onde se conta a agradável história do moço das mulas com outros estranhos sucessos acontecidos na venda.

#### Capítulo XLIV

Onde se prosseguem os inauditos sucessos da venda.

#### Capítulo XLV

Onde se acaba de averiguar a dúvida do elmo de Mambrino e da albarba, e de outras aventuras sucedidas com toda a verdade.

#### Capítulo XLVI

Da notável aventura dos quadrilheiros, e da grande ferocidade do nosso bom cavaleiro D. Quixote. Capítulo XLVII

Do modo estranho como foi encantado D. Quixote de la Mancha, com outros sucessos. Capítulo XLVIII

Onde prossegue o cônego no assunto dos livros de cavalaria, com outras coisas dignas do seu engenho.

#### Capítulo XLIX

Onde se trata do discreto colóquio que Sancho Pança teve com seu amo D. Quixote. Capítulo L  
Das discretas altercações que D. Quixote e o cônego tiveram, com outros sucessos. Capítulo

LI

Que trata do que contou o cabreiro a todos os que levavam D. Quixote.

Capítulo LII

Da pendência que teve D. Quixote com o cabreiro, com a rara aventura dos penitentes, a que felizmente deu fim à custa do seu suor.

### **Nota do Editor**

*“Mas você devia respeitar esta edição, que é rara e preciosa. Tenha lá as idéias que quiser, mas acate a propriedade alheia. Esta edição foi feita em Portugal há muitos anos. Nela aparece a obra de Cervantes traduzida pelo famoso Visconde de Castilho e pelo Visconde de Azevedo.”* — Monteiro Lobato, D. Quixote das Crianças(\*)

Depois de Emília ter apagado um dos dois “a” de Saavedra, foi, a acima, a observação de D. Benta. Advertência não respeitada por muitas edições de D. Quixote, inclusive a que digitalizamos. Nela, omitiu-se, pura e simplesmente, o crédito ao Visconde de Azevedo que, por sinal, morreu Conde(\*\*). E como Conde morreu, ao Conde de Azevedo, e não ao Visconde de Azevedo, se dá aqui o crédito.

Por que se atribuiu a tradução, ela toda, a Antônio Feliciano de Castilho? Sabe-se lá... Talvez por ser, então, nome mais popular e de maior apelo mercantilista...



Que se tenha tirado as partes Preliminares (recuperadas nesta edição), até se poderia entender por economia de papel... Mas deixar de dar o crédito a quem coube a maior parte do trabalho... é proceder como a Emília que achava estar sobrando um dos “as” de Saavedra:).

Para gáudio dos bibliófilos, e à guisa de informação, transcreve-se o texto abaixo, do Instituto Português do Livro e das Bibliotecas:

“Mas dois outros motivos dão particular pertinência à evocação, pelo Instituto Português do Livro e das Bibliotecas, do 4º centenário da publicação do Quixote:

A circunstância de o livro, se bem que publicado em castelhano e como tal ser antes de mais património da cultura manchega e espanhola, denotar em todo o caso uma sensível atenção à literatura portuguesa. Porque Cervantes nele presta inequívoca homenagem a textos da literatura portuguesa, como a Diana (1558) de Jorge de Montemor – segundo lição de Afonso Lopes Vieira, in Prefácio à edição de 1924 (cf. Afonso Lopes Vieira, Diana de Jorge de Montemor, Lisboa: Parceria A.M. Pereira, 1974) daquela singular novela pastoril, “Imitam-na com grandiloquência Lope de Vega e Cervantes, que no Dom Quixote a salva do fogo purificador da livraria cavaleiresca do bom senhor Alonso Quixada e lhe confere “la honra de ser primero em semejantes libros” –; o Palmeirim de Inglaterra (1547), de Francisco de Moraes (“por si es mui bueno”); as “églogas del excelentíssimo Camões”. Maria Fernanda de Abreu,

obstinada estudiosa da obra de Cervantes e da sua recepção em Portugal, aponta a este respeito a importância de a Diana ser identificada no Quixote como modelo de pastoral ou novela pastoril, ao passo que o Palmeirim o é como modelo de livro de cavalaria.

A necessidade de um registo, que deve assumir-se, também ele, como homenagem, das cerca de uma dezena de traduções, ao longo dos tempos, do texto do Quixote, ou, para as referir de forma mais rigorosa, das suas interpretações ou versões; à parte o tratamento grotesco do tema por António José da Silva na Vida do Grande D. Quixote de la Mancha e do Gordo Sancho Pança, que, glosando o tema, versa em todo o caso outra realidade histórica e social, outro universo de interditos - que lhe valeram aliás a perseguição pela Inquisição -, e não pode por isso ser classificado no âmbito das suas traduções, delas se destaquem, conforme recomenda Maria Fernanda Abreu: uma primeira tradução, anónima, datada de 1794; a tradução que mais tem circulado, dos Viscondes de Castilho e Azevedo (António Feliciano de Castilho tinha a sua parte da tarefa em mãos quando morreu), com prefácio de Pinheiro Chagas(\*\*\*), notável como texto erudito e crítico do sec. XIX; a versão de Aquilino Ribeiro (em 1954-55), tão popularizada quanto contestada, justamente pela liberdade de interpretação do texto original; e, de entre os contemporâneos, a serem muito proximamente publicadas, por ocasião das comemorações de 2005, as traduções de José Bento e de Miguel Serras Pereira.”

A presente edição, em eBook, teve por base a digitalização dos volumes VIII e IX da coleção Clássicos Jackson, com a inclusão das partes acima referidas. A ortografia foi “abrasileirada”, mas foram conservados todos os vocábulos, por mais arcaicos que fossem, por respeito aos tradutores e, mais, por respeito à própria língua portuguesa.

eBooksBrasil

Abril, 2005

## Notas

(\*) — Sobre este episódio, ver a tese de ELIANE SANTANA DIAS DEBUS, O Leitor, Esse Conhecido: Monteiro Lobato e a Formação de Leitores, Tese apresentada ao curso de Pós Graduação em Letras, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e último para obtenção do título de Doutor em Letras. Área de concentração: Teoria Literária. DATA DE DEFESA: 18/01/2001 - De particular interesse, o Capítulo 2 - Todos os Caminhos Levam à Leitura. Disponível na internet, em [www.unicamp.br/iel/memoria/Teses/Eliane](http://www.unicamp.br/iel/memoria/Teses/Eliane)

(\*\*) — O Visconde de Castilho se chamava António Feliciano de Castilho. O Visconde de Azevedo, Francisco Lopes de Azevedo Velho de Fonseca Barbosa Pinheiro Pereira e Sá Coelho. A biografia de Castilho é facilmente encontrada na web [p.ex: <http://bnd.bn.pt/ed/castilho/>] e mesmo nos dicionários e enciclopédias. A do Visconde de

Azevedo, a quem, tudo indica, coube a maior parte da tradução, ou pelo menos a revisão final da tradução, visto Castilho ter morrido enquanto se dedicava a traduzir a parte que lhe cabia, é mais difícil de se achar. Por isso, abaixo, alguns dados biográficos colhidos na web:

”Francisco nasceu na Casa de Marrancos, em Vila Verde, a 21 de Fevereiro de 1809, e faleceu, na sua Casa de Santo António do Penedo, no Porto, a 25 de Dezembro de 1876. Foi Moço Fidalgo na Casa Real com exercício no Paço, por Alvará de 9 de Setembro de 1846, primeiro Visconde de Azevedo, por carta concedida pela rainha D. Maria II, em 19 de Agosto de 1846, elevado à grandeza de Conde, por Decreto de 23 de Novembro e Carta de 5 de Dezembro de 1876, passada pelo rei D. Luís I, poucos dias antes da sua morte. O opulento fidalgo foi Senhor dos Solares de Azevedo, dos Pinheiros, em Barcelos, e do de Marrancos, dos Morgados dos Coelhos de Vila do Souto de Riba-de-Homem e do de Pouve, do Couto de Mazarefes, das herdades de Paradela e Castro. A instâncias do Visconde de Santa Marta, em 25 de Abril de 1832, tomou posse do cargo de coronel-comandante dos Voluntários Realistas, que se achavam em Viana. Passou, com o seu batalhão a fazer parte da quarta Divisão Realista e, depois, da Coluna Móvel ao Norte do Douro, sendo agraciado com o hábito da Torre-e-Espada e com a comenda da Ordem de Cristo.

Comandou, durante algum tempo, a brigada que guarnecia a extrema esquerda nas linhas do exército

realista. Foi, depois, com a divisão do General João Gouveia Osóno para o Campo Maior. Aí se achava aquando da convenção de Évora Monte. Nunca tomou parte nem se envolveu em perseguições políticas.

Em Dezembro de 1843, foi viver para Braga e, só depois de outra, muito instado por Silva Passos e Teixeira de Vasconcelos, se resolveu a auxiliar o Partido Progressista na campanha eleitoral de 1845.

Em 29 de Maio de 1846, ainda os ânimos dos políticos estavam agitadíssimos pela revolta de Maria da Fonte, foi nomeado governador civil de Braga, lugar de que tomou posse em 1 de Junho de 1846, demitindo-se logo em 6 de Julho. A 11 de Outubro, ao realizarem-se as eleições para deputados no Porto, foi eleito pelos setembristas e cabralistas. Mas, entretanto, ocorreu uma revolta naquela cidade, onde se constitui uma Junta Provisória do Supremo Governo do Reino, sob a presidência do Conde das Antas, e não se chegaram a reunir as câmaras legislativas. Foi ainda eleito deputado por Braga, na legislatura de 1851 e 1852.

O seu estado de saúde não lhe permitiu continuar a sua actividade política que abandonou para se consagrar aos seus trabalhos literários. Senhor de vasta cultura e de uma excelente biblioteca, foi tal o seu amor às obras antigas que algumas foram reeditadas numa tipografia que instalou no seu Solar de Azevedo. Foi também um assíduo e dedicado colaborador de Inocêncio Francisco da Silva na publicação do "Dicionário Bibliográfico Português". Em Maio de 1857, foi eleito sócio provincial da Academia Real das Ciências e,

por proposta de Tomás Ribeiro, passou a sócio correspondente. Em 1870, vendeu o que restava em Paradela, apenas uma notável casa com torre e quinta, que pela acção de tempo e pela sua antiguidade, se encontrava arruinada. Comprou-a o abade de São João da Ribeira, padre João Coelho de Araújo, que não hesitou em demolir a torre, solarenga, para com a sua pedra construir paredes na Quinta. Por morte do abade, tão importante prédio e a quinta passaram para os seus herdeiros. O Conde de Azevedo casou, em 1827, com D. Maria José Carneiro da Grã Magriço, nascida a 6 de Agosto de 1804, filha herdeira de José Carneiro da Grã Magriço, Senhor das Casas de Balazar, na Póvoa de Varzim. e da de Rio Tinto, e de sua mulher D. Francisca Henriqueta Coelho Fiúza Ferreira Marinho Falcão Sotomaior, senhora da Quinta da Espinheira e da Casa dos Coelhos, em Vila do Conde.

Como não tinha geração, deixou por testamento a sua grande biblioteca ao seu primo, o segundo Conde de Samodães, Francisco de Azevedo Teixeira de Aguiar,(..).“

Fonte: Texto de: Porfírio Pereira da Silva in  
MAZAREFES - História:

[www.freguesiasdeportugal.com/distritoviana/09/mazarefes/historia.htm](http://www.freguesiasdeportugal.com/distritoviana/09/mazarefes/historia.htm)

A magnífica biblioteca do Visconde de Azevedo, legada ao segundo Conde de Samodães, foi mais tarde vendida em um dos mais importantes leilões de livros acontecidos em Portugal (1921-22).

(\*\*\*) — Manuel Joaquim Pinheiro Chagas, 1842-1895  
- NE

## **Don Quixote**

(Em comemoração de seu quarto centenário)

Ao comemorar os 300 anos do Quixote, escrevia Rudolf Rocker em 1905: “Vivemos num mundo de ciência positiva e nossos corações estão vazios e as almas murchas.” e também “O caminho para as estrelas foi esquecido; hoje o idealismo permanece tranqüilamente no solo e recolhe vermezinhas...”.

Cem anos se passaram, e estas palavras nunca foram tão atuais.

Mas as generalizações são perigosas e, acrescentaria Nelson Rodrigues, burras. Inclusive porque o próprio Quixote era uma exceção sonhadora em um mundo que já enterrava os sonhos cavaleirosos e cavalheirescos.

Todas as vezes que li o D. Quixote, inclusive esta, li um D. Quixote diferente, porque em diferentes fases da vida. Dessa vez, pensei cá com meus botões: “acho que o entendi melhor”, porque já passei da idade em que ele resolveu sair ao mundo à cata de aventuras. Um pouco tardio, mas não serôdio, cá estou eu, agora e ainda, de lança em riste, contra os que confundem modernidade com o

abandono de valores básicos, sem os quais não creio que a civilização persista ou, em persistindo, será como caricatura, sem que valha a pena.

Honra, decência, honestidade, empenho e respeito à palavra dada e, acima de tudo, sobretudo, fidelidade aos próprios sonhos, respeito a si mesmo. Valores que não deveriam ser, e não são, de esquerda ou de direita, mas civilizatórios. Todos valores que encontramos no D. Quixote e, aqui e ali, ainda nos que persistem, em uma época em que se diz que “o sonho acabou”. Pior, digo eu: “transformou-se em pesadelo”.

Que consigamos sair do pesadelo, e não pela morte, para que, ao se comemorar os quinhentos anos do Quixote, alguém possa escrever: “o sonho voltou e com ele a aventura e a ventura humanas. E o sonho é belo, porque agora é a realidade!”

Teotonio Simões  
Outono de 2005

### **Don Quixote**

(Em comemoração de seu terceiro centenário)

DON QUIXOTE, nobre cavaleiro da Mancha, amigo e protetor dos sofredores, amante da imortal Dulcinéia del Toboso e dono do fiel Rocinante: cobre teu rosto com ambas as mãos para que não se note sua vergonha ante a



ofensa que acabam de infligir-te; porque nunca te ofenderam tanto como hoje, trezentos anos depois daquele dia inesquecível em que abandonaste pela primeira vez tua casa e teus amigos para percorrer o mundo em defesa da justiça e para fazer ressuscitar a fama eterna da cavalaria andante.

Muito padeceste em tua vida, grande cavaleiro da Triste Figura! Combateste uma batalha desesperada contra gigantes, mas afinal os gigantes eram apenas moinhos de vento e tiveste de pagar teu erro com a cabeça quebrada e alguns ossos partidos. Rústicos aldeões quebraram teus dentes cavaleirescos, pastores de ovelhas vulgares pisaram-te com seus pés, gente ingrata, incapaz de compreender a grandeza cavaleiresca, te encerrou numa jaula de madeira e te convenceu de que estavas encantado; até corrias o perigo de que em tua estranha clausura se sentisse o mau cheiro, e se não fosse o bom Sancho, a poesia de tua empresa heróica teria terminado num fato demasiado prosaico... Mas suportaste com paciência augusta, porque teu escudo estava branco e nenhuma mancha sujava tua honra de cavaleiro. Todo o mundo se ria então de tuas façanhas imortais, mas que importava o seu riso? Tu vivias em teu mundo próprio, mundo distinto dos outros; cada acontecimento se apresentava ante ti em cores e imagens particulares e quem se atreveria a sustentar que tuas visões eram piores que as dos outros? Tu vias gigantes, enquanto Sancho só percebia moinhos de vento, e considerando-se que a verdade absoluta não existe, já que aquilo que denominamos verdade está sempre determinado

por nossas condições subjetivas, por nossa convicção interior, tua opinião não foi pior que a do bom Sancho... Se tivesses contemplado o mundo com os mesmos olhos que os outros homens, jamais terias sido Don Quixote; no entanto, devido precisamente a teres interpretado os fenômenos do mundo segundo tua própria maneira, teu nome se tornou imortal e tua imagem aparece em nossos corações tão fresca e vívida como há três séculos. Portanto, nada pôde agravar-te por ter visto e sentido de um modo distinto do de teus contemporâneos. Eles zombaram de ti, mas tu nem sequer os ouvistes: seu riso não teve eco em teu mundo.

Mas hoje, ah! hoje o quadro variou completamente. Hoje te admiram, valente cavaleiro da Triste Figura. Agora celebram teu terceiro centenário com sábios discursos e festas ruidosas. Os mercadores, Don Quixote, os traficantes, os filhos pervertidos de teu fiel criado Sancho, te admiram. Outrora eras grande porque os mercadores, os homenzinhos prudentes e práticos zombaram de ti, mas hoje, hoje celebram tua memória ocultando o quadro de tua grandeza luminosa com seus ventres avultados e suas almas grosseiras... Nem sequer te consultaram se estás de acordo com seus festejos, se agradam suas homenagens... Eles são os donos da vida, grande cavaleiro, eles, os traficantes, compraram a propósito várias fangas de aveia para o magro Rocinante, a fim de que não seja tão magro em meio de uma companhia tão gorda.

Ó, compreendo tua dor, cavaleiro imortal! Sei por que

ocultas teu rosto com ambas as mãos: para que o mundo não veja a ofensa grave que te causaram. Acredita-me, nobre cavaleiro, que conheço teus pensamentos ocultos e participo completamente da dor de tua alma ofendida. Que o mundo se tenha rido de ti, que importava? Mas, que os mercadores festejem tua memória, que os ricos comerciantes de Madrid estabeleçam um prêmio de vinte mil pesetas para o que pinte o melhor retrato de ti, isto sim é doloroso, mais amargo que o fel... Eu não sei que classe de quadro vão fazer de ti, mas temo muito que representem o bom Rocinante como cavalo de cervejeiro e que a ti mesmo te ponham uma pança... Sim, grande cavaleiro, temo que o façam, porque nos tempos que correm já não se respeitam os ideais “magros”; no mundo dos mercadores até o idealismo engordou: não lhes nasceram asas, mas em compensação adquiriram um ventre respeitável... Que necessidade têm de asas? O caminho para as estrelas foi esquecido; hoje o idealismo permanece tranqüilamente no solo e recolhe vermezinhas...

Ó, nobre cavaleiro da Mancha! Tu travaste uma batalha contra gigantes e serpentes de fogo; os gigantes morreram a pouco e pouco, o fogo extinguiu e só ficaram as serpes, serpes — mercadoras, frias, escorregadiças que não podem contemplar o céu azul e o sol luminoso porque se arrastam através da vida como ladrões. Se te levantasses agora de teu túmulo e não voltasses a percorrer o mundo para realizar façanhas heróicas certamente deverias lutar com os mercadores, mais perigosos que os antigos gigantes...

Recordo ainda como se fosse a primeira vez que te conheci. Eu tinha então uns doze ou treze anos. Era uma noite de Natal; nós, as crianças, estávamos na cozinha aguardando com impaciência que a mãe bondosa abrisse a porta; estávamos impacientes, pois quem poderia adivinhar as surpresas que mamãe havia preparado para nós? E por fim abriu-se a porta do paraíso e todos corremos ao aposento com tanto ímpeto como se houvesse tratado de salvar a vida. As velas da árvore de Natal brilhavam com todas as cores e ao derredor delas estavam distribuídas as coisas boas que mamãe havia comprado para nós e ocultado com tanto zelo durante toda a semana. Aí estava o meu lugar: uma pequena espingarda, um quepe, um teatro infantil, maçãs, nozes e diversos doces, e no meio de toda essa riqueza havia um livro. A princípio não o havia visto, pois meus olhos estavam absorvidos por outros objetos; mais tarde, porém, ao descobri-lo, tomei-o rapidamente na mão e o contemplei com olhares curiosos. Trazia na capa um quadro: duas figuras extravagantes. Um homem alto e delgado que levava uma velha armadura demasiado pequena para ele e montava um velho cavalo tão magro como o dono; ao lado do primeiro ginete ia, montado em um asno cinzento, um homem pequeno e gordo. O título do livro era: História do engenhoso fidalgo Don Quixote de la Mancha. Aquela noite contemplei apenas as figuras do livro — era uma edição

ilustrada para crianças — mas não li nem uma palavra. Na manhã seguinte me entreguei ao meu tesouro literário. Fazia um frio espantoso em casa; não havia lume porque

minha mãe dormia ainda. Cuidadosamente desci da cama, peguei o livro e tornei a meter-me nela entre os frios lençóis. E comecei a ler. A princípio a história não me produziu grande impressão; logo depois, porém, quando cheguei às façanhas heróicas do nobre fidalgo, eu não contive o riso. “Que louco! — pensei — Até um cego poderia ver que se trata de moinhos de vento e não de gigantes. Estranhava-me que não se importasse com as palavras razoáveis do prudente Sancho!” E eu experimentava um verdadeiro prazer quando lhe quebravam as costelas. Mas logo nasceu em meu coração outro sentimento: a compaixão. Eu imaginava a figura de mártir do valente cavaleiro e seus lábios ensangüentados e me indignei porque o tratavam tão mal. “É um louco; não sabe o que faz! Por que maltratá-lo tanto?”

Voltei a ler o livro com freqüência, até que o perdi um dia no bosque. Sentia-o muito, mas as crianças esquecem facilmente e eu também esqueci a pouco e pouco a Don Quixote, a Sancho Pança, a Rocinante, à formosa Dulcinéia del Toboso. Passaram-se os anos. O idealismo tormentoso da juventude me abraçou também a mim com toda a veemência de sua força. Nesse formoso período voltei a ler pela segunda vez Don Quixote. Havia caído por causalidade em minhas mãos e desde então já não me separei dele.

Eu não poderia afirmar que me tenha sentido entusiasmado por ele nos primeiros tempos. Ainda via nele um cego fantaseador, vítima inconsciente de uma idéia fixa; contudo lia-o com sumo agrado, porque a esplêndida arte

narrativa de Cervantes me produzia uma forte impressão. Então compreendi também contra quem havia dirigido sua obra imortal, o grande espanhol; algumas coisas somente me eram incompreensíveis: eu não percebia ainda o Rocinante, que eu mesmo montava e ainda não me dava conta de que eu estava também enamorado da imorredoura Dulcinéia del Toboso. Agora sei muito bem que cada um de nós cavalga em seu próprio Rocinante e está enamorado de alguma Dulcinéia e, para dizer a verdade, alegro-me de que seja assim... Mas então ignorava tudo isso. Don Quixote era um dos meus favoritos, mas na realidade só era um hóspede para mim.

E novamente transcorreram meses e anos. Eu abracei a vida e a beijei com todo o idealismo, com toda a força da juventude. Em minha mente se refletiam quadros sublimes, quadros de felicidade e de amor, de um futuro grandioso e belo. E neste período me visitava amiúde um hóspede estranho, desconhecido; chegava ao anoitecer, quando a obscuridade se estendia lá fora, e levava sempre a mesma capa negra sobre os ombros secos. Sua visita nunca era prolongada. Vinha, contemplava-me com olhos frios e cruéis, em seus lábios finos e pálidos aparecia um sorriso de desprezo e não pronunciava uma única palavra. Cada vez que me visitava eu sentia uma punhalada no coração: não o queria, mas tampouco o odiava. Eu esperava sempre que me falasse; às vezes até movia os lábios como se me quisesse dizer alguma coisa, mas eu nada compreendia. Logo deixou de vir por algum tempo. Mas uma noite voltou de novo e esta vez sim, falou-me. “Louco, para que?” —

isso foi tudo o que disse, e logo partiu. “Louco, para que?” Estas palavras ardiam em minha alma como um fogo infernal, ressoavam constantemente em meus ouvidos, causando-me muitos momentos amargos e dolorosos. Qual, é o sentido dessas palavras? — perguntava-me. E de repente me apareceu a cara conhecida, com os olhos frios e impiedosos, os lábios finos e pálidos e o eterno sorriso de desprezo... E perdia o valor de achar uma resposta à minha pergunta.

Em certa ocasião, era no inverno, voltei para casa altas horas da noite. Havia ido ver Hamlet e a obra formidável do genial inglês impressionou os sentimentos mais recônditos de minha alma. Eu sentia tanta amargura em meu coração, estava eu tão triste e melancólico, que quase ia a romper em choro. Sentado ante minha mesa, volvi a ouvir as palavras terríveis que tanto me haviam torturado e que me eram tão odiosas: “Louco, para que?” Desesperado, tomei do livro: era o primeiro tomo de Quixote. Nobre cavaleiro da Mancha, podes imaginar quão agradecido te fico? A não ser por ti, certamente não teria sobrevivido àquela noite tremenda, inesquecível. Passei a noite lendo e meu coração se sentiu aliviado e contente; meus olhos derramaram lágrimas, não por causa da dor, mas devido a uma alegria interior que me fazia chorar. Por fim deixei o livro de um lado e me pus a passear pela pequena casa. Nessa noite, que começou tão tristemente, senti-me inteiramente ditoso.

De repente olhei por acaso o espelho que estava em cima da chaminé. Que é isso, um sonho ou um quadro real?

Ali, no espelho, divisei o fidalgo da Mancha. Montava seu Rocinante e me fazia amavelmente um sinal com a cabeça. Mas seu rosto me era muito conhecido! Movi o braço para a esquerda e o cavaleiro do espelho fez o mesmo. Meneei a cabeça; Don Quixote fez idêntico movimento. E logo compreendi quem era e conheci também Rocinante. Mas não vou revelar-vos o segredo... “Louco, para que?” ressoou novamente em meus ouvidos; mas esta vez já não tive medo da pergunta, porque já sabia que responder. “Louco, para que?”, perguntas, hóspede silencioso e desconhecido dos grandes olhos enigmáticos, “para que?”. Pois agora vou dizer-te: para montar um Rocinante e estar enamorado de uma Dulcinéia del Toboso...

Então eu não sabia nada de Nietzsche, mas já compreendia a magnífica lição de Zarathustra: Ditoso é o homem que pode zombar de si mesmo! Desde aquele momento o nobre cavaleiro da Mancha já não era para mim um hóspede, mas um bom amigo. Via-o em todos os períodos da história humana e concebi que Don Quixote e Hamlet são os dois pólos ao redor dos quais gira a nossa existência.

Sim, valente fidalgo, tu eras grande, não por teus fatos, mas pela força de tua vontade poderosa. Não esperastes que algum dia criara um mundo para mim, tu mesmo criastes um mundo, teu próprio mundo; podem os outros rir dele, tu contudo és um criador, enquanto eles são somente seres de outro mundo, que receberam em herança, pois eles jamais seriam capazes de criá-lo. Tu és imortal porque o és todo



para ti; não querias ser o escravo mas o senhor da vida e por isso tiveste sempre o valor de proceder, ainda quando a razão prática de teus coetâneos não via nenhum motivo para a ação. Ó, cavaleiro da Triste Figura, oxalá tivéssemos nós um pouco desse valor para agir, desse valor que não teme as conseqüências! Que bem nos faria nesta época em que o espírito de Hamlet domina as almas e os corações dos poucos homens que não tomam parte no baile dos mercadores em torno do bezerro de ouro! Todos nós temos visto, como Hamlet, o fantasma de nosso pai assassinado e conhecemos o assassino, mas renunciemos à ação, à ação salvadora e libertadora, nobre cavaleiro. Vivemos num mundo de ciência positiva e nossos corações estão vazios e as almas murchas.

Antigamente os homens tremiam ante a morte e por isso suportavam com mais resignação o jugo da servidão e da escravidão, desde que pudessem salvar a vida. Os Hamlet de nossa época não temem a morte, sua covardia adquiriu um caráter diverso: tremem ante o ridículo, porque se esqueceram de rir de si mesmos. Eles vêem a sombra ensangüentada do assassinado e bem quiseram tirar vingança do homicida, mas há uma coisa que os detém: não o medo da morte, mas a idéia de que talvez os gigantes se convertam em moinhos de vento, que a tragédia talvez termine em comédia; e em tal caso Hamlet perderia sua fama de pensador profundo, e a gente diria: “Vede que néscio é, nem sequer sabe distinguir entre um gigante e um moinho de vento”; e para Hamlet a burla das pessoas é pior que a morte...

Uma partícula de teu espírito, nobre cavaleiro, uma partícula apenas... Isto é o que poderia salvar-nos. A ação foi relegada ao esquecimento pelo conhecimento: aprendemos, graças a Deus, a diferenciar os gigantes dos moinhos de vento, mas se tu não ressuscitas nós apodrecemos no conhecimento: saberemos tudo mas não saberemos nada... Nossos cérebros se tornarão cada vez mais perfeitos; contudo a força dos músculos se irá extinguindo, nossos braços se tornarão impotentes...

E não obstante, devemos dirigir-nos hoje tão-somente aos Hamlet; talvez nos entendam e com o tempo, quem sabe, ambos os pólos talvez se encontrem no equador da vida e Don Quixote e Hamlet se tornem amigos: o primeiro aprenderá a ser o fantasma do pai morto, a reconhecer o assassino verdadeiro, e Hamlet irá montado num Rocinante e escreverá poesias dedicadas à imortal Dulcinéia del Toboso... Quem pode saber o que nos oferecerá o futuro? E a quem, se não aos Hamlet, iremos dirigir nossa palavra? Hamlet nasceu sob o céu cinzento e nas névoas espessas da Inglaterra e quando tiver ocasião de conhecer a pátria de Don Quixote, o formoso céu azul da Mancha, quem sabe como nele influirá o clima?

A quem nos haveremos de nos dirigir, nobre cavaleiro? Aos mercadores que celebram agora tuas façanhas imortais? A eles, don Quixote? A eles havemos de falar? Ó, nobre cavaleiro da Mancha, vejo quão vermelho fica o teu rosto ao recordar com quanta crueldade te ofenderam! Tu não podes compreender como degenerou a tua raça. É verdade

que Sancho era um grande comilão, sua inteligência não abarcava mais que as necessidades de seu estômago e de noite, quando tu, valente fidalgo, sonhavas com grandes façanhas e com a formosa Dulcinéia, ele permanecia estendido, roncando ruidosamente. Apesar disso, era um homem bom e alegre e quando não havia nada melhor ficava satisfeito com um pedaço de pão e um par de cebolas. Mas tudo isso ocorria enquanto tu vivias. Tu eras seu amo e ele com seu jumento tinha de arrastar-se atrás de ti e de Rocinante, porque sabia muito bem que só tu e não outro lhe proporcionarias a ilha prometida. E foi uma desgraça que não tenha morrido antes de ti, porque depois de teu falecimento considerou-se senhor e viveu de tua honra. Seus filhos esqueceram logo que seu pai havia sido um simples escudeiro e lhes pareceu que o velho Sancho foi o herói verdadeiro de tua história. Certamente o pai lhes falou antes de morrer da formosa Dulcinéia e eles se empenharam em encontrá-la: como gente prática, que nunca voa no ar com seus pensamentos, deram logo com ela. Mas adivinhei o que fizeram. Tenho medo de dizê-lo, mas também não posso ocultar, porque o assunto gravita sobre minha razão como uma pedra.

Violaram-na, os miseráveis, e a divina Dulcinéia foi engravidada pelos filhos de um escudeiro... Nobre cavaleiro: os ricos comerciantes de Madri que estabeleceram um prêmio por teu retrato autêntico são os filhos espúrios, os netos de teu antigo criado Sancho Pança...

E esses bastardos são agora os donos da vida. Eles prostituíram os sentimentos delicados da humanidade, fecharam com portas de ferro o caminho para as estrelas e adornaram com moedas de prata o caminho que leva ao lodaçal. Esses servidores do bezerro de ouro fizeram do mundo uma mancebia, e aí daqueles que se negam a reconhecer sua honestidade de mercadores! Um dia, um rouxinol cantou ante as suas portas e eles lhe perguntaram em seguida: “Qual é teu preço comum? Quanto se te deve pelo canto?” e o rouxinol fugiu para nunca mais voltar. E foi bem feito. Porque ali onde grunhem os porcos, não pode cantar o rouxinol. Felizmente os portões do céu estão fechados, senão os senhores da vida enviariam uma delegação ao Criador para perguntar-lhe o que lhe devem pelo universo que criou para eles.

Ó, nobre cavaleiro da Mancha, defensor da justiça, que fizeram de teu nome honesto essas almas de mercadores que celebram agora teu terceiro centenário? Temo que o bom Rocinante não poderá suportar a ignomínia e a vergonha que te causaram. E para consolar-te, grande cavaleiro, para diminuir um pouco as tuas aflições, escrevi estas palavras, mediante as quais se recordarão os solitários, os ascéticos e incrédulos, os sonhadores de coração sangrante e de alma enferma, que trezentos anos atrás vivia um cavaleiro que se sentia feliz de cavalgar num Rocinante e de estar enamorado da bela Dulcinéia. E talvez leiam tua história e a alegria lhes suavize os pobres corações...

Esta é a minha homenagem em teu aniversário; eu não sei

se vai agradar-te, mas hás de recebê-la com o coração limpo... Contudo, sentir-me-ia feliz se ressuscitasses no mundo dos mercadores. Eu te receberia como um monarca e com lágrimas nos olhos te beijaria como o salvador e redentor da humanidade escravizada. E chamaria a todos os desesperançados e desesperados para que se reconfortassem com a tua presença e lhes diria: “Tirai os sapatos porque a terra em que pisais agora é terra sagrada”.

Rudolf Rocker

Escrito em 1905

in

As Idéias Absolutistas no Socialismo

eBooksBrasil, web, julho 2002

**O Engenhoso Fidalgo  
D. Quixote de la Mancha**

**Miguel de Cervantes**

**TAXA**

Eu, João Gallo de Andrada, escrivão de câmara do Rei nosso senhor, dos que residem em seu Conselho, certifico e dou fé que, tendo visto pelos senhores dele um livro intitulado O engenhoso fidalgo da Mancha, composto por Miguel de Cervantes Saavedra, taxaram cada caderno do dito livro em três maravedis e meio: o qual tem oitenta e três cadernos, que, ao dito preço, monta o dito livro a duzentos e noventa maravedis e meio, em que se há de

vender em papel, e deram licença para que a este preço se possa vender, e mandaram que esta taxa se ponha no começo do dito livro, e não se possa vender sem ela. E, para que dele conste, dei a presente, em Valladolid, aos vinte dias do mês de dezembro de mil e seiscentos e quatro anos.

Juan Galli de Andrada.

## **TESTEMUNHO DAS ERRATAS**

Este livro não tem coisa digna que não corresponda ao seu original; em testemunho de o haver corrigido, dei esta fé. No Colégio da Mãe de Deus dos teólogos da Universidade de Alcalá, em primeiro de dezembro de mil e seiscentos e quatro anos.

O licenciado

Francisco Murcia de la Llana.

## **O REI**

Porquanto por parte de vós, Miguel de Cervantes, nos foi relatado que havíeis composto um livro intitulado O engenhoso fidalgo da Mancha, o qual vos havia custado muito trabalho, e era mui útil e proveitoso, nos pedistes e suplicastes vos mandássemos dar licença e faculdade para o poder imprimir, e privilégio pelo tempo que fôssemos servidos, ou como a nossa mercê fosse; o qual visto pelos do nosso Conselho, porquanto no dito livro se fizeram as

diligências que a premática ultimamente por nós feita sobre a impressão dos livros dispõe, foi acordado que devíamos mandar dar esta nossa cédula para vós, na dita razão, e nós a tivemos por bem; pelo qual, por vos fazer bem e mercê, vos damos licença e faculdade para que vós ou a pessoa que vosso poder tiver, e não alguma outra, possais imprimir o dito livro, intitulado O engenhoso fidalgo da Mancha, já mencionado, em todos estes nossos reinos de Costela, por tempo e espaço de dez anos, que corram e se contem desde o dito dia da data desta nossa cédula, sob pena que a pessoa ou pessoas que, sem ter vosso poder, o imprimir ou vender, ou fizer imprimir ou vender, pelo mesmo caso perca a impressão que fizer, com os moldes e aparelhos dela, e mais, incorra em pena de cinqüenta mil maravedis cada vez que o contrário fizer. A qual dita pena seja a terça parte para a pessoa que o

acusar, e a outra terça parte para nossa Câmara, e a outra terça parte para o juiz que o sentenciar. Contanto que todas as vezes que houverdes de fazer imprimir o dito livro, durante o tempo dos ditos dez anos, o trageis ao nosso Conselho, juntamente com o original que nele foi visto, que vai rubricado em cada lauda e firmado ao fim dele por João Gallo de Andrada, nosso Escrivão de Câmara, dos que nele residem, para saber se a dita impressão está conforme o original, ou trageis fé em pública forma de como por corretor nomeado por nosso mandado, se viu e corrigiu a dita impressão pelo original, e se imprimiu conforme a ele, e ficam impressas as erratas por ele apontadas, para cada um livro dos que assim forem impressos, para que se taxe o preço que por cada volume tiverdes de haver. E mandamos

ao impressor que assim imprimir o dito livro, não imprima o princípio nem o primeiro caderno dele, nem entregue mais de um só livro com o original ao autor, ou pessoa a cuja custa o imprimir, nem outro algum, para efeito da dita correção e taxa, até que antes e primeiro o dito livro esteja corrigido e taxado pelos do nosso Conselho; e estando feito, e não de outra maneira, possa imprimir o dito princípio e primeiro caderno, e sucessivamente ponha esta nossa cédula e a aprovação, taxa e erratas, sob pena de cair e incorrer nas penas contidas nas leis e premáticas destes nossos reinos. E mandamos aos do nosso Conselho e a outras quaisquer justiças deles, guardem e cumpram esta nossa cédula e o nela contido. Feita em Valladolid, aos vinte e seis dias do mês de setembro de mil e seiscentos e quatro anos.

EU, O REI.

Por mandado del Rei nosso senhor:

Juan de Amezqueta.

**AO DUQUE DE BÉJAR,  
marquês de Gibrleón, conde de Benalcázar e  
Banhares, visconde do Povoado de Alcocer, senhor  
das vilas de Capilha, Curiel e Burguilhos**

Em fé do bom acolhimento e honra que faz Vossa Excelência a toda sorte de livros, como príncipe tão inclinado a favorecer as boas artes, maiormente as que por sua nobreza não se abatem ao serviço e louvores do vulgo, determinei tirar à luz ao Engenhoso fidalgo Dom Quixote da Mancha, ao abrigo do claríssimo nome de Vossa



Excelência, a quem, com o acatamento que devo a tanta grandeza, suplico o receba agradavelmente em sua proteção, para que à sua sombra, ainda que desnudo daquele precioso ornamento de elegância e erudição de que soem andar vestidas as obras que se compõem nas casas dos homens que sabem, ouse parecer seguramente no juízo de alguns que, contendo-se nos limites de sua ignorância, costumam condenar com mais rigor e menos justiça os trabalhos alheios; que, pondo os olhos a prudência de Vossa Excelência em meu bom desejo, fio em que não desdenhará a cortesia de tão humilde serviço.

Miguel de Cervantes Saavedra.

## **PRÓLOGO**

DESOCUPADO LEITOR: Não preciso de prestar aqui um juramento para que creias que com toda a minha vontade quisera que este livro, como filho do entendimento, fosse o mais formoso, o mais galhardo, e discreto que se pudesse imaginar: porém não esteve na minha mão contravir à ordem da natureza, na qual cada coisa gera outra que lhe seja semelhante; que podia portanto o meu engenho, estéril e mal cultivado, produzir neste mundo, senão a história de um filho

magro, seco e enrugado, caprichoso e cheio de pensamentos vários, e nunca imaginados de outra alguma pessoa? Bem como quem foi gerado em um cárcere onde toda a incomodidade tem seu assento, e onde todo o triste ruído

faz a sua habitação! O descanso, o lugar aprazível, a amenidade dos campos, a serenidade dos céus, o murmurar das fontes, e a tranqüilidade do espírito entram sempre em grande parte, quando as musas estéreis se mostram fecundas, e oferecem ao mundo partos, que o encham de admiração e de contentamento.

Acontece muitas vezes ter um pai um filho feio e extremamente desengraçado, mas o amor paternal lhe põe uma peneira nos olhos para que não veja estas enormidades, antes as julga como descrições e lindezas, e está sempre a contá-las aos seus amigos, como agudezas e donaires.

Porém eu, que, ainda que pareço pai, não sou contudo senão padraсто de D. Quixote, não quero deixar-me ir com a corrente do uso, nem pedir-te, quase com as lágrimas nos olhos, como por aí fazem muitos, que tu, leitor caríssimo, me perdoes ou desculpes as faltas que encontrares e descobrires neste meu filho; e porque não és seu parente nem seu amigo, e tens a tua alma no teu corpo, e a tua liberdade de julgar muito à larga e a teu gosto, e estás em tua casa, onde és senhor dela como el-rei das suas alcavalas, e sabes o que comumente se diz que debaixo do meu manto ao rei mato (o que tudo te isenta de todo o respeito e obrigação) podes do mesmo modo dizer desta história tudo quanto te lembrar sem teres medo de que te caluniem pelo mal, nem te premeiem pelo bem que dela disseres.

O que eu somente muito desejava era dar-ta mondada e despida, sem os ornatos de prólogo nem do inumerável catálogo dos costumados sonetos, epigramas, e elogios, que

no princípio dos livros por aí é uso pôr-se; pois não tenho remédio senão dizer-te que, apesar de me haver custado algum trabalho a composição desta história, foi contudo o maior de todos fazer esta prefação, que vais agora lendo.

Muitas vezes peguei na pena para escrevê-la, e muitas a tornei a largar por não saber o que escreveria; e estando em uma das ditas vezes suspenso, com o papel diante de mim, a pena engastada na orelha, o cotovelo sobre a banca, e a mão debaixo do queixo, pensando no que diria, entrou por acaso um meu amigo, homem bem entendido, e espirituoso, o qual, vendo-me tão imaginativo, me perguntou a causa, e eu, não lha encobrimdo, lhe disse que estava pensando no prólogo que havia de fazer para a história do D. Quixote, e que me via tão atrapalhado e aflito com este empenho, que nem queria fazer tal prólogo, nem dar à luz as façanhas de um tão nobre cavaleiro: Porque como quereis vós que me não encha de confusão o antigo legislador, chamado Vulgo, quando ele vir que no cabo de tantos anos, como há que durmo no silêncio do esquecimento, me saio agora, tendo já tão grande carga de anos às costas, com uma legenda seca como as palhas, falta de invenção, minguada de estilo, pobre de conceitos, e alheia a toda a erudição e doutrina, sem notas às margens, nem comentários no fim do livro, como vejo que estão por aí muitos outros livros (ainda que sejam fabulosos e profanos) tão cheios de sentenças de Aristóteles, de Platão, e de toda a caterva de filósofos que levam a admiração ao ânimo dos leitores, e fazem que estes julguem os autores dos tais livros como homens lidos, eruditos, e eloqüentes? Pois que, quando citam a Divina

Escritura, se dirá que são uns Santos Tomases, e outros doutores da Igreja, guardando nisto um decoro tão engenhoso, que em uma linha pintam um namorado distraído, e em outra fazem um sermãozinho tão cristão, que é mesmo um regalo lê-lo ou ouvi-lo.

De tudo isto há-de carecer o meu livro, porque nem tenho que notar nele à margem, nem que comentar no fim, e ainda menos sei os autores que sigo nele para pô-los em um catálogo pelas letras do alfabeto, como se usa, começando em Aristóteles, e acabando em Xenofonte, em Zoilo ou em Zeuxis, ainda que foi maldizente um destes e pintor o outro.

Também há-de o meu livro carecer de sonetos no princípio, pelo menos de sonetos cujos autores sejam duques, marqueses, condes, bispos, damas, ou poetas celebérrimos, bem que se eu os pedisse a dois ou três amigos meus que entendem da matéria, sei que mos dariam tais, que não os igualassem os daqueles que têm mais nome na nossa Espanha. Enfim, meu bom e querido amigo, continuei eu, tenho assentado comigo em que o senhor D. Quixote continue a jazer sepultado nos arquivos da Mancha até que o céu lhe depare pessoa competente que o adorne de todas estas coisas que lhe faltam, porque eu me sinto incapaz de remediá-las em razão das minhas poucas letras e natural insuficiência, e, ainda de mais a mais, porque sou muito preguiçoso e custa-me muito a andar procurando autores que me digam aquilo que eu muito bem me sei dizer sem eles. Daqui nasce o embaraço e suspensão em que me achastes submerso: bastante causa me parece ser

esta que tendes ouvido para produzir em mim os efeitos que presenciais.

Quando o meu amigo acabou de ouvir tudo o que eu lhe disse, deu uma grande palmada na testa, e em seguida, depois de uma longa e estrondosa gargalhada, me respondeu:

“Por Deus, meu amigo, que ainda agora acabo de sair de um engano em que tenho estado desde todo o muito tempo em que vos hei conhecido, no qual sempre vos julguei homem discreto e prudente em todas as vossas ações; agora, porém, conheço o erro em que caí e o quanto estais longe de serdes o que eu pensava, que me parece ser maior a distância do que é do céu à terra. Como?! Pois é possível que coisas, de tão insignificante importância e tão fáceis de remediar, possam ter força de confundir e suspender um engenho tão maduro como o vosso, e tão afeito a romper e passar triunfantemente por cima de outras dificuldades muito maiores? À fé que isto não vem de falta de habilidade, mas sim de sobejo de preguiça e penúria de reflexão. Quereis convencer-vos da verdade que vos digo? Estai atento ao que vou dizer-vos, e em um abrir e fechar de olhos achareis desfeitas e destruídas todas as vossas dificuldades, e remediadas todas as faltas que vos assustam e acobardam para deixardes de apresentar à luz do mundo a história do vosso famoso D. Quixote, espelho e brilho de toda a cavalaria andante.”

Aqui lhe atalhei eu com a seguinte pergunta:

“Dizei-me: qual é o modo por que pensais que hei-de encher o vazio do meu temor, e trazer a lúcida claridade ao escuro caos da minha confusão?”

A isto me replicou ele:

“O reparo que fazeis sobre os tais sonetos, epigramas e elogios que faltam para o princípio do vosso livro, e que sejam de personagens graves e de Título, se pode remediar, uma vez que vós mesmo queirais ter o trabalho de os compor, e depois batizá-los, pondo-lhes o nome da pessoa que for mais do vosso agrado, podendo mesmo atribuí-los ao Prestes João das Índias, ou ao imperador de Trapizonda, dos quais eu por notícias certas sei que foram famosos poetas; mas, ainda quando isto seja patranha e não o tenham sido, e apareçam porventura alguns pedantes palradores, que vos mordam por detrás, e murmurem desta peta, não se vos dê dez réis de mel coado desses falatórios, porque, ainda quando averigüem a vossa velhacaria a respeito da paternidade dos tais versos, nem por isso vos hão-de cortar a mão com que os escrevestes.

“Enquanto ao negócio de citar nas margens do livro os nomes dos autores, dos quais vos aproveitardes para inserirdes na vossa história os seus ditos e sentenças, não tendes mais que arranjar-vos de maneira que venham a ponto algumas dessas sentenças, as quais vós saibais de memória, ou pelo menos que vos dê o procurá-las muito pouco trabalho, como será, tratando por exemplo de liberdade e escravidão, citar a seguinte:

Non bene pro toto libertas venditur auro,  
e logo à margem citar Horácio, ou quem foi que o disse. Se  
tratardes do poder da morte, acudi logo com:

Pallida mors aequo pulsat pede pauperum tabernas  
Regumque turres.

Se da amizade e amor que Deus manda ter para com os  
inimigos, entrai-vos logo sem demora pela Escritura  
Divina, o que podeis fazer com uma pouca de curiosidade, e  
dizer depois as palavras pelo menos do próprio Deus: Ego  
autem dico vobis: Diligite inimicos vestros. Se tratardes de  
maus pensamentos, vinde com o Evangelho, quando este  
diz: De corde exeunt cogitationes malae; se da instabilidade  
dos amigos, aí está Catão que vos dará o seu dístico:

Donec eris felix, multos numerabis amicos  
Tempora si fuerint nubila, solus eris.

Com estes latins, e com outros que tais, vos terão,  
sequer por gramático, que já o sê-lo não é pouco honroso, e  
às vezes também proveitoso nos tempos de agora.

“Pelo que toca a fazer anotações ou comentários no fim  
do livro, podeis fazê-los com segurança da maneira  
seguinte: Se nomeardes no vosso livro algum gigante, não  
vos esqueçais de que este seja o gigante Golias, e somente  
com este nome, que vos custará muito pouco a escrever,  
tendes já um grande comentário a fazer, porque podeis  
dizer, pouco mais ou menos, isto: “O gigante Golias, ou  
Goliath, foi um Filisteu, a quem o pastor David matou com

uma grande pedrada que lhe deu no vale de Terebinto, segundo se conta no livro dos Reis, no capítulo onde achardes que esta história se acha escrita.” Em seguida a esta anotação, para mostrar-vos homem erudito em letras humanas e ao mesmo tempo um bom cosmógrafo, fazei de modo que no livro se comemore o rio Tejo, e vireis logo com um magnífico comentário, dizendo: “O rio Tejo foi assim chamado em memória de um antigo rei das Espanhas; tem o seu nascimento em tal lugar e vai morrer no mar Oceano, beijando os muros da famosa cidade de Lisboa, e é opinião de muita gente que traz areias de ouro, etc.” Se tratares de ladrões, dar-vos-ei a história de Caco, a qual eu sei de cor; se de mulheres namoradeiras, aí está o bispo de Mondonedo que vos emprestará Lâmia, Laís e Flora, cujo comentário vos granjeará grande crédito; se de mulheres cruéis, Ovídio porá Medéia à vossa disposição; se de feiticeiras e encantadoras, lá tendes Calipso em Homero, e Circe em Virgílio; se de capitães valerosos, Júlio César se vos dá a si próprio nos seus Comentários, e Plutarco vos dará mil Alexandres; se vos meterdes em negócios de amores, com uma casca de alhos que saibais da língua toscana topareis em Leão Hebreu, que vos encherá as medidas: e se não quereis viajar por terras estranhas, em vossa casa achareis Fonseca e seu Amor de Deus, no qual se cifra tudo quanto vós e qualquer dos mais engenhosos escritores possa acertar a dizer em tal matéria. Em conclusão, nada mais há senão que vós procureis meter no livro estes nomes, ou tocar nele estas histórias, que vos aponte, e depois deixai ao meu cuidado o pôr as notas marginais, e as anotações e comentários finais, e vos dou a



minha palavra de honra de vos atestar as margens de notas, e de apensar ao fim do livro uma resina de papel toda cheia de comentários.

“Vamos agora à citação dos autores que por aí costumam trazer os outros livros, mas que faltam no vosso. O remédio desta míngua é muito fácil, porque nada mais tendes a fazer do que pegar em um catálogo, que contenha todos os autores conhecidos por ordem alfabética, como há pouco dissestes; depois pegareis nesse mesmo catálogo e o inserireis no vosso livro, porque, apesar de ficar a mentira totalmente calva por não terdes necessidade de incomodar a tanta gente, isso pouco importa, e porventura encontrareis leitores tão bons e tão ingênuos que acreditem na verdade do vosso catálogo, e se persuadam de que a vossa história, tão simples e tão singela, todavia precisava muito daquelas imensas citações: e quando não sirva isto de outra coisa, servirá contudo por certo de dar ao vosso livro uma grande autoridade; além de que ninguém quererá dar-se ao trabalho de averiguar se todos aqueles autores foram consultados e seguidos por vós ou não o foram, porque daí não tira proveito algum, e de mais a mais, se me não iludo, este vosso livro não carece de alguma dessas coisas que dizeis lhe falta, pois todo ele é uma invectiva contra os livros de cavalarias, dos quais nunca se lembrou Aristóteles nem vieram à idéia de Cícero, e mesmo S. Basílio guardou profundo silêncio a respeito deles. O livro que escreveis há-de conter disparates fabulosos, com os quais nada têm que ver as pontualidades da verdade, nem as observações da astrologia, nem lhe servem de coisa alguma as medidas

geométricas, nem a confutação dos argumentos usados pela retórica, nem tem necessidade de fazer sermões aos leitores misturando o humano com o divino, mistura esta que não deve sair de algum cristão entendimento. No vosso livro o que muito convém é uma feliz imitação dos bons modelos, a qual, quanto mais perfeita for, tanto melhor será o que se escrever: e pois que a vossa escritura tem por único fim desfazer a autoridade que por esse mundo e entre o vulgo ganharam os livros de cavalaria, não careceis de andar mendigando sentenças de filósofos, conselhos da Divina Escritura, fábulas de poetas, orações de retóricos, e milagres de santos; o de que precisais é de procurar que a vossa história se apresente em público escrita em estilo significativo, com palavras honestas e bem colocadas, sonoras e festivas em grande abundância, pintando em tudo quanto for possível a vossa intenção, fazendo entender os vossos conceitos sem os tornar intrincados, nem obscuros. Procurai também que, quando ler o vosso livro, o melancólico se alegre e solte uma risada, que o risonho quase endoideça de prazer, o simples se não enfade, o discreto se admire da vossa invenção, o grave a não despreze, nem o prudente deixe de gabá-la. Finalmente, tende sempre posta a mira em derribar a mal fundada máquina destes cavaleirescos livros aborrecidos de muita gente, e louvados e queridos de muita mais. Se conseguirdes fazer quanto vos digo, não tereis feito pouco.”

Com grande silêncio estive eu escutando o que o meu amigo me dizia, e com tal força se imprimiram em mim as suas razões, que sem mais discussão alguma as aprovei por

boas, e delas mesmas quis compor este prólogo: aqui verás, leitor suave, a descrição do meu amigo, a minha boa ventura de encontrar um tal conselheiro em tempo de tão apertada necessidade, e a tua consolação em poderes ler a história tão sincera e tão verdadeira do famoso D. Quixote de la Mancha, do qual a opinião mais geral dos habitantes do Campo de Montiel é haver sido o mais casto enamorado, e o mais valente cavaleiro que desde muitos anos a esta parte apareceu por aqueles sítios. Não quero encarecer-te o serviço que te presto em dar-te a conhecer tão honrado e notável cavaleiro; mas sempre quero que me agradeças o conhecimento que virás a ter do grande Sancho Pança, seu escudeiro, no qual, segundo o meu parecer, te dou enfeixadas todas as graças escudeirais que pela caterva dos livros ociosos de cavalaria se encontram espalhadas e dispersas. E com isto Deus te dê saúde, e se não esqueça de mim.

Vale

## **AO LIVRO DE D. QUIXOTE DE LA MANCHA**

### **URGANDA, A DESCONHECIDA**

Se de chegar-te aos bo[ns],  
Livro, fosses com leitu[ra],  
Não te dirá o boquirro[to]  
Que não pões bem os de[dos].

Mas se o pão não se te co[ze]  
Por ir a mãos de idio[tas]  
Verás de mãos a bo[ca],  
Ainda não dar  
uma no cra[vo] Se  
bem se comem as  
mã[os) Por  
mostrar que são  
curio[sas].

E pois a experiência  
ensi[na] Que o que a  
boa árvore se  
arri[ma] Boa sombra  
o aco[lhe],  
Em Béjar tua boa estre[la]  
Uma árvore real te  
ofere[ce] Que dá  
príncipes por fru[to],  
Na qual floresceu um  
du[que) Que é novo  
Alexandre Mag[no]:  
Chega a sua sombra;  
que a ousa[dos]  
Favorece a Fortu[na].

De um nobre  
fidalgo manche[go]  
Contarás as  
aventu[ras],

A quem ociosas leitu[ras]  
Transtornaram a cabe[ça]:  
Damas, armas, cavalei[ros]  
O provocaram de mo[do],  
Que, qual  
Orlando  
Furio[so],  
Dosado ao  
namora[do],  
Alcançou à  
força de bra[ço]  
A Dulcinéia del  
Tobo[so].

Não indiscretos  
hierógli[fos]  
Estampes no  
escu[do];  
Que quando é tudo figu[ra],  
Com ruins pontos  
se apos[ta]. Se na  
direção te  
humi[lhas],  
Não dirá trocista alg[um]:  
“Que Dom  
Álvaro de  
Lu[na], Que  
Aníbal o de  
Carta[go],  
Que Rei Francisco

na Espa[nha] Se  
queixa da  
Fortu[na]!”

Pois aos céus  
não aprou[ve]  
Que saíesses tão  
ladi[no],  
Como o negro  
João Lati[no],  
Falar latim se  
recu[sa].

Não me espetes  
com agu[lha], Nem  
me alegues com  
filólo[go]; Porque,  
torcendo a bo[ca],  
Dirá o que  
entende a le[tra],  
Não um palmo  
das ore[lhas]:  
“Para que comigo  
flo[retar]?”

Não te metas em  
dese[nhos] Nem  
em saber vidas  
alhei[as];  
Que ao que não vai nem [vem]  
Passar ao largo é cordu[ra].

Que costumam em caperu[ça]“  
Dá-los aos que grace[jam];  
Mas queima-te as pesta[nas]  
Só em cobrar boa fa[ma];  
Que o que imprime toli[ces]  
Dá-as a censo perpé[tuo]

Adverte que é desati[no],  
Sendo de vidro o telha[do],  
Apanhar pedras na [mão]  
Para atirar ao vizi[nho].  
Deixa que o homem de ju[ízo]  
Nas obras que com[põe]  
Se vá com pés de chum[bo]:  
Que o que tira à luz pa[péis]  
Para entreter donze[las]  
Escreve às tontas e às lou[cas].

---

----- **AMADIS DE GAULA A D.**

## **QUIXOTE DE LA MANCHA SONETO**

Tu, que imitaste a chorosa vida  
Que levei ausente e desdenhado sobre  
O gran penhasco da Penha Pobre,  
De alegre a penitência reduzida.

Tu, a quem os olhos deram a bebida  
De abundante licor, embora salobra,

E erguendo-te de prata, estanho e cobre,  
Te deu a terra em terra a comida.

Vive seguro de que eternamente,  
Em tanto, ao menos, que na quarta esfera  
Seus cavalos excite o ruivo Apolo,

Terás claro renome de valente;  
Tua pátria será dentre todas a primeira;  
Teu sábio autor, ao mundo único e só.

**D. BELIANIS DE GRÉCIA A D. QUIXOTE DE LA  
MANCHA**

**SONETO**

Rompi, cortei, amolguei, fiz e refiz  
Mais que no orbe cavaleiro andante;  
Fui destro, valente, arrogante;  
Mil agravos vinguei, cera mil desfiz.

Faças-dei a Fama que eternize;  
Comedido e regalado amante;  
Foi anão para mim todo gigante  
E ao duelo em qualquer ponto satisfiz.

Tive a meus pés prostrada a Fortuna,  
E trouxe do copete minha cordura  
À calva Ocasão ao estricote.

Mas, ainda sobre os cornos da lua  
Sempre se viu no cume minha ventura,  
Tuas proezas invejo, ó grão Quixote!



**A SENHORA ORIANA A  
DULCINÉIA DEL TOBOSO  
SONETO**

Oh, quem tivera, formosa Dulcinéia,  
Por mais comodidade e mais repouso,  
A Miraflores posto em el Toboso,  
E trocara seus Londres com tua aldeia!

Oh, quem de teus desejos e libré  
Alma e corpo adornara e do famoso  
Cavaleiro que fizeste venturoso  
Mirara alguma desigual peleja!

Oh, quem tão castamente se escapara  
Do Senhor Amadis como fizeste  
Do comedido fidalgo Dom Quixote!

Que, assim, invejada fora e não invejara  
E fora alegre o tempo que foi triste,  
Gozara os prazeres sem limite.

**GANDALIM, ESCUDEIRO DE AMADIS DE  
GAULA, A SANCHOPANÇA, ESCUDEIRO DE D.  
QUIXOTE**

**SONETO**

Salve, varão famoso, a quem Fortuna

Quando no trato escuderil te pôs,  
Tão pacata e brandamente o dispôs,  
Que o passaste sem desgraça alguma.

Já a enxada ou a foice pouco repugna  
Ao andante exercício; já está em uso  
A lhaneza escudeira, com que acuso  
Ao soberbo que intenta pisar a lua.

Invejo teu jumento e teu nome,  
E a teus alforjes igualmente invejo,  
Que mostraram tua pacata providência.

Salve outra vez, ó Sancho! tão bom homem,  
Que a ti só nosso espanhol Ovidio  
Com um cascudo te faz reverência.

## **DO DONOSO, POETA ENTREVERADO, A SANCHO PANÇA E ROCINANTE**

### **A SANCHO PANÇA**

Sou Sancho Pança, escudei[ro]  
Do manchego Dom Quixo[te],  
Pus pés em polvoro[sa]  
Para viver ao discre[to];  
Que o tácito Vila-Dio[go),  
Toda sua razão de esta[do]  
Cifrou numa retira[da],  
Segundo sente Celesti[na],

Livro, ao meu ver, divi[no],  
Se encobrisse mais o huma[no].

## **A ROCINANTE**

Sou Rocinante, o famo[so],  
Bisneto do grande Babie[ca].  
Por pecados de fraque[za]  
Fui a poder dum Dom Quixo[te];  
Parelhas corri ao frou[xo];  
Mas por unha de cava[lo]  
Não me escapou ceva[da];  
Que isto tirei a Lazari[lho]  
Quando, para furtar o vi[nho]  
Ao cego, lhe dei a pa[lha].

## **ORLANDO FURIOSO A D. QUIXOTE**

### **DE LA MANCHA SONETO**

Se não és par, tampouco o tiveste:  
Que par puderas ser entre mil pares,  
Nem pode havê-lo onde tu te achares,  
Invicto vencedor, jamais vencido.

Orlando sou, Quixote, que perdido  
Por Angélica, vi remotos mares,  
Oferecendo à Fama em seus altares  
Aquele valor que respeitou o olvido.

Não posso ser teu igual; que este decoro  
Se deve a tuas proezas e a tua fama,  
Posto que, como eu, perdeste o siso.

Mas sê-lo-ás meu, se ao soberbo mauro  
e cita fero dornas, que hoje nos chama  
Iguais em amor com mau sucesso.

## **O CAVALEIRO DO FEBO A D. QUIXOTE**

### **DE LA MANCHA SONETO**

A vossa espada não igualou a minha,  
Febo espanhol, curioso cortesão,  
Nem à alta glória de valor minha mão,  
Que raio foi donde nasce e morre o dia.

Impérios desprezei: a monarquia  
Que me ofereceu o Oriente vermelho em vão  
Deixei, para ver o rosto soberano  
De Claridiana, aurora bela minha.

Amei-a por milagre único e raro,  
E, ausente em sua desgraça, o próprio inferno  
Temeu meu braço que domou sua raiva.

Mas vós, godo Quixote, ilustre e claro,  
Por Dulcinéia sois ao mundo eterno,  
E ela por vós, famosa, honesta e sábia.

### **DE SOLISDÃO A D. QUIXOTE**

## **DE LA MANCHA SONETO**

Malgrado, Senhor Quixote, que sandices  
Vos tenham o cérebro transtornado,  
Nunca sereis por alguém reprovado  
Por homem de obras vis e soezes.

Serão vossas façanhas os juízes,  
Pois erros desfazendo haveis andado,  
Sendo por vezes mil surrado  
Por vagabundos cativos e desprezíveis.

E se a vossa linda Dulcinéia  
Desaguisado contra vós comete,  
Nem a vossas penas mostra bom talante,

Em tal desmando, vosso consolo seja  
Que Sancho Pança foi mau alcoviteiro,  
Néscio ele, dura ela, e vós não amante.

## **DIÁLOGO ENTRE BABIECA E ROCINANTE SONETO**

B. Como estás, Rocinante, tão delgado?

R. Porque nunca se come, e se trabalha.

B. Pois, que é da cevada e da palha?

R. Não me deixa meu amo nem um bocado.

B. Vai, senhor, que estais mui malcriado  
pois vossa lingua de asmo ao amo falha.

R. Asno se é do berço à mortalha.

Quere-lo ver? Olhai-o enamorado.

B. É needade amar?

R. Não é grande imprudência.

B. Metafísico estais.

R. É que não como.

B. Queixai-vos do escudeiro.

R. Não é bastante.

Como me hei de queixar em minha dolência,

Se o amo e escudeiro ou mais mordomo

São tão rocins como Rocinante?

## **PRIMEIRA PARTE**

### **LIVRO PRIMEIRO**

#### **CAPÍTULO I**

Que trata da condição e exercício do famoso fidalgo D.  
Quixote de La Mancha.

NUM lugar da Mancha, de cujo nome não quero lembrar-me, vivia, não há muito, um fidalgo, dos de lança em cabido, adarga antiga, rocim fraco, e galgo corredor.

Passadio, olha seu tanto mais de vaca do que de carneiro, as mais das ceias restos da carne picados com sua cebola e vinagre, aos sábados outros sobejos ainda somenos, lentilhas às sextas feiras, algum pombito de crecença aos domingos, consumiam três quartos do seu haver. O remanescente, levavam-no saio de belarte, calças

de veludo para as festas, com seus pantufos do mesmo; e para os dias de semana o seu bellori do mais fino.

Tinha em casa uma ama que passava dos quarenta, uma sobrinha que não chegava aos vinte, e um moço da poisada e de porta a fora, tanto para o trato do rocim, como para o da fazenda.

Orçava na idade o nosso fidalgo pelos cinqüenta anos. Era rijo de compleição, seco de carnes, enxuto de rosto, madrugador, e amigo da caça.

Querem dizer que tinha o sobrenome de Quijada ou Quesada (que nisto discrepam algum tanto os autores que tratam da matéria), ainda que por conjecturas verossímeis se deixa entender que se chamava Quijana. Isto porém pouco faz para a nossa história; basta que, no que tivermos de contar, não nos desviemos da verdade nem um til.

É pois de saber que este fidalgo, nos intervalos que tinha de ócio (que eram os mais do ano) se dava a ler livros de cavalaria, com tanta afeição e gosto, que se esqueceu quase de todo do exercício da caça, e até da administração dos seus bens; e a tanto chegou a sua curiosidade e desatino neste ponto, que vendeu muitas courelas de sementeira para comprar livros de cavalarias que ler; com o que juntou em casa quantos pôde apanhar daquele gênero.

Dentre todos eles, nenhuns lhe pareciam tão bem como os compostos pelo famoso Feliciano da Silva, porque a clareza da sua prosa e aquelas intrincadas razões suas lhe pareciam de pérolas; e mais, quando chegava a ler aqueles

requebros e cartas de desafio, onde em muitas partes achava escrito: a razão da sem-razão que à minha razão se faz, de tal maneira a minha razão enfraquece, que com razão me queixo da vossa formosura; e também quando lia: os altos céus que de vossa divindade divinamente com as estrelas vos fortificam, e vos fazem merecedora do merecimento que merece a vossa grandeza.

Com estas razões perdia o pobre cavaleiro o juízo; e desvelava-se por entendê-las, e desentranhar-lhes o sentido, que nem o próprio Aristóteles o lograria, ainda que só para isso ressuscitara. Não se entendia lá muito bem com as feridas que D. Belianis dava e recebia, por imaginar que, por grandes facultativos que o tivessem curado, não deixaria de ter o rosto e todo o corpo cheio de cicatrizes e costuras. Porém, contudo louvava no autor aquele acabar o seu livro com a promessa daquela inacabável aventura; e muitas vezes lhe veio desejo de pegar na pena, e finalizar ele a coisa ao pé da letra, como ali se promete e sem dúvida alguma o fizera, e até o sacara à luz, se outros maiores e contínuos pensamentos lho não estorvaram.

Teve muitas vezes testilhas com o cura do seu lugar (que era homem douto, graduado em Siguença) sobre qual tinha sido melhor cavaleiro, se Palmeirim de Inglaterra, ou Amadis de Gaula. Mestre Nicolau, barbeiro do mesmo povo, dizia que nenhum chegava ao “Cavaleiro do Febo”; e que, se algum se lhe podia comparar, era D. Galaor, irmão do Amadis de Gaula, o qual era para tudo, e não cavaleiro melindroso nem tão chorão como seu irmão, e que em pontos de valentia lhe não ficava atrás.



Em suma, tanto naquelas leituras se enfrascou, que as noites se lhe passavam a ler desde o sol posto até à alvorada, e os dias, desde o amanhecer até fim da tarde. E assim, do pouco dormir e do muito ler se lhe secou o cérebro, de maneira que chegou a perder o juízo.

Encheu-se-lhe a fantasia de tudo que achava nos livros, assim de encantamentos, como pendências, batalhas, desafios, feridas, requebros, amores, tormentas, e disparates impossíveis; e assentou-se-lhe de tal modo na imaginação ser verdade toda aquela máquina de sonhadas invenções que lia, que para ele não havia história mais certa no mundo.

Dizia ele que Cid Rui Dias fora mui bom cavaleiro; porém que não tinha que ver com o Cavaleiro da Ardente Espada, que de um só revés tinha partido pelo meio a dois feros e descomunais gigantes.

Melhor estava com Bernardo del Cárpio, porque em Roncesvales havia morto a Roldão o encantado, valendo-se da indústria de Hércules quando afogou entre os braços a Anteu, filho da Terra.

Dizia muito bem do gigante Morgante, porque, com ser daquela geração dos gigantes, que todos são soberbos e descomedidos, só ele era afável e bem criado.

Porém sobre todos estava bem com Reinaldo de Montalvão, especialmente quando o via sair do seu castelo, e roubar quantos topava, e quando em Alende se apossou

daquele ídolo de Mafoma, que era de ouro maciço, segundo refere a sua história.

Para poder pregar um bom par de pontapés no traidor Galalão, dera ele a ama, e de crescenças a sobrinha.

Afinal, rematado já de todo o juízo, deu no mais estranho pensamento em que nunca jamais caiu louco algum do mundo; e foi: parecer-lhe convinável e necessário, assim para aumento de sua honra própria, como para proveito da república, fazer-se cavaleiro andante, e ir-se por todo o mundo, com as suas armas e cavalo, à cata de aventuras, e exercitar-se em tudo em que tinha lido se exercitavam os da andante cavalaria, desfazendo todo o gênero de agravos, e pondo-se em ocasiões e perigos, donde, levando-os a cabo, cobrasse perpétuo nome e fama.

Já o coitado se imaginava coroadado pelo valor do seu braço, pelo menos com o império de Trapizonda; e assim, com estes pensamentos de tanto gosto, levado do enlevo que neles trazia, se deu pressa a pôr por obra o que desejava; e a primeira coisa que fez foi limpar umas armas que tinham sido dos seus bisavós, e que, desgastadas de ferrugem, jaziam para um canto esquecidas havia séculos. Limpou-as e consertou-as o melhor que pôde; porém viu que tinham uma grande falta, que era não terem celada de encaixe, senão só morrião simples. A isto porém remediou a sua habilidade: arranjou com papelões uma espécie de meia celada, que encaixava com o morrião, representando celada inteira.

Verdade é que, para experimentar se lhe saíra forte e poderia com uma cutilada, sacou da espada e lhe atirou duas. Com a primeira para logo desfez o que lhe tinha levado uma semana a arranjar; não deixou de parecer-lhe mal a facilidade com que dera cabo dela. Para forrar-se a outra que tal, tornou a corregê-la, metendo-lhe por dentro umas barras de ferro, por modo que se deu por satisfeito com a sua fortaleza; e sem querer aventurar-se a mais experiências, a despachou e teve por celada de encaixe das mais finas.

Foi-se logo a ver o seu rocim; e dado tivesse mais quartos que um real, e mais tachas que o próprio cavalo de Gonela, que *tantum pellis et ossa fuit*, pareceu-lhe que nem o Bucéfalo de Alexandre nem o Babieca do Cid tinham que ver com ele.

Quatro dias levou a cismar que nome lhe poria, porque (segundo ele a si próprio se dizia) não era razão que um cavalo de tão famoso cavaleiro, e ele mesmo de si tão bom, ficasse sem nome aparatoso. Barafustava por lhe dar um, que declarasse o que fora antes de pertencer a cavaleiro andante; pois era coisa muito de razão que, mudando o seu senhor de estado, mudasse ele também de nome, e o cobrasse famoso e de estrondo, como convinha à nova ordem e ao exercício que já professava; e assim, depois de escrever, riscar, e trocar muitos nomes, ajuntou, desfez, e refez na própria lembrança outros, até que acertou em o apelidar Rocinante, nome (em seu conceito) alto, sonoro, e significativo do que havia sido quando não passava de

rocim, antes do que ao presente era, como quem dissera que era o primeiro de todos os rocins do mundo.

Posto a seu cavalo nome tanto a contento, quis também arranjar outro para si; nisso gastou mais oito dias; e ao cabo desparou em chamar-se D. Quixote; do que (segundo dito fica) tomaram ocasião alguns autores desta verdadeira história para assentarem que se devia chamar Quijada e não Quesada, como outros quiseram dizer.

Recordando-se porém de que o valoroso Amadis, não contente com chamar-se Amadis sem mais nada, acrescentou o nome com o do seu reino e pátria, para a tornar famosa, e se nomeou Amadis de Gaula, assim quis também ele, como bom cavaleiro, acrescentar ao seu nome o da sua terra, e chamar-se D. Quixote de la Mancha; com o que (a seu parecer) declarava muito ao vivo sua linhagem e pátria, a quem dava honra com tomar dela o sobrenome.

Assim, limpas as suas armas, feita do morrião celada, posto o nome ao rocim, e confirmando-se a si próprio, julgou-se inteirado de que nada mais lhe faltava, senão buscar uma dama de quem se enamorar; que andante cavaleiro sem amores era árvore sem folhas nem frutos, e corpo sem alma.

Dizia ele entre si:

— Demos que, por mal dos meus pecados (ou por minha boa sorte), me encontro por aí com algum gigante como de ordinário acontece aos cavaleiros andantes, e o derribo de um recontro, ou o parto em dois, ou finalmente o

venço e rendo; não será bem ter a quem mandá-lo apresentar, para que ele entre, e se lance de joelhos aos pés da minha preciosa senhora e lhe diga com voz humilde e rendida: “Eu, senhora, sou o gigante Caraculiambro, senhor da ilha Malindrânia, a quem venceu em singular batalha o jamais dignamente louvado cavaleiro D. Quixote de la Mancha, o qual me ordenou me apresentasse perante Vossa Mercê, para que a vossa grandeza disponha de mim como for servida”?

Como se alegrou o nosso bom cavaleiro de ter engehado este discurso, e especialmente quando atinou com quem pudesse chamar a sua dama!

Foi o caso, conforme se crê, que, num lugar perto do seu, havia certa moça lavradora de muito bom parecer, de quem ele em tempos andara enamorado, ainda que (segundo se entende) ela nunca o soube, nem de tal desconfiou. Chamava-se Aldonça Lourenço; a esta é que a ele pareceu bem dar o título de senhora dos seus pensamentos; e buscando-lhe nome que não desdisse muito do que ela tinha, e ao mesmo tempo desse seus ares de princesa e grã-senhora, veio a chamá-la Dulcinéia del Toboso, por ser Toboso a aldeia da sua naturalidade; nome este (em seu entender) músico, peregrino, e significativo, como todos os mais que a si e às suas coisas já havia posto.

## CAPÍTULO II

Que trata da primeira saída que de sua terra fez o engenhoso D. Quixote.

Concluídos pois todos estes arranjos, não quis retardar mais o pôr em efeito o seu pensamento, estimulando-o a lembrança da falta que estava já fazendo ao mundo a sua tardança, segundo eram os agravos que pensava desfazer, sem-razões que endireitar, injustiças que reprimir, abusos que melhorar, e dívidas que satisfazer.

E assim, sem a ninguém dar parte da sua intenção, e sem que ninguém o visse, uma manhã antes do dia, que era um dos encalmados de Julho, apercebeu-se de todas as suas armas, montou-se no Rocinante, posta a sua celada feita à pressa, abraçou a sua adarga, empunhou a lança, e pela porta furtada de um pátio se lançou ao campo, com grandíssimo contentamento e alvoroço, de ver com que felicidade dava princípio ao seu bom desejo.

Mas, apenas se viu no campo, quando o assaltou um terrível pensamento, e tal, que por pouco o não fez desistir da começada empresa: lembrou-lhe não ter sido ainda armado cavaleiro, e que, segundo a lei da cavalaria, não podia nem devia tomar armas com algum cavaleiro; e ainda que as tomara, havia de levá-las brancas, como cavaleiro donzel, sem empresa no escudo enquanto por seu esforço a não ganhasse.

Estes pensamentos não deixaram de lhe abalar os

propósitos; mas, podendo nele mais a loucura do que outra qualquer razão, assentou em que se faria armar cavaleiro por algum que topasse, à imitação de muitos que também assim o fizeram, segundo ele tinha lido nos livros do seu uso; e, quanto a armas brancas, limparia as suas por modo, logo que para isso tivesse lugar, que nem um arminho lhes ganhasse.

Com isto serenou, e seguiu jornada por onde ao cavalo apetecia, por acreditar que nisso consistia a melhor venida para as aventuras.

Indo pois caminhando o nosso flamante aventureiro,  
conversava consigo mesmo e dizia:

— Quem duvida de que lá para o futuro, quando sair à luz a verdadeira história dos meus famosos feitos, o sábio que os escrever há-de pôr, quando chegar à narração desta minha primeira aventura tão de madrugada, as seguintes frases: “Apenas tinha o rubicundo Apolo estendido pela face da ampla e espaçosa terra as doiradas melancias dos seus formosos cabelos, e apenas os pequenos e pintados passarinhos, com as suas farpadas línguas, tinham saudado, com doce e melíflua harmonia, a vinda da rosada aurora, que, deixando a branda cama do zeloso marido, pelas portas e varandas do horizonte manchego aos mortais se mostrava; quando o famoso cavaleiro D. Quixote de la Mancha, deixando as ociosas penas, se montou no seu famoso cavalo Rocinante e começou a caminhar pelo antigo e conhecido campo de Montiel (e era verdade, que por esse mesmo campo é que ele ia);” e continuou dizendo: “Ditosa idade e

século ditoso, aquele em que hão-de sair  
à luz as minhas famigeradas façanhas dignas de gravar-se  
em bronze, esculpir-se em mármore, e pintar-se em painéis  
para lembrança de todas as idades!” Ó tu, sábio encantador  
(quem quer que sejas) a quem há-de tocar ser o cronista  
desta história, peço-te que te não esqueças do meu bom  
Rocinante, meu eterno companheiro em todos os caminhos  
e carreiras.

E logo passava a dizer, como se verdadeiramente fora  
enamorado:

— Ó Princesa Dulcinéia, senhora deste cativo coração,  
muito agravo me fizestes em despedir-me e vedar-me com  
tão cruel rigor que aparecesse na vossa presença.  
Apraza-vos, senhora, lembrar-vos deste coração tão  
rendidamente vosso, que tantas mágoas padece por amor de  
vós.

E como estes ia tecendo outros disparates, todos pelo  
teor dos que havia aprendido nos seus livros, imitando,  
conforme podia, o próprio falar deles; e com isto  
caminhava tão vagaroso, e o sol caía tão rijo, que de todo  
lhe derreteria os miolos se alguns tivera.

Caminhou quase todo o dia sem lhe acontecer coisa  
merecedora de ser contada; com o que ele se amofinava,  
pois era todo o seu empenho topar logo logo onde provar o  
valor do seu forte braço.

Dizem alguns autores que a sua primeira aventura foi a  
de Porto Lápice; outros, que foi a dos moinhos de vento.



Mas o que eu pude averiguar, e o que achei escrito nos anais da Mancha, é que ele andou todo aquele dia, e, ao anoitecer, ele com o seu rocim se achava estafado e morto de fome; e que, olhando para todas as partes, a ver se se lhe descobriria algum castelo, ou alguma barraca de pastores, onde se recolher, e remediar sua muita necessidade, viu não longe do caminho uma venda, que foi como aparecer-lhe uma estrela que o encaminhava, se não ao alcáçar, pelo menos aos portais da sua redenção.

Deu-se pressa em caminhar, e chegou a tempo, que já a noite se ia cerrando.

Achavam-se acaso à porta duas mulheres moças, destas que chamam de boa avença, as quais se iam a Sevilha com uns arrieiros, que nessa noite acertaram de pousar na estalagem.

E como ao nosso aventureiro tudo quanto pensava, via, ou imaginava, lhe parecia real, e conforme ao que tinha lido, logo que viu a locanda se lhe representou ser um castelo com suas quatro torres, e coruchéus feitos de luzente prata, sem lhe faltar sua ponte levadiça, e cava profunda, e mais acessórios que em semelhantes castelos se debuxam.

Foi-se chegando à pousada (ou castelo, pelo que se lhe representava); e a pequena distância colheu as rédeas a Rocinante, esperando que algum anão surdiria entre as ameias a dar sinal de trombeta por ser chegado cavaleiro ao castelo.

Vendo porém que tardava, e que Rocinante mostrava pressa em chegar à estrebaria, achegou-se à porta da venda, e avistou as duas divertidas moças que ali estavam, que a ele lhe pareceram duas formosas donzelas, ou duas graciosas damas, que diante das portas do castelo se espareciam.

Sucedeu acaso que um porqueiro, que andava recolhendo de uns restolhos a sua manada de porcos (que este, sem faltar à cortesia, é que é o nome deles), tocou uma buzina a recolher. No mesmo instante se figurou a D. Quixote o que desejava; a saber: que lá estava algum anão dando sinal da sua vinda. E assim, com estranho contentamento, chegou à venda e às damas.

Elas, vendo acercar-se um homem daquele feitio, e com lança e adarga, cheias de susto já se iam acolhendo à venda, quando D. Quixote, conhecendo o medo que as tomara, levantando a viseira de papelão, e descobrindo o semblante seco e empoeirado, com o tom mais ameno e voz mais repousada lhes disse:

— Não fujam Suas Mercês, nem temam desaguizado algum, porquanto a Ordem de cavalaria que professo a ninguém permite que ofendamos, quanto mais a tão altas donzelas, como se está vendo que ambas sois.

Miravam-no as moças, e andavam-lhe com os olhos procurando o rosto, que a desastrada viseira em parte lhe encobria; mas como se ouviram chamar donzelas, coisa tão alheia ao seu modo de vida, não puderam conter o riso; e

foi tanto, que D. Quixote chegou a envergonhar-se e dizer lhes:

— Comedimento é azul sobre o ouro da formosura; e demais, o rir sem causa grave denuncia sandice. Não vos digo isto para que vos estomagueis, que a minha vontade outra não é senão servir-vos.

A linguagem que as tais fidalgas não entendiam, e o desajeitado do nosso cavaleiro, ainda acrescentavam nelas as risadas, e estas nele o enjôo; e adiante passara, se a ponto não saísse o vendeiro, sujeito que por muito gordo era muito pacífico de gênio. Este, vendo aquela despropositada figura, com arranjos tão disparatados como eram os aparelhos, as armas, lança, adarga, e corsolete, esteve para fazer coro com as donzelas nas mostras de hilaridade. Mas, reparando melhor naquela quantia de petrechos, teve mão em si, assentou em lhe falar comedidamente, e disse-lhe desta maneira:

— Se Vossa Mercê, senhor cavaleiro, busca pousada, excetuando o leito (porque nesta venda nenhum há) tudo mais achará nela de sobejo.

Vendo D. Quixote a humildade do “alcaide da fortaleza”, respondeu:

— Para mim, senhor castelão, qualquer coisa basta porque

“minhas pompas são as armas,  
meu descanso o pelejar.” etc.

Figurou-se ao locandeiro que o nome de castelão seria troca de castelhano (ainda que ele era andaluz, e dos da praia de S. Lucar, que em tunantes não lhe ficam atrás, e são mais ladrões que o próprio Caco, e burlões como estudante ou pajem); e assim lhe respondeu:

— Segundo isso (como também lá reza a trova),

“colchões lhe serão as penhas,  
e o dormir sempre velar.”

E sendo assim, pode muito bem apear-se, com a certeza de achar nesta choça ocasião e ocasiões para não dormir em todo um ano, quanto mais uma noite.

E dito isto, foi segurar no estribo a D. Quixote, o qual se apeou com muita dificuldade e trabalho, como homem que em todo o dia nem migalha tinha provado.

Disse logo ao hospedeiro que tivesse muito cuidado naquele cavalo, porque era a melhor peça de quantas consumiam pão neste mundo.

Reparou nele o vendeiro, e nem por isso lhe pareceu tão bom como D. Quixote lhe dizia, e nem metade. Acomodou-o na cavalaria, e voltou a saber o que o seu hóspede mandava; achou-o já às boas com as donzelas, que o estavam desarmando. Do peito de armas e couraça bem o tinham elas desquitado; mas o que nunca puderam, foi desencaixar-lhe a gola, nem tirar-lhe a composta celada, que trazia atada com umas fitas verdes, com tão cegos nós, que só cortando-as; no que ele de modo nenhum consentiu.

E assim passou a noite com a celada posta, que era a mais extravagante e graciosa figura que se podia imaginar.

Enquanto o estiveram desarmando, ele, que imaginava serem damas e senhoras, das principais do castelo, aquelas duas safadas firmas, com muito donaire lhes repetia:

— Nunca fora cavaleiro  
de damas tão bem servido,  
como ao vir de sua aldeia  
D. Quixote o esclarecido:  
donzelas tratavam dele,  
princesas do seu rocim,

ou Rocinante, que este é o nome do meu cavalo, senhoras minhas, e D. Quixote de la Mancha o meu. Não quisera eu descobrir-me, até que as façanhas, obradas em vosso serviço e prol, por si me proclamassem; mas a necessidade de acomodar ao lance presente este romance antigo de Lançarote ocasionou que viésseis a saber o meu nome antes de tempo. Dia porém virá em que Vossas Senhorias me intimem suas ordens, e eu lhas cumpra, mostrando com o valor do meu braço o meu grande desejo de servir-vos.

As moças, que não andavam correntes em semelhantes retóricas, não respondiam palavra; unicamente lhe perguntaram se queria comer alguma coisa.

— Da melhor vontade, e seja o que for — respondeu D. Quixote —, porque, segundo entendo, bom prol me faria.

Quis logo a mofina que fosse aquele dia uma sexta-feira, não havendo na locanda senão umas postas de um pescado, que em Castela se chama abadejo, e em Andaluzia bacalhau, noutras partes curadillo, e noutras truchuela.

Perguntaram-lhe se porventura comeria Sua Mercê truchuela, atendendo a não haver por então outro conduto.

— Muitas truchuelas — respondeu D. Quixote — que são diminutivos, somarão uma truta; tanto me vale que me dêem oito reais pegados, como em miúdos. E quem sabe se as tais truchuelas não serão como a vitela, que é melhor do que a vaca, como o cabrito é mais saboroso que o bode? Seja porém o que for, venha logo, que o trabalho e peso das armas não se pode levar sem o governo das tripas.

Puseram-lhe a mesa à porta da venda para estar mais à fresca, e trouxe-lhe o hospedeiro uma porção do mal remolhado e pior cozido bacalhau, e um pão tão negro e de tão má cara, como as armas de D. Quixote.

Pratinho para boa risota era vê-lo comer; porque, como tinha posta a celada e a viseira erguida, não podia meter nada para a boca por suas próprias mãos; e por isso uma daquelas senhoras o ajudava em tal serviço. Agora o dar-lhe de beber é que não foi possível, nem jamais o seria, se o vendeiro não furara os nós de uma cana, e, metendo-lhe na boca uma das extremidades dela, lhe não vazasse pela outra o vinho. Com tudo aquilo se conformava o sofrido fidalgo, só por se lhe não cortarem os

atrilhos da celada.

Nisto estavam, quando à venda chegou um capador de porcos e deu sinal de si correndo a sua gaita de canas quatro ou cinco vezes; com o que se acabou de capacitar D. Quixote de que estava em algum famoso castelo, e o serviam com música, e que o abadejo eram trutas, o pão candial, as duas mulherinhas damas, e o vendeiro castelão do castelo; e com isto dava por bem empregada a sua determinação e saída.

O que porém sobretudo o desassossegava era não se ver ainda armado cavaleiro, por lhe parecer que antes disso não lhe era dado entrar por justos cabais em aventura alguma.

### **CAPÍTULO III**

**No qual se conta a graciosa maneira que teve D. Quixote em armar-se cavaleiro.**

Ralado com este pensamento, apressou D. Quixote a sua parca ceia, e ao cabo dela chamou a sós o vendeiro, e, fechando-se com ele na cavalaria, se lhe ajoelhou diante, dizendo-lhe:

— Nunca donde estou me levantarei, valoroso cavaleiro, enquanto vossa cortesia me não outorgar um dom que lhe peço, o qual redundará em vosso louvor, e proveito do gênero humano.

O vendeiro, que viu o hóspede aos seus pés, e ouviu semelhantes razões, estava enleado a olhar para ele, sem atinar no que fizesse ou lhe respondesse, e teimava com ele que se levantasse. Não havia convencê-lo, enquanto por fim lhe não disse que lhe outorgava o que pedia,

— Não esperava eu menos da vossa grande magnificência, senhor meu — respondeu D. Quixote — e assim vos digo que a mercê que vos hei pedido, e que a vossa liberalidade me afiança, é que amanhã mesmo me hajais de armar cavaleiro. Esta noite na capela deste vosso castelo velarei as armas, e amanhã, como digo, se cumprirá o que tanto desejo, para poder, como se deve, ir por todas as quatro partes do mundo buscar aventuras em proveito dos necessitados, como incumbe à cavalaria e aos cavaleiros andantes, qual eu sou, por inclinação de minha índole.

O vendeiro, que era, como já se disse, folgazão, e já tinha seus barruntos da falta de juízo do hóspede, acabou de o reconhecer quando tal lhe ouviu; e para levar a noite de risota, determinou fazer-lhe a vontade; pelo que lhe disse que andava mui acertado no que desejava, e que tal deliberação era própria de senhor tão principal como ele lhe parecia ser, e como sua galharda presença o inculcava; e que também ele que lhe falava, quando ainda mancebo se havia dado àquele honroso exercício, andando por diversas partes do mundo à busca de suas aventuras, sem lhe escapar recanto nos arrabaldes de Málaga, Ilhas de Riarán, Compasso de Sevilha, Mercados de Segóvia, Oliveira de Valença, Praça de, Granada, Praia de Sanlucar, Potro de



Córdova, Vendas de Toledo, e outras diversas partes, onde tinha provado a ligeireza dos pés, a sutileza das mãos, fazendo muitos desmandos, requestando a muitas viúvas, enxovalhando algumas donzelas, enganando menores, e, finalmente, dando-se a conhecer por quantos auditórios e tribunais há, por quase toda Espanha. Por derradeiro, tinha vindo recolher-se àquele seu castelo, onde vivia dos seus teres e dos alheios, recebendo nele a todos os cavaleiros andantes, de qualquer qualidade e condição que fossem, só pela muita afeição que lhes tinha, e para que repartissem com ele os seus haveres, a troco dos seus bons desejos.

Disse-lhe também, que naquele seu castelo não havia capela em que pudesse velar as armas, porque a tinham demolido para a reconstrução; porém, que ele sabia poderem-se as armas velar onde quer que fosse, em caso de necessidade; e que naquela noite as velaria num pátio do castelo, e pela manhã, prazendo a Nosso Senhor, se fariam as devidas cerimônias, de maneira que ficasse armado cavaleiro, e tão cavaleiro como os mais cavaleiros do mundo.

Perguntou-lhe se trazia dinheiros. Respondeu-lhe D. Quixote que nem branca, porque nunca tinha lido nas histórias dos cavaleiros andantes que nenhum os tivesse trazido.

A isto disse o vendeiro que se enganava; que, posto nas histórias se não achasse tal menção, por terem entendido os autores delas não ser necessário especificar uma coisa tão clara e indispensável, como eram o dinheiro e camisas lavadas, nem por isso se havia de acreditar que não

trouxessem tal; e assim tivesse por certo e averiguado, que todos os cavaleiros andantes, de que tantos livros andam cheios e rasos, levavam bem petrechadas as bolsas para o que desse e viesse, e que igualmente levavam camisas, e uma caixinha pequena cheia de ungüentos, para se guarecerem das feridas que apanhassem, porque nem sempre se lhes depararia quem os curasse nos campos e desertos onde combatessem, e donde saíssem escalavrados; a não ser que tivessem por si algum sábio encantador, que para logo os socorresse, trazendo-lhes pelo ar nalguma nuvem alguma donzela ou anão, com redoma de água de tal virtude, que em provando dela uma só gota sarassem logo de qualquer lanho ou chaga, como se nada fora. Que os passados cavaleiros sempre tiveram por bom acerto que os seus escudeiros fossem prevenidos de dinheiro e outras coisas necessárias, como fios, e ungüentos. E quando acontecia não terem escudeiros, o que era raríssimo, eles próprios em pessoa levavam tudo aquilo ao disfarce nuns alforjes, figurando ser coisa de mais tomo; porque, a não ser por semelhante motivo, isso de levar alforjes não era muito admitido entre os cavaleiros andantes. Por isso lhe dava de conselho (ainda que por enquanto bem lho pudera ordenar como a afilhado, que brevemente o seria) que daí em diante não tornasse a caminhar assim, espúrio de cum quibus e mais adminículos necessários; e, quando menos o pensasse, lá veria quanto lhe aproveitavam.

Prometeu D. Quixote executar com toda a pontualidade o bom conselho.

Deu-se logo ordem a serem veladas as armas num pátio grande pegado com a venda; e, juntando todas as suas, D. Quixote as empilhou para cima de uma pia ao pé de um poço. Embracando a sua adarga, empunhou a lança, e com gentil donaire começou a passear diante da pia, quando já de todo se acabava de cerrar a noite.

Contou o vendeiro a todos, que na venda estavam, a mania do seu hóspede, a vela das armas, e a cerimônia que se preparava para lhas vestir. Admirados de tão estranho desatino, foram-se todos espreitar de longe, e viram o homem andar umas vezes com sossegada compostura passeando, outras parar arrimado à sua lança, de olhos fitos nas armas.

Com ser noite bem fechada, tão clara era a lua, que podia competir com o próprio astro que lhe emprestava a luz; por maneira que tudo quanto o novel cavaleiro fazia, era de todos desfrutado.

Lembrou-se neste comenos um dos arrieiros, que na pousada se achavam, de ir dar de beber às suas cavalgaduras; para o que lhe foi necessário tirar de cima da pia as armas de D. Quixote. Este, vendo-o acercar-se, lhe disse em alta voz:

— Ó tu, quem quer que sejas, atrevido cavaleiro, que vens tocar nas armas do mais valoroso andante que jamais cingiu espada, olha o que fazes, e não lhes toques, se não queres deixar a vida em paga do teu atrevimento.

Não curou destas bravatas o arrieiro (e antes curara delas, que fora curar-se em saúde); lançou mão daquelas trapalhadas, e arremessou-as para longe.

Vendo aquilo D. Quixote, levantou os olhos aos céus; e posto pensamento (como se deixa entender) em sua senhora Dulcinéia, disse:

— Assisti-me, senhora minha, na primeira afronta que a este vosso avassalado peito se apresenta! não me falte neste primeiro transe o vosso amparo!

E dizendo estas e outras semelhantes razões, largando a adarga alçou a lança às mãos ambas e com ela descarregou tamanho golpe na cabeça ao arrieiro, que o derrubou no chão tão maltratado, que, a pregar-lhe segundo, não houvera que chamar cirurgião para o despenar; feito o que, apanhou e repôs no seu lugar as suas armas, e tornou-se ao passeio com a mesma serenidade do princípio.

Dali a pouco, sem se saber o que era passado, porque o arrieiro estava ainda sem acordo, chegou outro com igual intenção de dar água aos seus machos, e tanto como buliu nas armas para desempachar a pia, D. Quixote, sem dizer palavra, e sem pedir auxílio a ninguém, largou outra vez a adarga, e alçou de novo a lança, e, sem fazê-la pedaços, escangalhou em mais de três a cabeça deste segundo arrieiro, porque lha abriu em quatro.

Ao ruído, acudiu toda a gente, e o próprio vendeiro.

Vendo isto D. Quixote, abraçou a sua adarga, e, metendo a mão à espada, disse:

— Ó senhora da formosura, esforço e vigor do meu debilitado coração, lance é este para pordes os olhos da vossa grandeza neste cativo cavaleiro, que a tamanha aventura é chegado!

Com isto recobrou, a seu parecer, tanto ânimo, que nem que o acometessem todos os arrieiros do mundo, fizera pé atrás.

Os companheiros dos feridos, vendo-os naquele estado, começaram de longe a chover pedras sobre D. Quixote, o qual, o melhor que podia, se ia delas anteparando com a sua adarga, e não ousava apartar-se da pia, para não desamparar as suas armas.

Vozeava o vendeiro para que deixassem o homem, porque já lhes tinha dito que era doido, e por doido se livraria, ainda que os matasse a todos.

Mais alto porém bradava D. Quixote, chamando-lhes aleivosos e traidores, e acrescentava que o senhor do castelo era um covarde, e mal nascido cavaleiro, por consentir que assim se tratassem cavaleiros andantes; e que a ter já recebido a ordem de cavalaria, ele o ensinara.

— De vós outros, canzoada baixa e soez, nenhum caso faço. Atirai-me, chegai, vinde e ofendei-me em quanto puderdes, que vereís o pago que levais da sandice e demasia.

Dizia aquilo com tanto brio e denodo, que infundiu pavor nos que o acometiam, e tanto por isto, como pelas persuasões do locandeiro, deixaram de o apedrejar, e ele deu azo para levarem os feridos, e continuou na vela das armas com a mesma quietação e sossego que a princípio.

Não pareceram bem ao dono da casa os brincos do hóspede, e determinou abreviar, e dar-lhe a negregada ordem de cavalaria, sem perda de tempo, antes que mais alguma desgraça sucedesse; e assim, aproximando-se-lhe, se lhe desculpou da insolência daquela gente baixa, sem ele saber de tal, mas que bem castigados ficavam do seu atrevimento.

Repetiu-lhe o que já lhe tinha dito, que naquele castelo não havia capela, e para o poucochito que faltava, bem podia isso dispensar-se; que o essencial para ficar armado cavaleiro consistia no pescoção e na espadeirada, segundo ele sabia pelo cerimonial da ordem, e que isto até no meio de um campo se podia fazer; que pelo que tocava ao velar as armas, já o tinha cumprido, sendo bastante duas horas de vela, e tendo ele estado nisso mais de quatro.

Tudo lhe acreditou D. Quixote, e respondeu que estava ali pronto para lhe obedecer, e que finalizasse com a maior brevidade que pudesse, porque, se tornasse a ser acometido, depois de armado cavaleiro, não deixaria pessoa viva no castelo, exceto as que o senhor castelão lhe mandasse, que a essas, por seu respeito, perdoaria.

Avisado e medroso, o castelão trouxe logo um livro, em que

assentava a palha e cevada que dava aos arrieiros, e com um coto de vela de sebo que um muchacho lhe trouxe aceso, e, com as duas sobreditas donzelas, voltou para ao pé de D. Quixote, mandou-o pôr de joelhos, e, lendo no seu manual em tom de quem recitava alguma oração devota, no meio da leitura levantou a mão, e lhe descarregou no cachaço um bom pescoção, e logo depois com a sua mesma espada uma pranchada, sempre rosnando entre dentes, como quem rezava. Feito isto, mandou a uma das donzelas que lhe cingisse a espada, o que ela fez com muito desembaraço e discrição (e não era necessária pouca para não rebentar de riso em cada circunstância da cerimônia); porém as proezas que já tinham visto do novo cavaleiro lhes davam mate à hilaridade

Ao cingir-lhe a espada, disse-lhe a boa senhora:

— Deus faça a Vossa Mercê muito bom cavaleiro, e lhe dê ventura em lides.

Perguntou-lhe D. Quixote como se chamava, para ele saber dali avante a quem ficava devedor pela mercê recebida, porque era sua tenção repartir com ela da honra que viesse a alcançar pelo valor do seu braço.

Respondeu ela com muita humildade que se chamava a Tolosa, e que era filha de um remendão natural de Toledo, que vivia nas lojitas de Sancho Bienaya, e onde quer que ela estivesse o serviria como a seu senhor.

D. Quixote lhe replicou que, por amor dele, lhe fizesse mercê daí em diante de se tratar por Dom, e se chamasse

Dona Tolosa, o que ela lhe prometeu.

A outra calçou-lhe a espora, e com esta se passou quase o mesmo colóquio. Perguntou-lhe ele o nome; ao que ela lhe respondeu que se chamava a Moleira, e que era filha de um honrado moleiro de Antiquera. A esta também D. Quixote pediu que usasse Dom, e se chamasse Dona Moleira, oferecendo-lhe novos serviços e mercês.

Feitas pois a galope as (até ali nunca vistas) cerimônias, já tardava a D. Quixote a hora de se ver encavalgado e sair, farejando aventuras. Aparentando sem mais detença o seu Rocinante, montou-se nele, e, abraçando o seu hospedeiro, lhe disse coisas tão arrevesadas, em agradecimento a havê-lo armado cavaleiro, que não há quem acerte referi-las.

O vendeiro, para o ver já fora da venda, respondeu às suas palavras com outras não menos retóricas, porém muito mais breves; e, sem lhe pedir a paga da pousada, o deixou ir nas boas horas.

## **CAPÍTULO IV**

### **Do que sucedeu ao nosso cavaleiro saindo da venda.**

Queria já amanhecer, quando D. Quixote saiu da venda, tão contente e bizarro, e com tanto alvoroço por se ver armado cavaleiro, que a alegria lhe rebentava até pelas silhas do cavalo.

Mas, recordando-se do conselho do hospedeiro acerca das prevenções tão necessárias que devia levar consigo,



especialmente no artigo dinheiro e camisas, determinou voltar a casa, para se prover de tudo aquilo, e de um escudeiro, deitando logo o sentido à pessoa de um lavrador seu vizinho, que era pobre e com filhos, mas de molde para o ofício de escudeiro de cavalaria.

Com este pensamento, dirigiu o Rocinante para a sua aldeia. O animal, como se adivinhara a vontade do dono, começou a caminhar com tamanha ânsia, que nem quase assentava os pés no chão.

Pouco tinham andado, quando ao cavaleiro se figurou que, à mão direita do caminho, e de dentro de um bosque, saíam umas vozes delicadas, como de pessoa que se lastimava; e, apenas as ouviu, disse:

— Graças rendo ao céu pela mercê que me faz, pois tão depressa me põe diante ocasião de eu cumprir o que devo à minha profissão, e realizar os meus bons desejos. — Estas vozes solta-as (sem dúvida) algum ou alguma, que está carecendo do meu favor e ajuda.

E torcendo as rédeas, encaminhou o Rocinante para donde vinham os gritos.

Aos primeiros passos que deu no bosque, viu uma égua presa a uma azinheira, e atado a outra um rapazito nu da cinta para cima, é de seus quinze anos; era o que se lastimava, e não sem causa, porque o estava com uma correia açoitando um lavrador de estatura alentada, acompanhando cada açoite com uma repreensão e conselho, dizendo:

— Boca fechada, e olho vivo!

Ao que o rapaz respondia:

— Não tornarei mais, meu amo, pelas Chagas de Cristo, prometo não tornar! prometo daqui em diante tomar mais sentido no gado!

Vendo D. Quixote aquilo, exclamava furioso:

— Descortês cavaleiro, mal parece haverdes-vos com quem vos não pode resistir; subi ao vosso cavalo, e tomai a vossa lança — (que arrumada à azinheira estava de feito uma); — eu vos farei conhecer que isso que estais praticando é de covarde.

O lavrador, que viu iminente aquela figura carregada de armas, brandindo-lhe a lança ao rosto, deu se por morto, e com reverentes palavras lhe respondeu:

— Senhor cavaleiro, este rapaz que estou castigando é meu criado; serve-me de guardar um bando de ovelhas, que trago por estes contornos; mas é tão descuidado, que de dia a dia me falta uma; e, por eu castigar o seu descuido ou velhacaria, diz que o faço por forreta, para lhe não pagar por inteiro a soldada; por Deus, e em minha consciência, que mente.

— Mente na minha presença, vilão ruim?! — disse D. Quixote — Voto ao sol que nos alumia, que estou, vai não vai, para atravessar-vos com esta lança; pagai-lhe logo sem mais réplica; quando não, por Deus que nos governa, como neste próprio instante dou cabo de vós; desatai-o de repente.

O lavrador abaixou a cabeça, e sem dizer mais palavra desatou o ovelheiro.

Perguntou-lhe D. Quixote quanto seu amo lhe devia; respondeu ele que nove meses, à razão de sete reales cada mês.

Fez D. Quixote a conta, e viu que somava sessenta e três reales, e disse ao lavrador que lhos contasse logo logo, se não queria pagar com a vida.

Respondeu o camponês, aterrado em tão estreito lance, que já lhe havia jurado (e não tinha ainda jurado coisa alguma) que não eram tantos, porque havia para abater três pares de sapatos que lhe havia mercado, e mais um real de duas sangrias que lhe tinham dado estando enfermo.

— Tudo isso está muito bem — respondeu D. Quixote; — mas os sapatos e as sangrias fiquem em desconto dos açoites que sem culpa lhe destes; porquanto, se ele rompeu o couro dos sapatos que vós pagastes, vós rompestes-lhe o do seu corpo; e se o barbeiro lhe tirou sangue, estando doente, também vós lho tirastes estando ele são; portanto nesse particular não há mais que ver, estamos com as contas justas.

— Pior é, senhor cavaleiro, que não tenho aqui dinheiro comigo; acompanha-me tu a casa, André, que eu lá te pagarei de contado.

— Eu ir com ele? — disse o rapaz outra vez — Mau pesar

viesses por mim! não senhor; nem pensar em tal. Se se tornasse a ver comigo a sós, esfolava-me que nem um S. Bartolomeu.

— Tal não fará — respondeu D. Quixote; — basta que eu mande, para ele me catar respeito. Jure mo ele pela lei da cavalaria que recebeu, deixá-lo-ei ir livre, e dou-te o pagamento por seguro.

— Veja Vossa Mercê, senhor, o que diz — replicou o rapazito; — que este meu amo não é cavaleiro, nem recebeu ordem nenhuma de cavalarias; é João Haldudo, o rico, vizinho de Quintanar.

— Pouco importa isso, — obtemperou D. Quixote — que em Haldudos também pode haver cavaleiros; e demais, cada um é filho das suas obras.

— Isso é verdade — acudiu André; — mas este meu amo, de que obras há-de ser filho, pois me nega a paga do meu suor e trabalhos?

— Não nego tal, meu rico André — respondeu o lavrador; — dá-me o gosto de vir comigo, que eu juro por quantas castas de cavalarias haja no mundo, de pagar, como tenho dito, até à última, e em moedinha defumada.

— Dos defumados vos dispenso eu — disse D. Quixote; — dai-lhe os reales, sejam como forem, e sou contente; e olhai lá se o cumpris, segundo jurastes; quando não, pelo mesmo juramento vos rejuro eu que voltarei a buscar-vos e castigar-vos, e que de força vos hei-de achar, ainda que vos

escondais mais fundo que uma lagartixa; e se quereis saber quem isto vos intima, para ficardes mais deveras obrigado a cumprir, sabei que sou o valoroso D. Quixote de la Mancha, o desfazedor de agravos e sem-razões. Ficai-vos com Deus, e não esqueçais o prometido e jurado, sob pena do que já vos disse.

Com o que, meteu esporas ao Rocinante, e em breve espaço se apartou deles.

Seguiu-o com os olhos o lavrador, e, quando o viu já fora do bosque, e do alcance, voltou-se para o seu criado André, e lhe disse:

— Vinde cá, meu filho, que vos quero pagar o que vos devo, como aquele desfazedor de agravos me ordenou.

— Juro — respondeu André — que muito bem fará Vossa Mercê em cumprir o mandamento daquele bom cavaleiro, que mil anos viva, que, segundo é valoroso e bom juiz, assim Deus me dê saúde, como se me não paga, voltará, e há-de executar o que disse.

— Também eu o juro — disse o lavrador; — mas, pelo muito que te quero, vou primeiramente acrescentar a dívida, para ficar sendo maior a paga.

E travando-lhe do braço, o tornou a atar na azinheira, onde lhe deu tantos açoites, que o deixou por morto.

— Chamai agora, senhor André, pelo desfazedor de agravos — dizia o lavrador; — e vereis como não desfaz este, ainda que, segundo entendo, por enquanto ainda ele não está

acabado de fazer, porque me estão vindo ondas de te esfolar vivo, como tu receavas.

Mas afinal desatou-o, e lhe deu licença para ir buscar o seu juiz, que lhe executasse a sentença que dera.

Partiu André algum tanto trombudo; prometendo que se ia à busca do valoroso D. Quixote de la Mancha, para lhe contar ponto por ponto o que era passado, e dizendo que o amo desta vez lhe havia de pagar sete por um.

Assim mesmo porém foi-se a chorar, e o amo se ficou a rir.

Ora aqui está como desfez aquele agravo o valoroso D. Quixote, o qual, contentíssimo do sucedido, por lhe parecer que dera alto e felicíssimo começo às suas cavalaria, ia todo cheio de si, caminhando para a sua aldeia e dizendo a meia voz:

— Bem te podes aclamar ditosa sobre quantas hoje existem na terra, ó das belas belíssima Dulcinéia del Toboso, pois te coube em sorte haveres sujeito e rendido ao teu querer tão valente e nomeado cavaleiro, qual é e será D. Quixote de la Mancha, o qual, segundo sabe todo o mundo, ontem recebeu a ordem da cavalaria, e já hoje desfez a maior violência e o pior agravo que a sem-razão formou, e a crueldade cometeu! Sim, hoje tirou das mãos o tagante àquele desapiedado inimigo, que tanto sem causa estava açoitando um melindroso infante.

Nisto chegou a um caminho em cruz, e para logo lhe vieram à lembrança as encruzilhadas em que os cavaleiros

andantes se detinham a pensar por onde tomariam.

Para os imitar, se conservou quieto por algum espaço, e, depois de ter muito bem cogitado, deixou o à escolha do Rocinante, o qual seguiu o seu primeiro intuito, que foi correr para a cavalaria.

Como houve andado obra de duas milhas descobriu D. Quixote um grande tropel de gente, que eram (como depois se veio a saber) uns mercadores de Toledo, que se iam a Múrcia à compra de seda.

Seis eram eles, e vinham com seus guarda-sóis, com mais quatro criados a cavalo, e três moços de mulas a pé.

Apenas D. Quixote avistou todo aquele gentio, teve logo para si ser coisa de aventura nova; e para imitar em tudo que lhe parecia possível os passos que lera, entendeu vir de molde para o caso uma coisa que lhe veio à idéia; e assim com gentil portamento e denodo, firmando-se bem nos estribos, apertou a lança, conchegou a adarga ao peito, e posto no meio do caminho se deteve à espera de que chegassem aqueles cavaleiros andantes que já por tais os julgava. Quando chegaram a distância de se poderem ver e ouvir, alçou a voz, e com gesto arrogante disse:

— Todo o mundo se detenha, se todo o mundo não confessa, que não há no mundo toda donzela mais formosa que a Imperatriz da Mancha, a sem par Dulcinéia del Toboso.

Estacaram os mercadores, ouvindo aquelas vozes, e mais,

vendo a estranha figura que as proferia; e por uma e outra causa logo entenderam estarem metidos com um orate; mas sempre quiseram ver mais devagar em que pararia aquela intimação. Um deles, que era seu tanto brincalhão, e discreto que farte, respondeu:

— Senhor cavaleiro, nós outros não conhecemos quem seja essa boa senhora que dizeis; deixai-no la ver, que, a ser ela de tanta formosura como encareceste, de boa vontade e sem recompensa alguma confessaremos a verdade que exigis de nós.

— Se a vísseis — replicou D. Quixote — que avaria fora confessardes evidência tão notória? O que importa é que sem a ver o acrediteis, confesseis, afirmeis, jureis e defendais; quando não, entrareis comigo em batalha, gente descomunal e soberba; que, ou venhais um por cada vez, como pede a ordem de cavalaria ou todos de rondão, como é costume nos da vossa ralé, aqui vos aguardo, confiado na razão que por mim tenho.

— Senhor cavaleiro, — respondeu o mercador — suplico a Vossa Mercê, em nome de todos estes Príncipes que presentes somos, que, para não encarregarmos as consciências, confessando uma coisa que nunca vimos nem ouvimos, e mais, sendo tanto em menoscabo de todas as Imperatrizes e Rainhas da Alcarria e Estremadura, que seja Vossa Mercê servido de nos mostrar algum retrato dessa senhora, ainda que não seja maior do que um grão de trigo; que pelo dedo se conhece o gigante, e só com isso ficaremos satisfeitos e seguros, e Sua Mercê obedecido e



contente. E até creio que já vamos estando tanto em favor dela, que, ainda que o seu retrato nos mostre ser torta de um olho, e do outro destilar vermelhão e enxofre, apesar disso, por comprazermos a Vossa Mercê, diremos em seu abono quanto se quiser.

— Não destila, canalha infame, isso que dizeis — respondeu D. Quixote aceso em cólera; — destila âmbar e algália entre algodões, e não é torta nem corcovada, senão mais direita que um fuso de Guadarrama. Vós outros ideis pagar a grande blasfêmia que proferistes contra tamanha beldade, como é a minha senhora.

E nisto arremeteu logo com a lança em riste contra o que lhe falara; e com tanta fúria de enojado, que, se a boa sorte não permitira que no meio do caminho esbarrasse e caísse o Rocinante, mal passaria o atrevido mercador.

Com o estender-se do cavalo, foi D. Quixote rodando um bom pedaço pelo campo, sem lograr levantar-se, por mais que fizesse, tanto era o empacho da lança, adarga, esporas, e celada, e o peso da armadura velha. Enquanto barafustava para se erguer sem o conseguir, dizia:

— Não fujais, gente covarde, gente refece! reparai, que, se estou aqui estendido, não é por culpa minha, senão do meu cavalo.

Um moço de mulas, dos que ali vinham, e que não devia ser dos mais bem intencionados, ouvindo ao pobre estirado tantas arrogâncias, não o pôde levar à paciência sem lhe apresentar o troco pelas costelas; e, chegando-se a ele,

tomou a lança, desfê-la em pedaços, e com um dos troços dela começou a dar ao nosso D. Quixote pancadaria tão basta, que, a despeito e pesar de suas armas, o moeu como bagaço.

Bradavam-lhe os amos que lhe não desse tanto, e o deixasse. Mas o moço, que estava já fora de si, não quis acomodar-se antes de desafojar de todo a sua ira; e, agarrando nos mais troços da lança, os acabou de desfazer sobre o miserável caído, que, debaixo daquele temporal de pancadaria, não deixava de vociferar ameaças contra céu e terra, e os que lhe pareciam malandrins.

Cansou-se o moço, e os mercadores seguiram sua jornada, levando para toda ela matéria de comentários à custa do pobre acabrunhado. Este, depois que se viu só, tornou a fazer diligências para se erguer; mas se, quando são e bom, o não tinha podido, como o poderia agora, moído e quase desfeito? E ainda se tinha por ditoso, imaginando que enfim era desgraça própria de cavaleiros andantes, e toda a atribuía a faltas do seu cavalo. Em suma, nem mover-se podia, de derreado que estava de todo o corpo.

## **CAPÍTULO V**

**Em que se prossegue a narrativa da desgraça do nosso cavaleiro.**

Vendo-se naquele estado, lembrou-se de recorrer ao seu

ordinário remédio, que era pensar em algum passo dos seus livros; e trouxe-lhe a sua loucura à lembrança o caso de Baldovinos e do Marquês de Mântua, quando Carloto o deixou ferido no monte (história sabida das crianças, não ignorada dos moços, celebrada e até crida dos velhos, e nem por isso mais verdadeira que os milagres de Mafoma). Esta pois lhe pareceu a ele que vinha de molde para a conjuntura presente; e assim, com mostras de grande sentimento, começou a rebolear-se pela terra, e a dizer, com debilitado alento, o mesmo que, segundo se refere, dizia o ferido cavaleiro do bosque:

— Onde estás, senhora minha,  
que te não dói o meu mal?  
ou não no sabes, senhora,  
ou és falsa e desleal.

E desta maneira foi enfiando o romance, até àqueles versos que dizem:

O nobre Marquês de Mântua,  
meu tio e senhor carnal.

Quis o acaso, que, quando chegou a este verso, acertou de passar por ali um lavrador do seu mesmo lugar, e vizinho seu, que vinha de levar uma carga de trigo ao moinho, o qual, vendo aquele homem ali estendido, se achegou dele, e lhe perguntou quem era, e que mal sentia, que tão tristemente se queixava.

D. Quixote julgou sem dúvida ser aquele o Marquês de Mântua, seu tio, e assim a resposta que deu foi prosseguir o

seu romance, em que lhe dava conta do seu desastre, e dos amores do filho do Imperador com sua esposa, tudo pontualmente como no romance vem contado.

Estava o lavrador pasmado de ouvir todos aqueles disparates, e, tirando-lhe a viseira, que já estava espedaçada das bordoadas, limpou-lhe o rosto da poeira que lho enchia. Apenas lho teve limpado, quando o reconheceu, e lhe disse:

— Senhor Quixada — (que assim se devia chamar quando estava em seu juízo, e não tinha passado de fidalgo sossegado a cavaleiro andante) — quem o pôs a Vossa Mercê nesta lástima?

D. Quixote teimava com o seu romance a todas as perguntas.

Vendo isto o bom do homem, lhe tirou, o melhor que pôde, o peito e o espaldar, para examinar se tinha alguma ferida; porém não viu sangue nem sinal algum. Procurou levantá-lo do chão, e, com trabalho grande, o pôs para cima do seu jumento, por lhe parecer cavalaria mais sossegada. Recolheu as armas, e até os troços da lança e amarrou tudo às costas de Rocinante, tomou-o pela rédea, e ao asno pelo cabresto, e marchou para o seu povo, cismando bastante nas tontarias que D. Quixote dizia.

Não menos pensativo ia este, que, de puro moído e quebrantado, se não podia sustentar sobre o burrico, e de quando em quando dava uns suspiros, que chegavam ao céu; tanto, que obrigou o lavrador a perguntar-lhe de novo o que sentia. Parecia que o demônio lhe não trazia à memória

senão os contos acomodáveis aos seus sucessos, porque, deslembrando-se então de Baldovinos, se recordou do mouro Abindarraís, quando o alcaide de Antequera Rodrigo de Narvais o prendeu, e preso o levou à sua alcaidaria. E assim, quando o lavrador lhe tornou a perguntar como estava e o que sentia, lhe respondeu as mesmas palavras e razões que o Abencerrage cativo respondia a Rodrigo de Narvais, do mesmo modo por que ele tinha lido a história na Diana de Jorge de Montemaior (ou de Monte-mor) onde ela vem descrita; aproveitando-se dela tão a propósito, que o lavrador se ia dando ao diabo de ouvir tamanha barafunda de sandices; por onde acabou de conhecer que o vizinho estava doido, e apressava-se em chegar ao povo para se forrar ao enfado que D. Quixote lhe dava com a sua comprida arenga. Rematou-a ele nestas palavras:

— Saiba Vossa Mercê, senhor D. Rodrigo de Narvais, que esta formosa Xarifa que digo é agora a linda Dulcinéia del Toboso, por quem eu tenho feito, faço e hei-de fazer as mais famosas façanhas de cavalaria que jamais se viram, vêem, ou hão-de ver no mundo.

A isto respondeu o lavrador:

— Pecados meus! Olhe Vossa Mercê, senhor, que eu não sou D. Rodrigo de Narvais, nem o Marquês de Mântua; sou Pedro Alonso, seu vizinho; nem Vossa Mercê é Baldovinos, nem Abindarraís, mas um honrado fidalgo, o senhor Quixada.

Respondeu D. Quixote:

— Quem eu sou, sei eu; e sei que posso ser não só os que já disse, senão todos os doze Pares de França, e até todos os nove da Fama, pois a todas as façanhas que eles por junto fizeram e cada um por si se avantajarão as minhas.

Com estas e outras semelhantes práticas, chegaram ao lugar, quando já anoitecia; porém o lavrador aguardou que fosse mais escuro, para que não vissem ao moído fidalgo tão mal encavalgado.

Quando lhe pareceu que era já tempo, entrou no povoado, e em casa de D. Quixote. Acharam-na toda em reboição, estando lá o cura e o barbeiro do lugar, que eram grandes amigos de D. Quixote, aos quais a ama estava dizendo em altas vozes:

— Que lhe parece a Vossa Mercê, senhor licenciado Pedro Peres, — (que assim se chamava o cura)

— a desgraça de meu amo? Há já seis dias que não aparecem, nem ele, nem o rocim, nem a adarga, nem a lança, nem as armas. Desgraçada de mim, que já vou desconfiando (e há-de ser certo, tão certo como ter eu de morrer) que estes malditos livros de cavalaria que ele tem, e que anda a ler tão continuado, lhe viraram o juízo! E agora me recordo de ter-lhe ouvido muitas vezes, falando entre si, que se havia de fazer cavaleiro andante, e ir-se buscar aventuras por esses mundos. Satanás e Barrabás que levem consigo toda essa livraria, que assim deitaram a perder o mais sutil entendimento que havia em toda a Mancha!

A sobrinha dizia o mesmo, e ainda passava adiante:

— Saiba, senhor mestre Nicolau, — (era o nome do barbeiro) — que muitas vezes sucedeu o senhor meu tio estar lendo nestes desalmados livros de desaventuras, dois dias com duas noites a fio, até que por fim arrojava o livro, metia a mão à espada, e andava às cutiladas com as paredes; e, quando estava estafado, dizia que tinha morto a quatro gigantes como quatro torres; e o suor que lhe escorria do cansaço dizia que era sangue das feridas que recebera na batalha; e emborcava logo um grande jarro de água fria, e ficava são e sossegado, dizendo que aquela água era uma preciosíssima bebida, que lhe tinha trazido o sábio Esquife, grande encantador e amigo seu. Mas quem tem a culpa toda sou eu, que não avisei com tempo a Suas Mercês dos disparates do senhor meu tio, para acudirem com remédio antes das coisas chegarem ao que chegaram, e queimarem todos estes excomungados alfarrábios, que tem muitos que bem merecem ser abrasados como se fossem os hereges.

— Isso também eu digo — acudiu o cura; — e à fé que não há-de passar de amanhã, sem que deles se faça auto-de-fé, e sejam condenados ao fogo, para não tornarem a dar ocasião, a quem os ler, de fazer o que o meu bom amigo terá feito.

Tudo aquilo estavam ouvindo da parte de fora o lavrador e D. Quixote; com o que acabou de entender a enfermidade do vizinho, e começou a dizer em altas vozes:

— Abram Vossas Mercês ao senhor Baldovinos e ao senhor

Marquês de Mântua, que vem mal ferido, e ao senhor mouro Abindarraís, que traz cativo o valoroso Rodrigo de Narvais, alcaide de Antequera.

A estas vozes acorreram todos; e, como conheceram, uns o amigo, as outras o tio e o amo, que ainda se não tinha apeado do jumento por não poder, se lançaram a ele aos abraços.

— Parem todos, — disse ele — que venho mal ferido por culpa do meu cavalo, levem-me para a cama, e chame-se, podendo ser, a sábia Urganda, que me procure as feridas e as cure.

— Olhai, má hora! — disse neste ponto a ama — se me não dizia bem o coração de que pé coxeava meu amo! Suba Vossa Mercê em boa hora, que mesmo sem a tal Urganda nós cá o curaremos como soubermos. Malditos sejam outra vez, e cem vezes, estes livros das cavalaria, que tal o puseram a Vossa Mercê.

Levaram-no logo à cama, e, procurando-lhe as feridas, nenhuma lhe acharam. Disse ele então, que todo o seu mal era moedeira, por ter dado uma grande queda com o seu cavalo Rocinante, combatendo-se com dez gigantes, os mais desaforados e atrevidos de quantos consta que no mundo haja.

— Bom, bom, — disse o cura — entram gigantes na dança! Pelo Sinal da Santa Cruz juro que amanhã hão-de ser queimados, antes que chegue a noite.

Fizeram a D. Quixote mil perguntas, sem que ele



respondesse a nenhuma, senão que lhe dessem de comer, e o deixassem dormir, que era o que mais lhe importava.

Assim se fez. O cura então inquiriu muito detidamente do lavrador sobre o modo como encontrara a D. Quixote. Contou-lhe ele tudo, miudeando-lhe os disparates que ouvira quando dera com ele, e quando o trazia. Tudo isto foi aumentar no licenciado o desejo de fazer o que de feito executou no dia seguinte, que foi chamar o seu amigo barbeiro mestre Nicolau, com o qual voltou à pousada de D. Quixote.

## **CAPÍTULO VI**

**Da curiosa e grande escolha que o padre cura e o barbeiro fizeram na livraria do nosso engenhoso fidalgo.**

Dormia ainda D. Quixote, quando o cura pediu à sobrinha a chave do quarto em que estavam os livros ocasionadores do prejuízo; e ela lhe a deu de muito boa vontade. Entraram todos, e com eles a ama; e acharam mais de cem grossos e grandes volumes, bem encadernados, e outros pequenos.

A ama, assim que deu com os olhos neles, saiu muito à pressa do aposento, e voltou logo com uma tigela de água-benta e um hissope, e disse:

— Tome Vossa Mercê, senhor licenciado, regue esta casa toda com água-benta, não ande por aí algum encantador,

dos muitos que moram por estes livros, e nos encante a nós, em troca do que nós lhes queremos fazer a eles desterrando-os do mundo.

Riu-se da simplicidade da ama o licenciado, e disse para o barbeiro que lhe fosse dando os livros a um e um, para ver de que tratavam, pois alguns poderia haver que não merecessem castigo de fogo.

— Nada, nada — disse a sobrinha; — não se deve perdoar a nenhum; todos concorreram para o mal. O melhor será atirá-los todos juntos pelas janelas ao pátio, empilhá-los em meda, e pegar-lhes fogo; e se não, carregaremos com eles para mais longito da casa, para nos não vir molestar o fumo apestado.

Outro tanto disse a ama; tal era a gana com que ambas estavam aos pobres alfarrábios; mas o cura é que não esteve pelos autos, sem primeiro ler os títulos.

O que mestre Nicolau primeiro lhe pôs nas mãos foram os quatro de Amadis de Gaula.

— Parece coisa de mistério esta! — disse o cura — porque, segundo tenho ouvido dizer, este livro foi o primeiro de cavalarias que em Espanha se imprimiu, e dele procederam todos os mais; por isso entendo que, por dogmatizador de tão má seita, sem remissão o devemos condenar ao fogo.

— Não senhor — disse o barbeiro — também eu tenho ouvido dizer que é o melhor de quantos livros neste gênero se têm composto; e por isso, por ser único em sua arte, se

lhe deve perdoar.

— Verdade é — disse o cura; — por essa razão deixemo-lo viver por enquanto. Vejamos esse outro que está ao pé dele.

— É — disse o barbeiro — as Sergas (ou Façanhas) de Esplandião, filho legítimo de Amadis de Gaula.

— Pois é verdade — disse o cura — que não há-de valer ao filho a bondade do pai. Tomai, senhora ama, abri essa janela, e atirai-o ao pátio; dê princípio ao monte para a fogueira que se há-de fazer.

Ao que a ama obedeceu toda alegre, e lá se foi o bom do Esplandião voando para o pátio, esperando com toda a paciência as chamas que o ameaçavam.

— Adiante — disse o cura.

— Este que se segue — disse o barbeiro — é Amadis de Grécia, e todos os deste lado, segundo julgo, são da mesma raça de Amadis.

— Pois ao pátio com todos eles — disse o cura — que só por queimar a Rainha Pintiquiniestra, e o pastor Darinel, e as suas églogas, e as endiabradas e confusas razões do autor, queimara juntamente ao pai que me gerou, se andasse em figura de cavaleiro andante.

— Também assim o entendo — replicou o barbeiro.

— Também eu — acrescentou a sobrinha.

— Pois venham, e pátio com eles — acudiu a ama.

Deram-lhos, que eram muitos, e ela, para não descer a escada, baldeou-os da janela abaixo. — Quem é agora esse tonel? — perguntou o cura.

— Este é — respondeu o mestre — D. Olivante de Laura.

— O autor desse livro — disse o cura — foi o que também compôs o Jardim de Flores; e em verdade que não sei determinar qual das duas obras é mais verdadeira, ou (por melhor dizer) menos mentirosa. O que sei é que esta há-de ir já ao pátio por disparatada e arrogante.

— Este que segue é Florismarte de Hircânia — disse o barbeiro.

— Oh! temos aí o senhor Florismarte? — replicou o cura.  
— Pois à fé que há-de ir já ao pátio, apesar do seu estranho nascimento, e sonhadas aventuras; não merece outra coisa pela dureza e secura do estilo. Ao pátio com ele, e mais com este, senhora ama.

— Belo! — respondeu ela, que executava as ordens com grande alegria.

— Este é o Cavaleiro Platir — disse o barbeiro.

— Antigo livro é esse — disse o cura — e não acho nele coisa por onde mereça perdão. Acompanhe aos demais sem

réplica.

E assim se fez.

Abriu-se outro, e viram-lhe o título: Cavaleiro da Cruz.

— Por ter nome tão santo, lá se poderia perdoar a este livro a sua ignorância; mas também se costuma dizer, que por trás da cruz está o diabo. Vá para o fogo.

Tomando o barbeiro outro livro, disse:

— Este é Espelho de cavalarias.

— Já conheço a Sua Mercê — disse o cura. — Aí anda o senhor Reinaldo de Montalvão com os seus amigos e companheiros, mais ladrões que Caco, e os doze Pares com o verídico historiador Turpin. A falar a verdade, estou em os condenar, pelo menos a desterro perpétuo, por terem parte na invenção do famoso Mateus Boiardo, donde também teceu a sua teia o cristão poeta Ludovico Ariosto. Este, se por aqui o apanho a falar-me língua que não seja a sua, não lhe hei-de guardar respeito algum; falando porém no seu próprio idioma, colocá-lo-ei sobre a cabeça.

— Em italiano tenho-o eu — disse o barbeiro — mas não o entendo.

— Nem era preciso que o entendêsseis — respondeu o cura; — de boa vontade perdoáramos ao senhor capitão que se tivesse deixado de o trazer a Espanha, pois lhe tirou muito de sua valia original; e o mesmo sucederá a todos quantos quizerem traduzir para os seus idiomas livros de versos, que, por muito cuidado que nisso ponham, e por mais

habilidade que mostrem, nunca hão de igualar ao que eles valem no original. O que eu digo é que este livro, e todos os mais que se acharern tratando destas coisas de França, se lancem e guardem num poço seco, até que mais repousadamente se veja o que se há-de fazer deles, excetuando a um Bernardo del Cárpio que por aí anda, e a outro chamado Roncesvales, que esses, em me chegando às mãos, vão direitos para as da ama, e delas para o fogo, sem remissão.

Tudo o barbeiro confirmou, e teve por coisa muito acertada, por entender que o padre, por tão bom cristão que era, e tão amigo da verdade, não faltaria a ela por quanto houvesse no mundo.

Abrindo outro livro, viu que era Palmeirim de Oliva; e ao pé dele estava outro, que se chamava Palmeirim de Inglaterra. Tanto que os viu, disse o licenciado:

— De semelhante oliva, ou oliveira façam-se logo achas, e se queimem, que nem cinzas delas fiquem, e essa palma de Inglaterra se guarde e conserve como coisa única, e se faça para ela outro cofre, como o que achou Alexandre nos despojos de Dario, que o destinou para nele se guardarem as obras do poeta Homero. Este livro, senhor compadre, tem autoridade por duas coisas: primeiro, porque é de si muito bom; segundo, por ter sido seu autor um discreto rei de Portugal. Todas as aventuras do castelo Miraguarda são boníssimas, e de grande artifício; as razões, cortesãs e claras, conformes sempre ao decoro de quem fala; tudo com muita propriedade e entendimento. Digo pois (salvo o vosso

bom juízo, mestre Nicolau) que este e Amadis de Gaula fiquem salvos da queima; e todos os restantes, sem mais pesquisas nem reparos, pereçam.

— Alto, senhor compadre — replicou o barbeiro — que este que tenho aqui é o afamado D. Belianis.

— Pois esse — respondeu o cura — com a segunda, terceira, e quarta parte, tem necessidade de um pouco de ruibarbo, para purgar a sua demasiada cólera; e é preciso tirar-lhes tudo aquilo do castelo da Fama e outras impertinências de mais fundamento, para o que se lhes concede termo ultramarino; e, segundo se emendarem, assim se usará com eles de misericórdia ou justiça; e daqui até lá tende-os vós em vossa casa, compadre, mas não os deixeis ler a ninguém.

— Sou contente — respondeu o barbeiro.

E sem querer cansar-se mais em ler livros de cavalaria, mandou à ama que tomasse todos os grandes, e arrumasse com eles para o pátio.

Não o disse a nenhuma tonta nem surda, que mais vontade tinha ela própria de os ver queimados que de botar ao tear uma teia, por grande e fina que fosse; e, abraçando alguns oito de uma vez, os lançou pela janela fora.

Como eram muitos, caiu-lhe um aos pés do barbeiro. Este teve apetite de ver o que seria, e viu que dizia: História do famoso Cavaleiro Tirante el blanco.

— Valha-nos Deus! — disse o cura em alta voz — Pois temos aqui Tirante el blanco? Dai-mo cá, senhor compadre,

que faço de conta que nele achei um tesouro de contentamento, e mina para passatempos. Aqui está D. Kirieleison de Montalvão, valoroso cavaleiro, e seu irmão Tomás Montalvão, e o cavaleiro Fonseca, e a batalha que o valoroso Detriante fez com o alano, e as agudezas da donzela Prazer-de-minha-vida, com os amores e embustes da viúva Repousada, e a senhora imperatriz enamorada de Hipólito seu escudeiro. A verdade vos digo, senhor compadre, que em razão de estilo não há no mundo livro melhor. Aqui comem e dormem os cavaleiros, morrem nas suas camas, e antes de morrer fazem testamento, com outras coisas mais que faltam nos livros deste gênero. Com tudo isto vos digo que o ladrão que o fez, que tantos destemperos juntou sem necessidade, merecia ser metido nas galés por toda a vida. Levai-o para casa, e lá vereis se não é certo o que vos digo.

— Assim será — respondeu o barbeiro — mas que se há-de fazer destes livrecos pequenos que ainda aqui estão?

— Estes — disse o cura — não hão-de ser de cavalarias, mas sim de poesia.

E abrindo um, viu que era a Diana de Jorge Montemaior, e disse (crendo que todos os mais eram do mesmo gênero):

— Estes não merecem ser queimados como todos os mais, porque não fazem, nem farão, os danos que os de cavalarias têm feito; são obras de entretenimento, sem prejuízo de terceiro.

— Ai senhor! — disse a sobrinha — bem os pode Vossa



Mercê mandar queimar como aos outros, porque não admiraria que, depois de curado o senhor meu tio da mania dos cavaleiros, lendo agora estes se lhe metesse em cabeça fazer-se pastor, e andar-se pelos bosques e prados, cantando e tangendo; e pior fora ainda o perigo de se fazer poeta, que, segundo dizem, é enfermidade incurável e pegadiça.

— É certo o que diz esta donzela — observou o cura — e bom será tirarmos diante do nosso amigo este tropeço e azo. Começamos pela Diana de Montemaior. Esta sou de parecer que se não queime, bastando tirar-se-lhe tudo que trata da sábia Felícia, e da água encantada, e quase todos os versos maiores, e fique-lhe muito em paz a prosa, e a honra de ser primeiro em semelhantes livros.

— Este que segue — disse o barbeiro — é a Diana — chamada segunda do Salmantino, e estoutro que tem o mesmo nome, cujo autor é Gil Polo.

— Pois a do Salmantino — respondeu o cura — acompanhe e acrescente o número dos condenados ao pátio; e a de Gil Polo guarde-se como se fora do mesmo Apolo; e passe adiante, senhor compadre; aviemo-nos, que se vai fazendo tarde.

— Esta obra é — disse o barbeiro, abrindo outra — Os dez livros de fortuna de amor, compostos por Antônio de Lofraso, poeta sardo.

— Pelas ordens que recebi — disse o cura — desde que Apolo foi Apolo, as Musas Musas, e os poetas poetas, tão gracioso nem tão disparatado livro como

esse jamais se compôs. Pelo seu andamento é o melhor e o mais fênix de quantos têm saído à luz do mundo. Quem nunca o leu pode fazer de conta que nunca leu coisa de gosto. Passai-mo para cá depressa, compadre, que mais estimo tê-lo achado, que se me dessem uma sotaina de raja de Florença.

Pô-lo de parte com grande gosto e o barbeiro prosseguiu:

— Estes agora são: O pastor da Ibéria, Ninfas de Henares, e Desengano de Zelos.

— Pois é entregá-los sem mais nada ao braço secular da ama — disse o padre — e não se me pergunte o porque; seria não acabar nunca.

— Este é o Pastor de Fílida.

— Esse não é pastor — disse o cura — senão cortesão muito discreto; guarde-se como jóia preciosa.

— Este grande que vem agora — disse o mestre — intitula-se Tesouro de várias poesias.

— Se não fossem tantas — disse o cura — mais estimadas seriam. É mister que este livro se descarte de algumas baixeiras que tem à mistura com as suas grandiosidades; e guarde-se, porque o autor é meu amigo, e em atenção a outras obras que fez mais heróicas e alevantadas.

— Este é — prosseguiu o barbeiro — o Cancioneiro de Lopez de Maldonado.

— Também o autor desse livro — replicou o cura — é grande amigo meu, e os seus versos, recitados por ele, admiram a quem os ouve, e tal é a suavidade da voz com que os canta, que encanta. Nas églogas é algum tanto extenso, mas o bom nunca é demasiado. Guarde-se com os escolhidos. Porém que livro é esse que está ao pé dele?

— A Galatéia de Miguel Cervantes — disse o barbeiro.

— Muitos anos há que esse Miguel Cervantes é meu amigo; e sei que é mais versado em desdita que em versos. O seu livro alguma coisa tem de boa invenção; alguma coisa promete, mas nada conclui; é necessário esperar pela segunda parte que ele já nos anunciou. Talvez com a emenda alcance em cheio a misericórdia que se lhe nega; daqui até lá tende-mo fechado em casa, senhor compadre.

— Com muito gosto — respondeu o barbeiro — e aqui vêm mais três de cambulhada: A Araucana de João Alonso de Ercila, a Austríada de João Rufo, jurado de Córdoba, e o Monserrate de Cristóvão de Virues, poeta valenciano.

— Todos estes três livros — disse o cura — são os melhores que em verso heróico de língua castelhana se têm escrito, e podem competir com os mais famosos de Itália; guardem-se como mais ricas prendas de poesia que possui Espanha.

Cansou-se o cura de ver mais livros; e assim, à carga cerrada, quis que todos os mais se queimassem; mas o barbeiro já tinha um aberto; chamava-se As lágrimas de

Angélica.

— Chorava-as eu ouvindo esse nome — disse o cura — se tal livro houvera mandado queimar, porque o seu autor foi um dos famosos poetas do mundo, não só de Espanha; e foi felicíssimo na tradução de algumas fábulas de Ovídio.

## **CAPÍTULO VII**

### **Da segunda saída do nosso bom cavaleiro D. Quixote de la Mancha.**

Naquilo se estava, quando principiou a dar brados D. Quixote, dizendo:

— Aqui, aqui, valorosos cavaleiros! aqui é mister mostrar a possança dos vossos valorosos braços, que os cortesãos levam a melhoria no torneio!

Para acudir àqueles gritos, não se passou adiante com o exame dos livros que ainda faltavam; e assim se crê que não deixariam de ir ao lume, sem serem vistos nem ouvidos, a Caroléia e Leão de Espanha, com os feitos do Imperador, compostos por D. Luís de Ávila, que sem dúvida deviam de estar entre os remanescentes; e talvez, se o cura os visse, não padecessem tão rigorosa sentença.

Quando chegaram a D. Quixote, já ele estava levantado da cama, e prosseguia nas vozes e desatinos, dando cutiladas e reveses para todas as partes, estando tão acordado, como se nunca tivera dormido.

Arcaram com ele, e à força o deitaram no leito; e, depois

que serenou um tanto mais, tornando-se a falar com o cura, lhe disse:

— Senhor Arcebispo Turpin, não há dúvida que é grande desar, para os que nós chamamos Doze Pares, deixarmos sem mais nem mais levar a vitória deste torneio aos cavaleiros cortesãos, tendo nós outros, os aventureiros, ganhado o prêmio dos três dias antes.

— Cale Vossa Mercê a boca, senhor compadre — disse o cura — que Deus há-de ser servido de que a sorte se mude, e o que hoje se perde amanhã se ganhe. Por agora o que importa é tratar da saúde, que, segundo me parece, deve estar muitíssimo cansado, a não ser que esteja até mal ferido.

— Ferido não — interrompeu D. Quixote; — porém moído e quebrantado, sem dúvida que o estou, porque aquele filho da mãe de D. Roldão me moeu à bordoadada com o tronco de uma azinheira; e tudo por inveja: por ver que eu só à minha banda contrapeso todas as suas valentias. Mas Reinaldo de Montalvão me não torne eu a chamar, se em me levantando deste leito mo não pagar, a despeito de todos os seus encantamentos; e por agora tragam-me de jantar, que sei que é o mais preciso, e o vingar-me fica a meu cuidado.

Assim se fez. Deram-lhe de comer, e recaiu no sono, deixando a todos admirados de tamanho desorientamento.

Naquela noite incendiou e destruiu a ama quantos livros havia no pátio e em toda a casa; e alguns arderiam que merecessem ser guardados em perpétuos arquivos. Mas não

o quis assim a mofina e a pressa do seletor; cumpriu-se o rifão que diz: que às vezes paga o justo pelo pecador.

Um dos remédios que o barbeiro e o cura por então idearam, foi que se condenasse e emparedasse a sala dos livros, para que ao levantar-se o amigo não pudesse dar com ela (tirada a causa, talvez cessasse o efeito). Dir-lhe-iam que um encantador os tinha levado com o aposento e tudo, e assim se executou com a maior presteza.

A dois dias andados, ergueu-se D. Quixote, e o que primeiro fez foi ir-se ver os seus livros, e, como não achava o quarto em que os tinha deixado, corria de uma parte para outra a procurá-lo.

Chegava onde costumava estar a porta, e tenteava-a às apalpadelas, e volvia e revolia os olhos por todos os cabos, sem proferir palavra. Porém, depois de um grande espaço, perguntou à ama a que parte ficava o aposento dos seus livros.

A ama, que já estava bem precavida do que havia de responder, lhe disse:

— Que aposento ou que história busca Vossa Mercê? Já não há aposento nem livros nesta casa, carregou com tudo o mesmo diabo.

— Não era diabo — acudiu a sobrinha — era um encantador que veio numa nuvem, numa noite depois daquele dia em que Vossa Mercê se abalou daqui, e, apeando-se de uma serpe em que vinha encavalgado, entrou no aposento. Não sei o que fez lá dentro; ao cabo de um

breve espaço, saiu voando pelo telhado, deixando a casa cheia de fumarada, e, quando tornamos em nós, e fomos ver o que tinha feito, não vimos nem livros, nem aposento algum. Só nos lembra muito bem a mim e à ama que, ao tempo de partir-se, aquele malvado velho proferiu em altas vozes, que, por inimizade secreta, que tinha com o dono daquela livraria e estância, deixava feito o dano que depois se veria. Disse também que se chamava o sábio Munhatão.

— Frestão é que havia de dizer — acudiu D. Quixote.

— Não sei — interrompeu a ama — se era Frestão ou Fritão; só sei que o nome acabava em tão.

— Isso mesmo — disse D. Quixote — é esse um sábio encantador grande inimigo meu, e que me tem osga, porque sabe por suas artes e letras, que, pelo andar dos tempos, tenho de pelejar em singular batalha com um cavaleiro a quem ele favorece, e o hei-de vencer sem que ele mo possa estorvar; por isso procura fazer-me quantas sensaborias pode, e eu digo-lhe que mal poderá ele evitar o que do céu nos está determinado.

— Disso ninguém duvida — disse a sobrinha — mas quem o mete, senhor tio, a Vossa Mercê nessas pendências? Não será melhor estar-se manso e pacífico em sua casa, em vez de se ir pelo mundo procurar pão que o diabo amassou, sem se lembrar de que muitos vão buscar lã e vêm tosquiados?

— Ai sobrinha, sobrinha! — respondeu D. Quixote — Como andas fora da conta! Primeiro que a mim me tosquiem, terei peladas e arrancadas as barbas a quantos

imaginarem tocar-me na ponta de um só cabelo.

Não quiseram as duas replicar-lhe mais nada, vendo que o agastamento lhe queria ir a mais.

O caso é que teve o nosso herói de passar em casa quinze dias mui quedo, sem dar mostras de querer recair nos seus primeiros devaneios; quinze dias em que passou graciosíssimos contos com os seus dois compadres, o cura e o barbeiro.

Era sempre a sua teima, que de nada precisava tanto o mundo, como de cavaleiros andantes; e oxalá essa cavalaria andante cá ressuscitara!

O cura algumas vezes o contradizia, e outras ia com ele, porque sem essa velhacaria, como se haviam de entender?

Neste meio tempo, solicitou D. Quixote a um lavrador seu vizinho, homem de bem (se tal título se pode dar a um pobre), e de pouco sal na moleira; tanto em suma lhe disse, tanto lhe martelou, que o pobre rústico se determinou em sair com ele, servindo-lhe de escudeiro.

Dizia-lhe entre outras coisas D. Quixote, que se dispusesse a acompanhá-lo de boa vontade, porque bem podia dar o acaso que do pé para a mão ganhasse alguma ilha, e o deixasse por governador dela.

Com estas promessas e outras quejandas, Sancho Pança (que assim se chamava o lavrador) deixou mulher e filhos, e se assoldadou por escudeiro do fidalgo.

Deu logo ordem D. Quixote a buscar dinheiros; e, vendendo



umas coisas, empenhando outras, e malbaratando-as todas, juntou uma quantia razoável. Apetrechou-se com uma rodela, que pediu emprestada a um amigo; e, consertando a sua celada, o melhor que pôde, notificou ao seu escudeiro Sancho o dia e a hora em que tencionava porem-se a caminho, para que ele se arranjasse do que lhe fosse mais preciso; sobretudo lhe recomendou que levasse alforjes. Respondeu ele que os levaria, e que também pensava em levar um asno que tinha mui bom, porque não estava costumado a andar muito a pé.

Naquilo do asno é que D. Quixote não deixou de refletir o seu tanto, cismando se lhe lembraria que algum cavaleiro andante teria trazido escudeiro montado asnalmente; mas nenhum lhe veio à memória. Apesar disso, decidiu que podia levar o burro, com o propósito de lhe arranjar cavalgadura de maior foro apenas se lhe deparasse ocasião, que seria tirar o cavalo ao primeiro cavaleiro descortês que topasse.

Preveniui-se de camisas, e das mais coisas que pôde, conforme o conselho que o vendeiro lhe havia dado.

Feito e cumprido tudo, sem se despedir Pança dos filhos e mulher, nem D. Quixote da ama e da sobrinha, saíram uma noite do lugar sem os ver alma viva, e tão de levada se foram, que ao amanhecer já se iam seguros de que os não encontrariam, por mais que os rastejassem.

Ia Sancho Pança sobre o seu jumento como um patriarca, com os seus alforjes e a sua borracha, e com muita ânsia de

se ver já governador da ilha que o amo lhe havia prometido.

Acertou D. Quixote de seguir a mesma direção que levara na primeira jornada, que foi pelo campo de Montiel, por onde caminhava mais satisfeito que da primeira vez, por ser ainda de manhã e dar lhes de escape o sol, o que sempre importunava menos.

Disse então Sancho Pança a seu amo:

— Olhe Vossa Mercê, senhor cavaleiro andante, não se esqueça do que me prometeu a respeito da ilha, que lá o governá-la bem, por grande que seja, fica por minha conta.

— Hás-de saber, amigo Sancho Pança — disse D. Quixote — que foi costume muito usado dos antigos cavaleiros andantes fazerem governadores aos seus escudeiros das ilhas ou reinos que ganhavam; e eu tenho assentado em que, por minha parte, se não dê quebra a esta usança de agradecido, antes nela me desejo avantajár; porque os outros, algumas vezes, e as mais delas, estavam à espera de que os seus escudeiros chegassem a velhos, e já depois de fartos de servir, e de levar maus dias e piores noites, é que lhes davam algum título de Conde, ou pelo menos de Marquês de algum vale ou província de pouco mais ou menos; e tu, se viveres e mais eu, bem poderá ser que antes de seis dias andados eu ganhe um reino com outros seus dependentes, que venham mesmo ao pintar para eu te coroar a ti por seu Rei. E não te admires do que te digo, pois coisas e casos acontecem aos tais cavaleiros, por modos tão nunca vistos e pensados, que facilmente eu te

poderia dar até mais do que te prometo.

— Desse modo — respondeu Sancho Pança — se eu fosse Rei por algum milagre dos que Vossa Mercê diz, pelo menos Joana Gutierres, meu conchego, chegaria a ser Rainha, e os meus filhos infantes.

— Quem o duvida? — respondeu D. Quixote.

— Duvido eu — replicou Sancho Pança — porque tenho para mim que, ainda que Deus chovera reinos sobre a terra, nenhum assentaria bem na Maria Gutierres. Saiba, senhor meu, que ela para Rainha não vale dois maravedis; lá Condessa muito melhor acertara, e assim mesmo com a ajuda de Deus.

A Nosso Senhor encomenda tu, meu Sancho, o negócio, que ele lhe dará o que mais lhe acerte; mas não apouques tanto os teus espíritos, que venhas a contentar-te com menos que ser adiantado.

— Esteja descansado, senhor meu — respondeu Sancho — tenho ânimo, tenho, e mais servindo a um amo tão principal como é Vossa Mercê, que me há-de saber dar tudo que me esteja bem, e me couber nas forças.

## **CAPÍTULO VIII**

**Do bom sucesso que teve o valoroso D. Quixote na espantosa e jamais imaginada aventura dos moinhos de vento, com outros sucessos dignos de feliz recordação.**

Quando nisto iam, descobriram trinta ou quarenta moinhos de vento, que há naquele campo. Assim que D. Quixote os viu, disse para o escudeiro:

— A aventura vai encaminhando os nossos negócios melhor do que o soubemos desejar; porque, vês ali, amigo Sancho Pança, onde se descobrem trinta ou mais desaforados gigantes, com quem penso fazer batalha, e tirar-lhes a todos as vidas, e com cujos despojos começaremos a enriquecer; que esta é boa guerra, e bom serviço faz a Deus quem tira tão má raça da face da terra.

— Quais gigantes? — disse Sancho Pança.

— Aqueles que ali vês — respondeu o amo — de braços tão compridos, que alguns os têm de quase duas léguas.

— Olhe bem Vossa Mercê — disse o escudeiro — que aquilo não são gigantes, são moinhos de vento; e os que parecem braços não são senão as velas, que tocadas do vento fazem trabalhar as mós.

— Bem se vê — respondeu D. Quixote — que não andas corrente nisto das aventuras; são gigantes, são; e, se tens medo, tira-te daí, e põe-te em oração enquanto eu vou entrar com eles em fera e desigual batalha.

Dizendo isto, meteu esporas ao cavalo Rocinante, sem atender aos gritos do escudeiro, que lhe repetia serem sem dúvida alguma moinhos de vento, e não gigantes, os que ia

acometer. Mas tão cego ia ele em que eram gigantes, que nem ouvia as vozes de Sancho nem reconhecia, com o estar já muito perto, o que era; antes ia dizendo a brado:

— Não fujais, covardes e vis criaturas; é um só cavaleiro o que vos investe.

Levantou-se neste comenos um pouco de vento, e começaram as velas a mover-se; vendo isto D. Quixote, disse:

— Ainda que movais mais braços do que os do gigante Briareu, heis-de mo pagar.

E dizendo isto, encomendando-se de todo o coração à sua senhora Dulcinéia, pedindo-lhe que, em tamanho transe o socorresse, bem coberto da sua rodela, com a lança em riste, arremeteu a todo o galope do Rocinante, e se aviou contra o primeiro moinho que estava diante, e dando-lhe uma lançada na vela, o vento a volveu com tanta fúria, que fez a lança em pedaços, levando desastradamente cavalo e cavaleiro, que foi rodando miseravelmente pelo campo fora.

Acudiu Sancho Pança a socorrê-lo, a todo o correr do seu asno; e quando chegou ao amo, reconheceu que não se podia menear, tal fora o trambolhão que dera com o cavalo.

— Valha-me Deus! — exclamou Sancho — Não lhe disse eu a Vossa Mercê que reparasse no que fazia, que não eram senão moinhos de vento, e que só o podia desconhecer quem dentro na cabeça tivesse outros?

— Cala a boca, amigo Sancho — respondeu D. Quixote; —

as coisas da guerra são de todas as mais sujeitas a contínuas mudanças; o que eu mais creio, e deve ser verdade, é que aquele sábio Frestão, que me roubou o aposento e os livros, transformou estes gigantes em moinhos, para me falsear a glória de os vencer, tamanha é a inimizade que me tem; mas ao cabo das contas, pouco lhe hão-de valer as suas más artes contra a bondade da minha espada.

— Valha-o Deus, que o pode! — respondeu Pança.

E ajudando-o a levantar, o tornou a subir para cima do Rocinante, que estava também meio desasado.

Conversando no passado sucesso, continuaram caminho para Porto Lápice, porque por ali (dizia D. Quixote) não era possível que se não achassem muitas e diversas aventuras, por se sítio de grande passagem. Que pesar o ver-se então sem lança! (como ele dizia ao escudeiro). Mas dizia-lhe também logo:

— Recordo-me ter lido que outro cavaleiro espanhol, por nome Diogo Peres de Vargas, tendo-se lhe numa batalha quebrado a espada, esgalhou de uma azinheira uma pesada arranca, e só com ela fez tais coisas naquele dia, e a tantos mouros machucou, que lhe ficou de apelido “o Machuca”; e assim ele como os seus descendentes se ficaram nomeando desde aquele dia Vargas e Machuca. Refiro-te isto, porque a primeira azinheira ou carvalho que se me depare, tenciono sacar-lhe outro pau tão bom como aquele, e fazer com ele tais façanhas, que te julgues bem afortunado por teres chegado a presenciá-las, e poderes ser testemunha de coisas

tão convizinhas do impossível.

— Por Deus, senhor D. Quixote — disse Sancho — creio tudo que Vossa Mercê me diz; mas olhe se se endireita um pouquinho, que parece ir descaindo para a banda; há-de ser do trambolhão que apanhou.

— E é verdade — respondeu D. Quixote; — e se me não queixo com a dor, é porque aos cavaleiros andantes não é dado lastimarem-se de feridas, ainda que por elas lhes saiam as tripas.

— Sendo assim, já estou calado — respondeu Sancho; —  
mas sabe Deus se eu não achava melhor  
que Sua Mercê se queixara quando lhe doesse alguma coisa. De mim sei eu, que, em me doendo seja o que for, hei-de por força berrar, se é que a tal regra, de não dar mostras de sentir, não chega também aos escudeiros da cavalaria andante.

Não deixou de se rir D. Quixote da simpleza do seu pajem; e declarou-lhe que podia queixar-se quantas vezes quisesse, com vontade ou sem ela, que até aquela data nunca lera proibição disso nos livros de cavalaria.

Advertiu-lhe Sancho que reparasse em que eram horas de comer. Respondeu-lhe o amo que por enquanto lhe não era necessário; que embora comesse ele, se lhe parecia.

Com esta licença, ajeitou-se Pança o melhor que pôde sobre o seu jumento, e tirando dos alforjes o que para eles tinha metido, ia caminhando e comendo atrás do amo com todo o

seu descanso; e de quando em quando empinava a borracha com tanto gosto, que faria inveja ao mais refestelado bodegueiro de Málaga. E enquanto ia assim amiudando os tragos, não se lembrava de nenhuma promessa que o amo lhe tivesse feito; nem tinha por trabalho, antes por vida mui regalada, o andar buscando as aventuras, por perigosas que fossem.

Em suma, aquela noite passaram-na entre umas árvores; de uma delas desgaltou D. Quixote uma das pernadas secas, que lhe podia pouco mais ou menos suprir a lança, e nela pôs o ferro da que se lhe tinha quebrado.

Em toda a noite não pregou olho, pensando na sua senhora Dulcinéia, para se conformar com o que tinha lido nos seus livros, quando os cavaleiros passavam sem dormir muitas noites nas florestas e despovoados, enlevados na lembrança de suas amadas.

Já Sancho Pança a não passou do mesmo modo; como levava a barriga cheia (e não de água de chicória) levou-a toda de um sono; e se o amo o não chamara, não bastariam para acordá-lo os raios do sol que lhe vieram dar na cara, nem as cantorias das aves, que em grande número saudavam com alvoroço a vinda do novo dia.

Ao erguer-se, deu mais um beijo na borracha, e achou-a seu tanto mais chata que a noite de antes; com o que se lhe apertou o coração, pensando em que não levavam caminho de se remediar tão depressa aquela falta.

Não quis D. Quixote desjejear-se, porque, segundo já



dissemos, lhe deu em sustentar-se de saborosas memórias. Prosseguiram no seu começado caminho de Porto Lápice, e pela volta das três do dia deram vista dele.

— Aqui — disse D. Quixote — podemos, Sancho Pança amigo, meter os braços até aos cotovelos no que chamam aventuras; mas adverte, que, ainda que me vejas nos maiores perigos do mundo, não hás-de meter mão à espada para me defender, salvo se vires que os que me agravam são canalha e gente baixa, que nesse caso podes ajudar-me; porém se forem cavaleiros, de modo nenhum te é lícito, nem concedido nas leis da cavalaria, que me socorras, enquanto não fores armado cavaleiro.

— Decerto — respondeu Sancho — que nessa parte há-de Sua Mercê ser pontualmente obedecido, e mais, que eu sou de meu natural pacífico, e inimigo de intrometer-me em arruídos e pendências. É verdade, que, no que tocar em defender cá a pessoa, não hei-de fazer muito caso dessas leis, porque as divinas e humanas permitem defender-se cada um de quem lhe queira mal.

— Não digo menos disso — respondeu D. Quixote — porém no ajudar-me contra cavaleiros hás-de ter mão nos teus ímpetos naturais.

— Afirmo-lhe que assim o farei — respondeu Sancho; — esse preceito hei-de o guardar como os dias santos e os domingos.

Estando nestas práticas, viram vir pelo caminho dois frades da ordem de S. Bento, cavalgando sobre dois dromedários

(que não eram mais pequenas as mulas em que vinham). Traziam seus óculos de jornada, e seus guarda-sóis.

Atrás seguia um coche com quatro ou cinco homens de cavalo, que o acompanhavam, e dois moços de mulas a pé. Vinha no coche, como depois se veio a saber, uma senhora biscainha, que ia a Sevilha, onde estava seu marido, que passava às Índias com um mui honroso cargo. Não vinham os frades com ela, ainda que traziam o mesmo caminho; mas apenas D. Quixote os divisou, quando disse para o escudeiro:

— Ou me engano, ou esta tem de ser a mais afamada aventura que nunca se viu, porque aqueles vultos negros, que ali aparecem, devem ser alguns encantadores, que levam naquele coche alguma Princesa raptada; e é forçoso, que, a todo o poder que eu possa, desfaça esta violência.

— Pior será esta, que a dos moinhos de vento — disse Sancho; — repare, meu amo, que são frades de S. Bento, e o coche deve ser de alguma gente de passagem; veja, veja bem o que faz, não seja o diabo que o engane.

— Já te disse, Sancho — respondeu D. Quixote — que sabes pouco das maranhas que muitas vezes se dão nas aventuras. O que eu digo é verdade, e agora o verás.

Dizendo isto, adiantou-se e pôs-se no meio do caminho por onde vinham os frades; e, chegando a distância que a ele lhe pareceu o poderiam ouvir, disse em alta voz:

— Gente endiabrada e descomunal, deixai logo no mesmo

instante as altas Princesas que nesse coche levais furtadas; quando não, aparelhai-vos para receber depressa a morte, por justo castigo das vossas malfeitorias.

Detiveram os frades as rédeas, admirados, tanto da figura como dos ditos de D. Quixote, e responderam:

— Senhor cavaleiro, nós outros não somos nem endiabrados nem descomunais; somos dois religiosos beneditinos, que vamos nossa jornada; e não sabemos se nesse coche vêm, ou não, algumas Princesas violentadas.

— Falas mansas cá para mim não pegam — disse D. Quixote — que já vos conheço, fementida canalha.

E sem aguardar mais resposta, picou o Rocinante, e de lança baixa arremeteu com o primeiro frade com tanta fúria e denodo, que, se o frade se não deixasse cair da mula, ele o faria ir a terra contra vontade, e até mal ferido, se não morto.

O segundo religioso, que viu o que se tinha feito ao companheiro, meteu pernas à sua acastelada mula, e desatou a correr por aquele campo, mais ligeiro que o próprio vento.

Sancho Pança, que viu por terra o frade, apeou-se do burro com a maior pressa, arremeteu a ele, e começou-lhe a tirar os hábitos. Acudiram dois moços dos frades, e perguntaram-lhe por que o despia. Respondeu-lhes Sancho Pança, que a fatiota lhe pertencia a ele legitimamente, como despojos da batalha, que seu amo D. Quixote havia

ganhado. Os moços, que não entendiam de xácaras, nem percebiam aquilo de despojos e batalhas, vendo já afastado dali D. Quixote em conversação com as damas do coche, investiram com Sancho, e deram com ele em terra, arrancaram-lhe as barbas, moeram-no a coices, e o deixaram estendido como coisa morta.

O frade caído não se demorou um instante; todo temeroso e acovardado, ergueu-se, montou, e, logo que se viu a cavalo, picou atrás do companheiro, que a bom pedaço dali estava esperando em que pararia aquele ataque.

Não quiseram esperar mais pelo desfecho, e seguiram o seu caminho, fazendo mais cruces, que se levassem o diabo atrás de si.

Estava D. Quixote, como já se disse, falando com a senhora do coche, dizendo-lhe:

— A Vossa formosura, senhora minha, pode fazer da sua pessoa o que mais lhe apeteça, porque já a soberba de vossos roubadores jaz derribada em terra por este meu forte braço; e para que vos não raleis de não saber o nome do vosso libertador, chamo-me D. Quixote de la Mancha, cavaleiro andante, e cativo da sem par em formosura D. Dulcinéia del Toboso; e em paga do benefício que de mim haveis recebido, nada mais quero senão que volteis a Toboso, e que da minha parte vos apresenteis a ela, e lhe digais o que fiz para vos libertar.

Tudo que D. Quixote dizia, estava-o escutando um escudeiro dos que acompanhavam o coche, e que era

biscainho, o qual, vendo que o cavaleiro não queria deixar ir o coche para diante, mas teimava que havia de desandar logo para Toboso, fez frente a D. Quixote, e, agarrando-lhe na lança, lhe disse em mau castelhano e pior biscainho o que pouco mais ou menos vinha a parar nisto:

— Anda, cavaleiro, que mal andas; pelo Deus que me criou, que, se não deixas o coche, morres tão certo como ser eu biscainho.

Entendeu-o muito bem D. Quixote, e com muito sossego lhe respondeu:

— Se foras cavaleiro, assim como o não és, já eu teria castigado a tua sandice e atrevimento, criatura reles.

Ao que respondeu o biscainho lá pelo seu dialeto:

— Não sou cavaleiro eu? juro a Deus que mentes, tão certo como ser eu cristão; se arrojas lança ou arrancas espada, verás como te vai tudo pelo pó do gato; biscainho por terra, fidalgo por mar, fidalgo com os diabos; e, se o negares, mentiste.

— Agora o veremos, como dizia Agrages — respondeu D. Quixote.

E, atirando a lança ao chão, desembainhou a espada, abraçou a rodela, e arremeteu ao biscainho, de estômago feito para lhe arrancar a vida. O biscainho, que assim o viu sobrevir-lhe, ainda que se quisesse apear da mula, que, por ser das de aluguer, não era das boas, nem havia que fiar nela, o mais que pôde foi sacar da espada; e foi-lhe dita

achar-se junto ao coche, donde pôde tomar uma almofada que lhe serviu de escudo; e logo se foram um para o outro como dois mortais inimigos.

A demais gente bem quisera pô-los em paz, mas não pôde, porque dizia o biscainho nas suas descosidas razões que, se o não deixassem acabar a batalha, ele próprio mataria a sua ama e a quantos lho estorvassem.

A senhora do coche, pasmada e temerosa do que via, disse ao cocheiro que se desviasse algum tanto dali, e se pôs de longe a admirar a pavorosa contenda.

No decurso dela, deu o biscainho uma grande cutilada a D. Quixote, acima de um ombro por sobre a rodela, que, a dar-lha sem defesa, o abriu até à cintura. D. Quixote, que sentiu o peso daquele desaforado golpe, deu um grande berro, dizendo:

— Ó senhora da minha alma, Dulcinéia, flor da formosura, socorrei a este vosso cavaleiro, que, para satisfazer a vossa muita bondade, se acha em tão rigoroso transe.

O dizer isto, apertar a espada, cobrir-se bem com a rodela, e arremeter ao biscainho, foi tudo um, indo determinado de aventurar tudo num só golpe. O biscainho, vendo-o vir assim contra ele, bem entendeu por aquele denodo a coragem do inimigo, e determinou fazer o mesmo que ele; pelo que se deteve a esperá-lo bem coberto com a almofada, sem poder rodear a mula, nem a uma nem outra parte, que já de puro cansaço, e não afeita a semelhantes brinquedos, não podia dar um passo.

Vinha, pois, como dito é, D. Quixote contra o acautelado biscainho, com a espada em alto, determinado a abri-lo em dois; e o biscainho o aguardava assim mesmo, com a espada erguida, e escudado com a sua almofada.

Todos os circunstantes estavam temerosos e transidos à espera do que se poderia seguir de golpes tamanhos, com que de parte a parte se ameaçavam. A senhora do coche, e as suas criadas, faziam mil votos e promessas a todas as imagens e igrejas de Espanha, para que Deus livrasse ao seu escudeiro e a elas daquele tão grande perigo.

O pior que tudo é que, neste ponto exatamente, interrompe o autor da história esta batalha, dando por desculpa não ter achado mais notícias desta façanha de D. Quixote, além das já referidas.

Verdade é que o segundo autor desta obra não quis crer que tão curiosa história estivesse enterrada no esquecimento, nem que houvessem sido tão pouco curiosos os engenhos da Mancha, que não tivessem em seus arquivos ou escritórios alguns papéis que deste famoso cavaleiro tratassem; e assim, com esta persuasão, não perdeu a esperança de vir a achar o final desta aprazível narrativa, o qual por favor do céu se lhe deparou como ao diante se contará.

## **LIVRO SEGUNDO**

## **CAPÍTULO IX**

**Em que se conclui a estupenda batalha que o galhardo biscaíño e o valente manchego tiveram.**

DEIXAMOS no capítulo antecedente o valente biscainho e o famoso D. Quixote com as espadas altas e nuas, ameaçando descarregar dois furibundos fendentes, e tais, que, se em cheio acertassem, pelo menos os rachariam de alto a baixo como duas romãs. Naquele ponto tão duvidoso parou, ficando-nos truncada tão saborida história, sem nos dar notícia o autor donde se poderia achar o que nela faltava.

Causou-me isto grande pena, porque o gosto de ter lido aquele pouco se me devolia em desgosto, pensando no mau caminho que se oferecia para se achar o muito que em meu entender faltava ainda a tão saboroso conto.

Parecia-me coisa impossível, e fora de todo o bom costume, que a tão bom cavaleiro tivesse faltado algum sábio, que tomasse a cargo o escrever as suas nunca vistas façanhas; coisa que não minguou a nenhum dos cavaleiros andantes, dos que as gentes dizem que se vão às suas aventuras, pois cada um deles tinha um ou dois sábios, que pareciam talhados para isso mesmo, os quais não somente escreviam os seus feitos, senão que pintavam até os seus mínimos pensamentos e ninharias, por mais ocultas que fossem. Como havia de ser tão desditado um cavaleiro tão



excelente, que a ele lhe faltasse o que sobrou a Plátir e outros que tais?

Assim não podia inclinar-me a crer que tão galharda história tivesse ficado manca, e já atirava a culpa à malignidade do tempo devorador e consumidor de todas as coisas, que ou tinha aquilo oculto, ou o desbaratara e perdera.

Por outra parte me parecia, que, pois entre os seus livros se tinham achado alguns tão modernos como Desengano de zelos, e Ninfas e Pastores de Henares, também a sua história devia de ser moderna e, se não estivesse escrita, estaria na memória da gente da sua aldeia, e das aldeias circunvizinhas.

Estas fantasias me traziam confuso e desejoso de saber real e verdadeiramente toda a vida e milagres do nosso famigerado espanhol D. Quixote de la Mancha, luz e espelho da cavalaria manchega, e o primeiro que, em nossa idade e nestes tão calamitosos tempos, se pôs ao trabalho e exercício das andantes armas, e ao de desfazer agravos, socorrer viúvas, amparar donzelas, daquelas que andavam de açoite em punho, montadas em seus palafréns, e com toda a sua virgindade à sua conta, de monte em monte, e de vale em vale, que (a não ser forçá-las algum valdevinos, ou algum vilão de machada e morrião, ou algum descomunal gigante) donzela houve nos passados tempos, que, ao cabo de oitenta anos, sem ter dormido uma só vez debaixo de telha, se foi tão inteira à sepultura, como a mãe a parira.

Digo, pois, que, por estes e outros muitos respeitos, é merecedor o nosso galhardo D. Quixote de contínuos e memoráveis louvores; a mim não se devem eles negar pelo trabalho e diligência que pus em buscar o fim desta agradável história, ainda que sei bem que, se o céu, o acaso, e a fortuna, me não ajudassem, o mundo ficaria falto do passatempo e gosto que poderá ter por quase duas horas a pessoa que atentamente a ler. O modo da achada foi o seguinte:

Estando eu um dia no Alcana de Toledo, apareceu ali um muchacho a vender uns alfarrábios e papéis velhos, a um mercador de sedas. Como eu sou amigo de ler até os papéis esfarrapados das ruas, levado da inclinação natural, tomei um daqueles cartapácios, e pela escrita reconheci ser árabe (posto o não soubesse decifrar).

Espalhei os olhos à procura de algum mourisco algaraviado, que mo deletreasse. Depressa me apareceu intérprete, pois de melhor e mais antiga língua que o eu necessitasse, facilmente por ali se me depararia. Enfim atinei com um, que, ouvindo o que eu desejava, pegando no livro o abriu pelo meio, e, lendo nele um pouco, se começou a rir.

Perguntei-lhe de que se ria, e respondeu-me que de uma coisa que ali vinha escrita na margem como anotação. Pedi-lhe que ma decifrasse, e ele, sem interromper o riso, continuou:

— O que se lê aqui nesta margem, ao pé da letra, é o seguinte: Esta Dulcinéia del Toboso, tantas vezes

mencionada na presente crônica, dizem que para a salga dos porcos era a primeira mão de toda a Mancha.

Quando eu ouvi falar de Dulcinéia del Toboso, fiquei atônito e suspenso, porque logo se me representou que no alfarrábio se conteria a história de D. Quixote. Neste pressuposto, roguei-lhe que me lesse o princípio do livro em linguagem cristã, o que ele fez traduzindo de repente o título arábigo em castelhano deste modo: História de D. Quixote de la Mancha, escrita por Cid Hamete Benengeli, historiador arábigo.

Muita prudência me foi mister para dissimular o contentamento que me tomou, quando semelhante título me chegou aos ouvidos; e antes que o rapaz apresentasse o livro ao homem das sedas, lhe comprei toda a papelada e os alfarrábios por uns reles cobres, que, se ele fora mais previsto, e soubesse a grande melgueira que me trazia ali, bem podia ter feito comigo veniaga para mais de seis reales.

Retirei-me logo com o mourisco para o claustro da igreja maior, e lhe pedi me trocasse em vulgar todos aqueles alfarrábios, que tratavam de D. Quixote, sem omitir nem acrescentar nada, oferecendo-lhe a paga que ele quisesse.

Contentou-se com duas arrobas de passas, e duas fangas de trigo, e prometeu traduzi-los bem e fielmente com muita brevidade. Mas eu, para facilitar mais o negócio, e não largar da mão tão bom achado, o trouxe para minha casa, onde em pouco mais de mês e meio traduziu tudo exatamente como aqui se refere.

Estava no primeiro cartapácio debuxada mui ao natural a batalha de D. Quixote com o biscainho, na mesma postura em que os descreve a história, de espadas altas, um coberto da sua rodela, o outro da almofada, e a mula do biscainho tão ao vivo, que a distância de tiro de besta se conhecia ser de aluguer. Tinha o biscainho por baixo uma inscrição que dizia: D. Sancho de Azpeytía, que sem dúvida devia ser o seu nome, e aos pés do Rocinante estava outra que dizia: D. Quixote.

Vinha o Rocinante maravilhosamente pintado, tão delgado e comprido, tão descarnado e fraco, com arcabouço tão ressaído, e tão desenganado ético, que bem mostrava quanto à própria se lhe tinha posto o nome de Rocinante.

Ao pé dele estava Sancho Pança com o burro pelo cabresto, com outro letreiro que dizia: Sancho Zancas, o que havia de ser, pelo que a pintura mostrava, por ter a barriga bojuda, a estatura baixa, e as ancas largas, do que lhe viria o nome de Pança e Zancas, que por ambas estas alcunhas o designa algumas vezes a história.

Algumas outras miudezas se poderiam notar, mas são todas de pouca importância, e não fazem ao caso para a verdade da narrativa, que no ser verdadeira é que cifra a sua bondade.

Se aqui se pode pôr alguma dúvida por parte da veracidade, será só o ter sido o autor arábigo, por ser mui próprio dos daquela nação serem mentirosos, ainda que, por outra parte, em razão de serem tão nossos inimigos, antes se pode

entender que mais seriam apoucados que sobejos nos louvores de um cavaleiro batizado. A mim assim me parece, pois, podendo deixar correr à larga a pena no encarecer os merecimentos de tão bom fidalgo, parece que de propósito os remete ao escuro; coisa mal feita e piormente pensada, por deverem ser os historiadores muito pontuais, verdadeiros, e nada apaixonados, sem que nem interesse, nem temor, nem ódio, nem afeição, os desviem do caminho direito da verdade, que é a filha legítima de quem historia, êmula do tempo, depósito dos feitos, testemunha do passado, exemplo e conselho do presente, e ensino do futuro.

Nesta sei eu que se achará tudo que porventura se deseje na mais aprazível; e se alguma coisa boa lhe falecer, para mim tenho que foi culpa do perro do autor, antes que por minguia da matéria.

Enfim, a sua segunda parte, prosseguindo na tradução, começava desta maneira:

Postas e levantadas em alto as cortadoras espadas dos dois valorosos e enojados combatentes, não parecia senão que estavam ameaçando céu, terra, e abismo; tal era o seu denodo e aspecto!

O primeiro que descarregou o golpe foi o colérico biscainho; e com tal força e fúria o descarregou, que, a não se voltar nos ares o ferro, bastara aquela cutilada para dar fim à sua rigorosa contenda, e a todas as aventuras do nosso cavaleiro. Mas a boa sorte, que para maiores coisas o guardava, torceu a espada do inimigo, por modo que, posto

lhe acertasse no ombro esquerdo, lhe não fez outro dano senão desarmá-lo daquela banda, levando-lhe de caminho grande parte da celada, com a metade da orelha, que tudo aquilo veio a terra com espantosa nina, deixando-o muito mal tratado.

Valha-me Deus! quem haverá aí que bem possa contar agora a raiva que entrou no coração do nosso manchego, vendo-se posto naquela miséria? bastará dizer que se aprumou de novo nos estribos; e, apertando mais a espada nas mãos, com tamanho ímpeto descarregou sobre o biscainho, acertando-a em cheio na almofada e cabeça, que, não lhe valendo tão seguro reparo, foi como se lhe caíra em cima uma montanha; começou logo a deitar sangue pelos narizes, pela boca, e pelos ouvidos, e a dar mostras de cair da mula abaixo; e sem falta cairia, a se não abraçar ao pescoço do animal. Mas, apesar de tudo, desentralhou os pés dos estribos, soltou os braços, e a mula, espantada com o tremendo golpe, deu a correr pelo campo; e a poucos corcovos pregou com o seu dono em terra.

Contemplava D. Quixote tudo com muito sossego; e, logo que o viu caído, saltou do seu cavalo, e com muita ligeireza se chegou; e, metendo-lhe aos olhos a ponta da espada, lhe disse que se rendesse, ou lhe cortaria a cabeça.

Estava o biscainho tão fora de si, que não podia responder palavra; e mal passaria à vista da cegueira de D. Quixote, se as damas do coche, que até então tinham com grande desacordo presenciado a pendência, não corressem para onde ele estava, pedindo-lhe com as maiores instâncias lhes

fizesse a infinita mercê de perdoar a morte àquele seu escudeiro; ao que D. Quixote respondeu com o maior entono e gravidade:

— À fé, formosas senhoras, que sou mui contente de fazer o que me pedis; mas há-de ser com uma condição; a saber: que este cavaleiro me há-de prometer que irá ao lugar de Toboso, e se há-de apresentar da minha parte à sem par D. Dulcinéia, para que faça dele o que for mais de sua vontade.

As medrosas e desconsoladas, sem entrar em explicações do que D. Quixote exigia, e sem perguntarem quem vinha a ser D. Dulcinéia, lhe prometeram que o escudeiro executaria quanto de sua parte lhe fosse mandado.

— Pois, fiado nessa promessa, não lhe farei mais prejuízo, ainda que bem o tenha merecido.

## **CAPÍTULO X**

### **Graciosas práticas entre D. Quixote e seu escudeiro Sancho Pança.**

Já então se havia levantado Sancho Pança, algum tanto maltratado pelos moços dos frades, e tinha assistido atento à batalha de seu amo D. Quixote, rogando no coração a Deus fosse servido de lhe dar vitória, e com ela o ganho de alguma ilha, e que o fizesse governador, segundo o prometido.

Vendo pois concluída já a pendência, e que seu amo tornava

a encavalgar-se no Rocinante, chegou se a pegar-lhe no estribo, e, antes que ele subisse, se pôs de joelhos diante dele, pegou-lhe na mão, beijou-a, e disse-lhe:

— Seja Vossa Mercê servido, meu senhor D. Quixote da minha alma, de me dar o governo da ilha que nesta rigorosa pendência ganhou, que, por grande que ela seja, sinto-me com forças de a saber governar, tal e tão bem como qualquer que tenha governado ilhas neste mundo.

— Adverti, Sancho amigo — respondeu D. Quixote — que esta aventura, e outras semelhantes a esta, não são aventuras de ilhas, senão só encruzilhadas, em que se não ganha outra coisa senão cabeça quebrada, ou orelha de menos. Tende paciência; não vos hão-de faltar aventuras, em que não somente eu vos possa fazer governador, mas alguma coisa mais.

Agradeceu-lhe muito Sancho; e, beijando-lhe outra vez a mão e a orla da cota de armas, o ajudou a subir para o Rocinante. Escarranchou-se no seu asno, e começou a apajear o fidalgo, que, a passo largo, sem se despedir das do coche, nem lhes dizer mais nada, se meteu por um bosque perto dali.

Seguia-o Sancho a todo o trote do burro; mas tão levado na carreira ia Rocinante, que, vendo-se ir ficando para trás, não teve remédio senão gritar ao amo que esperasse por ele. Assim o fez D. Quixote, colhendo as rédeas a Rocinante, até que se acercasse o seu cansado escudeiro que, apenas chegou, lhe disse:



— Parece-me, senhor, que seria acertado refugiarmo-nos em alguma igreja, porque, à vista do estado em que pusestes aquele inimigo, não admirará que, chegando a coisa ao conhecimento da Santa Irmandade, nos mandem prender; e à fé que se o fazem, não sairemos da cadeia sem primeiro nos suar o topete.

— Cala-te aí — respondeu D. Quixote — onde viste ou leste jamais que algum cavaleiro andante fosse posto em juízo, por mais homicídios que fizesse?

— De homicídios nada entendo — respondeu Sancho — nem me intrometi em nenhum em dias de vida; o que sei é que a Santa Irmandade tem lá suas contas que ajustar com os que pelejam em campo; no mais não me meto.

— Não tenhas cuidado, amigo — respondeu D. Quixote; — das mãos dos Caldeus te livraria eu, quanto mais da Irmandade. Mas dize-me, por vida tua: viste nunca mais valoroso cavaleiro que eu em todo o mundo descoberto? lê-se em histórias algum que tenha ou haja tido mais brio em acometer, mais alento no perseverar, mais destreza no ferir, nem mais arte em dar com o inimigo em terra?

— Valha a verdade — respondeu Sancho — eu nunca li histórias, porque não sei ler nem escrever; mas o que me atrevo a apostar é, que mais atrevido amo do que é Vossa Mercê, nunca o eu servi em dias de minha vida; e queira Deus que estes atrevimentos se não venham a pagar onde já disse. O que a Vossa Mercê peço é que se cure dessa orelha, que se lhe vai esvaindo em sangue; eu aqui trago nos

alforjes fios, e um pouco de unguento branco.

— Bem escusado fora tudo isso — respondeu D. Quixote — se eu me tivesse lembrado de preparar uma redoma de bálsamo de Ferrabrás, que uma só gota dele nos pouparia mais tempo e curativos.

— Que redoma e que bálsamo vem a ser esse? — disse Sancho Pança.

— É um bálsamo — respondeu D. Quixote — de que eu tenho a receita na memória, com o qual ninguém pode ter medo da morte, nem se morre de ferida alguma; e assim, quando eu o tiver feito e to entregar, não tens mais nada que fazer: em vendo que nalguma batalha me partem por meio corpo, como muitas vezes acontece, a parte do corpo que tiver caído no chão tomá-la-ás com muito jeito e com muita sutileza, e, antes que o sangue se gele, a porás sobre a outra metade que tiver ficado na sela, por modo que acerte bem à justa; e dar-me-ás a beber basta dois tragos do dito bálsamo, e ver-me-ás ficar mais são que um perro.

— Sendo isso verdadeiro — disse Pança — já daqui dispenso o governo da prometida ilha, e nada mais quero em paga dos meus muitos e bons serviços, senão que Sua Mercê me dê a receita dessa milagrosa bebida, que tenho para mim se poderá vender a olhos fechados cada onça dela por mais de quatro vinténs. Não preciso mais para passar o resto da vida honradamente e com todo o descanso. O que falta saber é se não será muito custoso arranjá-la.

— Com menos de três reales se pode fazer canada e meia  
— respondeu D. Quixote.

— Valha-me Deus! — replicou Sancho — por que tarda Vossa Mercê em fazer isso, e em ensinar me a receita?

— Cala-te, amigo — respondeu o cavaleiro — que maiores segredos tenciono eu ensinar-te, e fazer te mercês ainda maiores; e por agora curemo-nos, porque a orelha me está doendo mais do que eu quisera.

Tirou Sancho dos alforjes os fios e o ungüento; mas, quando D. Quixote reparou no estrago da celada, pensou endoidecer; e, posta a mão na espada, e levantando os olhos ao céu, disse:

— Faço juramento ao Criador de todas as coisas, e aos quatro Santos Evangelhos, onde mais por extenso eles estejam escritos, de fazer a vida que fez o grande Marquês de Mântua, quando jurou de vingar a morte de seu sobrinho Baldovinos, que foi de não comer pão em toalha, nem com sua mulher folgar, e outras coisas, que, ainda que me não lembram, as dou aqui por expressadas, enquanto não tomar inteira vingança de quem tal descortesia me fez.

Ouvindo aquilo Sancho, lhe respondeu:

— Advirta Vossa Mercê, senhor D. Quixote, que, se o cavaleiro cumpriu o que lhe foi ordenado, de ir-se apresentar à minha senhora Dulcinéia del Toboso, já terá cumprido com o que devia, e não merece mais castigo, se não cometer novo delito.

— Falaste e recordaste mui bem — respondeu D. Quixote — e portanto anulo o juramento na parte que toca a tomar dele nova vingança; mas reitero e confirmo o voto de levar a vida que já disse, até que tire a algum cavaleiro outra celada tal e tão boa como esta era; e não cuides tu, Sancho, que faço isto assim a lume de palhas, pois não me faltam bons exemplos a quem imite neste particular, que outro tanto ao pé da letra se passou sobre o elmo de Mambrino, que tão caro custou a Sacripante.

— Dé Vossa Mercê ao diabo tais juramentos, senhor meu — replicou Sancho — que redundam em grave dano para a saúde, e prejuízo para a consciência. Quando não, que me diga: se por acaso em muitos dias não encontrarmos homem armado com celada, que havemos de fazer? há-se de cumprir o juramento a despeito de tantas desconveniências e incomodidades, como são o dormir vestido e sempre fora de povoado, e outras mil penitências, como continha o voto daquele doido velho Marquês de Mântua, a quem Vossa Mercê agora pretende imitar? Olhe Vossa Mercê bem, que por todos estes caminhos não andam homens armados, senão só arrieiros e carreiros, que não só não trazem celadas, mas talvez nunca em dias de vida ouvissem falar delas.

— Enganas-te nisso — disse D. Quixote; — nem duas horas se nos hão-de passar por estas encruzilhadas, sem vermos mais homens armados, que os que foram sobre Albraca para a conquista de Angélica, a formosa.

— Basta, seja assim — disse Sancho — e a Deus praza que

nos suceda bem, e que chegue já o tempo de se ganhar essa ilha que tão cara me custa, e embora eu morra logo.

— Já te disse, Sancho, que te não dê isso cuidado algum; quando falte ilha, aí estão o reino de Dinamarca ou o de Sobradisa. que te servirão como anel em dedo; e mais deves tu folgar com estes, por serem em terra firme. Mas deixemos isto para quando for tempo; e vê se trazes aí nos alforjes coisa que se coma, para irmos logo em busca de algum castelo, em que nos alojemos esta noite, e onde faça o bálsamo que te disse, porque te juro que a orelha me vai já doendo, que não posso parar.

— O que nos alforjes trago — respondeu Sancho — é uma cebola, um pedaço de queijo, e não sei quantos motreco de pão; mas isto não são manjares próprios para tão valente cavaleiro como é Vossa Mercê.

— Como pensas mal! — respondeu D. Quixote. — Faço-te saber, Sancho, que é timbre dos cavaleiros andantes não comerem um mês a fio, ou comerem só do que se acha mais à mão; o que tu já saberias, se tiveras lido tantas histórias como eu; li muitíssimas, e em nenhuma achei terem cavaleiros andantes comido nem migalha, salvo por casualidade, ou em alguns suntuosos banquetes que lhes davam; e os mais dias os passavam com o cheiro das flores. E posto se deva entender que não podiam passar sem comer, e satisfazer a outras necessidades corporais, porque realmente eram gente como nós somos, deve-se entender também que, andando o mais de sua vida pelas florestas e despovoados, e sem cozinheiro, a sua comida mais usual

seriam alimentos rústicos, tais como esses que aí me trazes. Portanto, amigo Sancho, não te mortifiques com o que a mim me dá gosto, nem queiras fazer mundo novo, nem tirar a cavalaria andante dos seus eixos.

— Desculpe-me Vossa Mercê — lhe disse Sancho — como eu não sei ler nem escrever, segundo já lhe disse, não sei nem ando visto nas regras da profissão cavaleiresca; e daqui em diante eu providerei os alforjes de toda a casta de frutas secas, para Vossa Mercê, que é cavaleiro; e para mim, que o não sou, petrechá-los-ei de outras coisas que voam, e de mais substâncias.

— Eu não te digo, Sancho — replicou D. Quixote — que seja forçoso aos cavaleiros andantes não comer outra coisa senão essas frutas secas que dizes; afirmo só que o seu passadio mais ordinário devia ser delas, e de algumas ervas que achavam pelo campo, que eles conheciam, e que eu também conheço.

— Bom é — respondeu Sancho — conhecer essas ervas, que, segundo eu vou examinando, algum dia será necessário usar desse conhecimento.

Nisto, desfardelando o que tinha dito que trazia, comeram ambos juntos em boa paz.

Desejosos de buscar onde pernoitassem, acabaram à pressa a sua pobre e seca refeição, montaram imediatamente a cavalo, e se deram pressa para chegar a povoado antes de anoitecer; mas junto a umas choças de cabreiros pôs-se-lhes o sol, e perderam a esperança de realizar o seu desejo; pelo

que determinaram passar ali a noite.

A Sancho pesou-lhe ter de dormir fora de povoação; mas para o amo foi regalo o ter de levar aquelas horas ao ar livre, por lhe parecer que, sempre que assim lhe sucedia, fazia um ato possessivo, que facilitava a prova da sua cavalaria.

## **CAPÍTULO XI**

### **Do que a D. Quixote sucedeu com uns cabreiros.**

Com boa sombra foi dos cabreiros recolhido o nosso cavaleiro. Sancho acomodou, o melhor que pôde, a Rocinante e ao jumento, e deixou-se ir atrás do cheiro que despediam de si certos tassalhos de cabra, que estavam numa caldeira a ferver ao lume. Ainda que o seu gosto seria logo ali sem mais detença ver se estavam prontos para se trasladarem da vasilha ao estômago, absteve-se de o fazer, porque os cabreiros os tiraram da lareira e, estendendo na terra uns velos de ovelha, aparelharam azafamados a sua mesa rústica, e convidaram aos dois com mostras de muito boa vontade para o que ali havia.

Seis sentaram-se à roda das peles, que era quantos se contavam na malhada, depois de haverem com grosseiras cerimônias rogado a D. Quixote que se sentasse numa gamela que lhe puseram com o fundo para cima. Sentou-se D. Quixote, ficando Sancho de pé para lhe ir servindo o copo, que era feito de pau do ar. O amo, reparando-lhe na postura, disse-lhe:

— Para que vejas, Sancho, o bem que encerra a andante cavalaria, e quão a pique estão os que em qualquer ministério dela se exercitam, de virem em pouco tempo a ser nobilitados e estimados do mundo, quero que te sentes aqui ao meu lado e em companhia desta boa gente, e que estejas tal qual como eu, que sou teu amo e natural senhor, que comas no meu prato, e bebas por onde eu beber, porque da cavalaria se pode dizer o mesmo que se diz do amor: todas as condições iguala.

— Viva muitos anos — respondeu Sancho — mas sou por dizer a vossa Mercê que, tendo eu bem de comer, tão bem e melhor o comeria em pé e sozinho, como sentado à ilharga de um Imperador; e até (se hei-de dizer toda a verdade) muito melhor me sabe comer no meu cantinho, sem cerimônias, nem respeitos, ainda que não seja senão pão e cebola, que os perus de outras mesas com a obrigação de mastigar devagar, beber pouco, limpar-me a miúdo, não espirrar nem tossir quando me for preciso, nem fazer outras coisas, que a solidão e liberdade trazem consigo. E portanto, senhor meu, essas honras que Vossa Mercê me quer dar, por eu ser ministro e aderente da cavalaria andante, como escudeiro que sou de Vossa Mercê, troque-as noutras coisas que me sejam mais cômodas e de melhor proveito; que estas agradeço-lhas, mas dispenso-as desde já até ao fim do mundo.

— Apesar disso hás-de te sentar, porque quem



mais se humilha mais se exalta. E puxando-lhe pelo braço, o obrigou a sentar-se-lhe a par.

Não entendiam os cabreiros aquele palavreado de escudeiros e cavaleiros andantes, e não faziam senão comer e calar e olhar para os hóspedes, que, com muito garbo e gana, iam embutindo para baixo tassalhos como punhos. Acabado o serviço da carne, estenderam sobre as peles cruas grande quantidade de bolotas aveladas, e meio queijo mais duro que se fosse de argamassa.

Não estava entretanto ocioso o copo; andava em roda tão a miúdo, já cheio já vazio como alcatruz de nora, que depressa se despejou uma quartola, de duas que presentes eram.

Depois que D. Quixote se deu por bem repleto, tomou um punhado das bolotas, e considerando-as atentamente, soltou a voz dizendo:

— Ditosa idade e afortunados séculos aqueles, a que os antigos puseram o nome de dourados, não porque nesses tempos o ouro (que nesta idade de ferro tanto se estima!) se alcançasse sem fadiga alguma, mas sim porque então se ignoravam as palavras teu e meu! Tudo era comum naquela santa idade; a ninguém era necessário, para alcançar o seu ordinário sustento, mais trabalho que levantar a mão e apanhá-lo das robustas azinheiras, que liberalmente estavam oferecendo o seu doce e sazoado fruto. As claras nascentes e correntes rios

ofereciam a todos, com magnífica abundância, as saborosas e transparentes águas. Nas aberturas das penhas, e no côncavo dos troncos formavam as suas repúblicas as solícitas e discretas abelhas, oferecendo a qualquer, sem interesse algum, a abundosa colheita do seu dulcíssimo trabalho. Os valentes sobreiros despegavam de si, sem mais artifícios que a sua natural cortesia, as suas amplas e leves cortiças, com que se começaram a cobrir casas sobre rústicas estacas, sustentadas só para reparo contra as inclemências do céu. Tudo então era paz, tudo amizade, tudo concórdia. Ainda se não tinha atrevido a pesada relha do curvo arado a abrir e visitar as entranhas piedosas da nossa primeira mãe, que ela, sem a obrigarem, oferecia por todas as partes do seu fértil e espaçoso seio o que pudesse fartar, sustentar, e deleitar, aos filhos que então a possuíam. Então, sim, que andavam as símplices e formosas pastorinhas de vale em vale, e de outeiro em outeiro, com singelas tranças ou em cabelo, sem mais vestidos que os necessários para encobrirem honestamente o que a honestidade quer, e quis sempre, que se encubra. Não eram seus adornos, como os que ao presente se usam, exagerados com a púrpura de Tiro, e com a por tantos modos martirizada seda; eram folhagens de verde bardana e hera entretecidas; com o que talvez andavam tão garridas e enfeitadas como agora andam as nossas damas de corte com as raras e peregrinas invenções que a indústria ociosa lhes tem ensinado. Então expressavam-se os conceitos amorosos da alma simples, tão singelamente como ela os dava, sem se procurarem artificiosos rodeios de fraseado para os encarecer. Com a verdade e lhaneza não se tinha ainda misturado a fraude, o

engano, e a malícia. A justiça continha-se nos seus limites próprios, sem que ousassem turbá-la nem ofendê-la o favor e interesse, que tanto hoje a enxovalham, perturbam e perseguem. Ainda se não tinha metido em cabeça a juiz o julgar por arbítrio, porque ainda não havia nem julgadores, nem pessoas para serem julgadas. As donzelas e a honestidade andavam, como já disse, por toda a parte desguardadas e seguras, sem medo de que a alheia desenvoltura e atrevimentos lascivos as desacatassem; se se perdiam era por seu gosto e própria vontade. E agora, nestes nossos detestáveis séculos, nenhuma está segura, ainda que a encerre e esconda outro labirinto de Creta, porque lá mesmo, pelas fendas ou pelo ar, com o zelo do maldito cuidado lhes entra o amoroso contágio, e as faz dar com todo o seu recato à costa. Para segurança delas, com o andar dos tempos, e crescendo mais a malícia, se instituiu a ordem dos cavaleiros andantes, defensora das donzelas, amparadora das viúvas, e socorredora dos órfãos e necessitados.

Desta ordem sou eu, irmãos cabreiros, a quem agradeço o bom agasalho e trato que me dais a mim e ao meu escudeiro; pois, ainda que por lei natural todos os viventes estão obrigados a favorecer aos cavaleiros andantes, contudo sei que vós outros, ignorando esta obrigação, me acolhestes e obsequiastes; e razão é que eu vos agradeça quanto posso a vossa boa vontade.

Toda esta larga arenga (que se pudera muito bem dispensar) improvisou-a o nosso cavaleiro, em razão de lhe ter vindo à

lembrança, a propósito das bolotas que lhe deram, a idade de ouro; por isso lhe pareceu fazer todo aquele inútil arrazoado aos cabreiros, que, sem lhe responderem palavra, apatetados e suspensos, o estiveram escutando.

Sancho também não falava, e ia comendo bolotas, e visitando muito a miúdo a segunda quartola, que tinham pendurada num carvalho para ter o vinho mais fresco.

Mais durou a parlada de D. Quixote, do que a ceia. Depois dela, disse um dos cabreiros:

— Para com mais verdade poder Vossa Mercê dizer, senhor cavaleiro andante, que o agasalhamos de boa mente, queremos regalá-lo dando-lhe a ouvir um companheiro nosso que está para chegar. Isso é que é pastor entendido e enamorado; até sabe ler e escrever, e toca arrabil, que não há mais que desejar.

Mal acabava o cabreiro, quando se ouviu com efeito um arrabil, e pouco depois se viu entrar o arrabileiro, que era um moço dos seus vinte e dois anos, de aprazível presença. Perguntaram-lhe os companheiros se tinha ceado; e, respondendo ele que sim, tornou-lhe o que havia feito os oferecimentos:

— Visto isso, Antônio, poderás dar-nos gosto cantando um pouco, para que este senhor hóspede veja que também cá pelos montes e matas há quem saiba de música. Já lhe dissemos as tuas boas habilidades; desejamos que tu agora lhas mostres, e nos não deixes mentirosos. Por vida tua te rogo que te assentes e cantes o romance dos teus amores,

como to compôs o Beneficiado teu tio, e que muito bem pareceu no povo.

— De boa vontade — respondeu o moço.

E sem fazer-se mais rogado, assentou-se num cepo de azinheira; e, temperando o arrabil, dali a pouco começou de cantar com muita boa graça desta maneira:

## **ANTÔNIO**

Sei, Olala, que me adoras,  
sem nunca mo teres dito,  
nem co'os olhos, línguas mudas,  
que entendem os amórios.

Sei-o sim, porque és discreta;  
por isso em tal me confirmo;  
todo o amor alcança paga,  
salvo se é desconhecido.

Verdade é que tenho, Olala,  
em ti descoberto indícios  
de teres a alma de bronze,  
e o peito de gelo frio.

Mas, através das repulsas  
e honestíssimos desvios,  
talvez se enxergue da esp'rança  
um vislumbre fugitivo.

O meu amor se abalança  
a esperar, sem ter podido

nem minguar por enjeitado,  
nem crescer por escolhido.

Se amores têm cortesia,  
da que tu mostras colijo  
que o fim das minhas esp'ranças  
há-de ser qual imagino.

E se o bem servir consegue  
tornar um peito benigno,  
já tenho em que funde a crença  
de obter os bens a que aspiro;  
porque, se nisso reparas,  
às vezes me terás visto  
vestido à segunda-feira  
com as galas do domingo.

As louçainhas e amores  
seguem o mesmo caminho;  
e eu sempre quis aos teus olhos  
apresentar-me polido.

Por teu respeito não bailo;  
as músicas não te cito,  
que a desoras, e acordando  
os galos, terás ouvido.

Não te encareço os louvores  
com que os teus dotes sublimo,  
que, se bem que verdadeiros,  
me fazem de outras malquisto.

Teresa do Barrocal  
já, louvando-te eu, me há dito:  
— Há quem pense adorar anjos,  
estando a adorar bugiosa;

milagres dos arrebiques  
mais dos cabelos postiços,  
hipócritas formosuras,  
que enganam até Cupido.

Desmenti-a; ela enfadou-se;  
pôs-se por ela seu primo;  
desafiou-me, e bem sabes  
qual saiu do desafio.

Nem por demais te cortejo,  
nem para mal te cobiço:  
a melhor fim se endereçam  
minhas atenções contigo.

Na Igreja há prisões de seda  
para os casais bem unidos;  
mete o pescoço na canga,  
que eu sigo o mesmo caminho.

Quando não, desde aqui juro,  
pelo Santo mais bendito,  
não sairei destas serras  
senão para capuchinho.

Com isto deu o cabreiro remate ao seu cantar; e, ainda que  
D. Quixote lhe pediu cantasse mais alguma coisa, opôs-se

Pança, que estava mais para dormir que para ouvir cantorias; e assim disse ao amo:

— Bem pode Vossa Mercê arranjar-se logo, e já onde tem de ficar esta noite, que o trabalho, em que estes bons homens levam o dia todo, não consente noitadas de cantarola.

— Bem percebo, Sancho — respondeu D. Quixote — as visitas à quartola pedem mais paga de cama que de músicas.

— A todos sabe ela bem, louvado seja Deus! — respondeu Sancho.

— Não digo menos — replicou D. Quixote — mas acomoda-te lá tu onde quiseses, que os da minha profissão melhor parecem velando, que dormindo. Mas, apesar de tudo, bom seria, Sancho, que me tornasses a curar esta orelha, que me está doendo mais do que era preciso.

Fez Sancho o que se lhe mandava. Um dos cabpéiros, vendo a ferida, lhe disse que não tivesse cuidado, que ele lhe poria um remédio, com que breve sararia; e, tomando algumas pontas de rosmaninho, que por ali era mui basto, as mastigou, misturou-as com um pouco de sal, e aplicando as à orelha, a ligou muito bem, certificando-lhe que não havia precisão de mais nenhum curativo; e o caso é que assim sucedeu.



## **CAPÍTULO XII**

### **Do que referiu um cabreiro aos que estavam com D. Quixote.**

Quando estavam nisto, chegou outro moço dos que lhes traziam da aldeia os provimentos, e disse: — Sabeis o que vai no lugar, companheiros?

— Como havemos de sabê-lo? — respondeu um deles.

— Pois sabei — prosseguiu o moço — que morreu esta manhã aquele famoso pastor estudante, chamado Crisóstomo; e rosnam que morreu de amores por aquela endiabrada moça Marcela, a filha de Guilherme, o rico, a que anda em trajo de pastora por esses andurriais.

— Por Marcela?! — disse um.

— Por essa mesma — respondeu o cabreiro — e o bonito é que determinou no testamento que o enterrassem no campo, como se fora algum mouro, e que seja ao pé da penha, onde está a fonte do carvalho, porque, segundo é fama (e dizem que ele mesmo o declarou), ali é que ele a viu pela primeira vez, e também mandou outras coisas de tal feitio, que os padres do lugar dizem não se poderem cumprir, nem é bem que cumpram, porque parecem de gentios. A tudo responde

aquele seu grande amigo Ambrósio, o estudante, que também assim como ele se vestiu de pastor, que se há-de cumprir tudo sem faltar nada, como o determinou Crisóstomo. Anda com isto o povo todo alvorotado; mas, pelo que se diz, sempre afinal se há-de fazer como Ambrósio e todos os pastores seus amigos querem, e amanhã o hão-de ir enterrar com grande pompa onde já disse. Para mim tenho que há-de ser coisa mui de ver; pelo menos eu não hei-de lá faltar, ainda que soubesse não tornar amanhã ao povo.

— O mesmo faremos nós todos — responderam à uma os cabreiros — e deitaremos sortes, a ver quem há-de ficar guardando as cabradas todas juntas.

— Dizes bem, Pedro — disse um deles — mas não é preciso isso; ofereço-me eu a ficar por todos, e não o atribuas a virtude, nem a menos curiosidade minha: é porque não posso andar com o graveto que noutro dia meti neste pé.

— Mesmo assim, agradecemos-to — disse Pedro.

Pediu D. Quixote ao mesmo Pedro lhe declarasse que morto era aquele, e que pastora a tal, de que se falava.

Respondeu Pedro que o que sabia era só que o morto era um fidalgo rico, morador num lugar naquelas serras, o qual tinha sido estudante muitos anos em Salamanca, e ao cabo deles se recolhera ao seu povo, com fama de mui sábio e lido. Principalmente dizia que sabia a ciência das estrelas, e do que fazem lá pelo céu o sol e a lua, porque pontualmente

declarava as crises do sol e da lua.

— Eclipse se chama, e não cris, o escurecerem-se esses dois luminares maiores — disse D. Quixote. Pedro, sem fazer caso de ninharias, prosseguiu o seu conto, dizendo:

— Até adivinhava se o ano havia de ser sáfaro ou estil.

— Estéril quereis dizer, amigo — acudiu D. Quixote.

— Estéril ou estil tudo vem a dar na mesma — respondeu Pedro — e digo que por aquelas coisas que ele entendia se fizeram seu pai, e seus amigos, que nele se fiavam, muito ricos, porque executavam os seus conselhos, dizendo-lhes: este ano semeai cevada e não trigo; neste podeis semear grãos de bico e não cevada; o que vem será de óleo de linhaça, e nos três seguintes não haverá nem gota.

— Ciência é essa que se chama Astrologia — disse D. Quixote.

— Como se chama não sei — replicou Pedro — o que sei é que tudo isto sabia ele, e muito mais ainda. Finalmente, não passaram muitos meses depois de vir de Salamanca, sem o verem um dia aparecer vestido de pastor com o seu cajado e pelico, sem a roupeta que dantes envergava como estudante. Outro, chamado Ambrósio, seu grande amigo, também juntamente se vestiu de zagal, assim como dantes havia sido seu companheiro dos estudos. Já me ia esquecendo dizer que o defunto, o Crisóstomo, foi grande homem em compor

coplas; tanto assim que era ele que fazia os vilancicos para a noite de Natal, e os autos para a festa do Corpus-Christi, que os representavam os rapazes do nosso povo, e todos diziam que não havia mais que desejar. Admirados ficaram os do lugar, vendo tão a súbitas vestidos de pastores os dois estudantes; e não podiam adivinhar a causa de tão estranha mudança. Já a esse tempo se era finado o pai do nosso Crisóstomo, deixando-lhe um poderio de fazenda, tanto em móveis, como em bens de raiz, e quantidade não pequena de gado miúdo e grosso, e dinheiro que farte; do que tudo ficou o moço senhor absoluto; e verdade, verdade, que tudo isso merecia ele, que era muito bom companheiro, caritativo e amigo dos bons, e tinha uma cara de abençoado. Depois é que se veio a alcançar que a mudança do trajo nenhuma outra razão tinha tido, senão o andar-se por estes despovoados atrás daquela pastora Marcela, que o nosso pegureiro já nomeou, e da qual se tinha namorado o pobre defunto do Crisóstomo. E agora vos quero dizer, porque é bem que o saibais, quem seja esta cachopa; coisa semelhante, nunca talvez em dias de vida a ouvísseis, nem ouvireis, ainda que vivaís mais anos que Sarna.

— Dizei Sara — replicou D. Quixote, não podendo sofrer ao cabreiro a troca de palavras.

— A sarna vive por desespero — respondeu Pedro; — se me haveis de andar remordendo a cada passo as palavras, nem num ano concluiremos.

— Perdoai, amigo — disse D. Quixote — mas tão diferentes coisas são sarna e Sara, que por isso vos fui à

mão; mas vós respondestes muito bem, porque mais vive no mundo a sarna do que viveu Sara. E prossegui a vossa história, que vos não tornarei a atalhar em coisa alguma.

— Digo pois, senhor meu da minha alma — continuou o cabreiro — que houve em nossa aldeia um lavrador ainda mais rico do que o pai de Crisóstomo, e que se chamava Guilherme, e a quem Deus, ainda por cima das muitas e grandes riquezas, concedeu uma filha, que logo ao nascedouro ficou sem a mãe, que fora a mais honrada mulher que houve por todos estes arredores. Parece-me que ainda a estou vendo, com aquela cara, que de uma banda tinha o sol, e da outra a lua; e, além de tudo mais, grande arranjadeira, e ao mesmo tempo muito amiguinha dos pobres; pelo que entendo que a estas horas deve estar a sua alma a gozar-se de Deus no outro mundo. Com pesar da morte de tão boa mulher, morreu o marido Guilherme, deixando a filha Marcela, pequena e rica, em poder de um tio sacerdote, Beneficiado no nosso lugar. Cresceu a menina tanto em formosura, que nos fazia lembrar da de sua mãe, que também nisso se extremara; e já se futurava que a herdeira a excederia. E assim sucedeu que aos catorze ou quinze anos ninguém a via, que não desse graças a Deus de ter criado tamanha lindeza. Quase todos ficavam enamorados e perdidos por ela. Guardava-a seu tio com muito recato e recolhimento; mas, apesar disso, a fama da sua muita beleza se estendeu de maneira que, assim por ela como por suas muitas riquezas, não somente pelos do nosso povo, senão até pelos de muitas léguas em redondo, e dos melhores dentre eles, era rogado, solicitado e importunado

o tio para lha dar em casamento. Ele porém, que era bom cristão às direitas, ainda que desejava casá-la cedo, não queria efetué-lo sem consentimento dela, vendo-a na idade de acertar na escolha. Ele por si nenhum caso fazia dos interesses que poderia dar-lhe o administrar os haveres da sobrinha enquanto solteira; e à fé que assim se dizia muitas vezes em louvor do bom sacerdote nos serões da aldeia (que há-de saber, senhor andante, que nisto dos lugarejos pequenos, de tudo se trata, e de tudo se murmura; e fazei de conta, como eu, que muitíssimo bom devia de ser o clérigo, que assim obrigava os fregueses a dizerem bem dele em terrinhas como estas).

— Isso é verdade — disse D. Quixote — e prossegui a narrativa, que vai muito bem; e vós, bom Pedro, que a fazeis com muita graça.

— Não me falte a de Nosso Senhor, que é o que mais importa. Pelo que toca ao sucesso, heis-de saber que, ainda que o tio propunha à sobrinha, e lhe dizia as qualidades de cada um dos muitos que por mulher a pediam, para ela escolher a seu gosto, nunca ela lhe respondeu senão que por então não queria casar-se, e que, por ser ainda tão nova, se não sentia com forças para a carga do matrimônio. Ouvindo estas desculpas que dava, ao parecer tão atendíveis, já o tio deixava de importuná-la, e ia esperando que fosse entrando mais em idade, para bem escolher companhia do seu gosto; porque dizia ele (e dizia muito bem) que os pais não deviam dar estado aos filhos contra vontade. Mas eis que um dia, quando ninguém de tal se precitava, aparece feita pastora a

mimosa Marcela; e, sem vênia do tio, nem aprovação de pessoa alguma do lugar, deu em ir-se ao campo com as mais guardadoras de gado, pastoreando também o seu. Tanto como ela saiu a público daquela maneira, e se viu a descoberto a sua formosura, não vos posso dizer à justa quantos ricos mancebos, fidalgos e lavradores tomaram o trajo de Crisóstomo, e a andam requebrando por esses campos. Um deles, como já se disse, foi o nosso defunto, de quem diziam que não lhe queria, senão que a adorava. E não se cuide que, por ela se ter posto naquela liberdade, e vida tão solta, e de tão pouco ou de nenhum recolhimento, dava indícios (nem por sombras) de coisa que desdisse da sua honestidade e recato; antes é tanta a vigilância com que olha por sua honra, que de quantos a servem e solicitam nenhum ainda se gabou, nem com verdade se poderá jamais gabar, de haver dela

obtido alguma pequena esperança de lograr os seus desejos. Não é que fuja nem se esquive da companhia e convivência dos pastores, senão que os trata cortês e amigavelmente; mas em qualquer deles chegando a descobrir-lhe a sua intenção, ainda que seja tão justa e santa como a do matrimônio, afugenta-o que nem trabuco. Com estes procederes, faz mais dano nesta terra do que se por ela entrara a peste, porque a sua afabilidade e formosura atrai os corações dos que tratam com ela a que se lhe rendam e a amem; e o seu desdém e desengano os conduzem a termos de desesperação; e assim não sabem que lhe dizer, senão chamá-la a vozes cruel e desagradecida, com outros títulos semelhantes a estes, que bem manifestam qual seja a sua condição. Se aqui estivésseis algum dia ouviríeis ressoar

estas serras e estes vales com os lamentos dos desprezados que a seguem. Não está muito longe daqui um sítio, onde há quase duas dúzias de faias altas, e nenhuma que deixe de ter gravado na casca o nome de Marcela, e em algumas uma coroa gravada por cima do nome, como se expressamente assim declarara o amante, que Marcela a merece e a alcança de toda a formosura humana. Aqui suspira um pastor; ali se queixa outro; acolá se ouvem amorosas canções; para outra parte desesperadas endechas. Tal há, que passa todas as horas da noite sentado ao pé de alguma azinheira ou penha; e ali, sem pregar os chorosos olhos, embevecido e transportado em seus pensamentos, o acha de manhã o sol. E tal há também que, sem dar vaga nem trégua aos seus suspiros, no meio do ardor da mais enfadosa sesta do verão, estendido sobre a ardente areia, envia suas queixas ao piedoso céu. Destes e daqueles, e daqueles e destes, livre e desenfadadamente vai triunfando a formosa Marcela. Todos nós outros, que a conhecemos, estamos à espera de ver em que virá a parar sua altiveza, e quem será o ditoso que domine ao cabo condição tão rigorosa, e se goze de lindeza tão perfeita. Por ser tudo que deixo contado verdade tão averiguada, entendo que também o é o que o nosso zagal ouviu que se dizia da causa da morte de Crisóstomo. E assim vos aconselho, senhor, não deixeis de assistir amanhã ao enterro, que há-de ser muito para ver, porque os amigos de Crisóstomo são muitos, e daqui ao lugar onde ele mandou que o enterrassem não dista meia légua.

— Não me hei-de descuidar — disse D. Quixote — e agradeço-vos o gosto que me haveis dado com a narração



de tão saboroso conto.

— E ainda eu não sei a metade dos casos sucedidos aos amantes de Marcela — replicou o cabreiro — mas não era impossível encontrarmos amanhã pelo caminho algum pastor que no-los dissesse. E por agora bem será que vos vades dormir debaixo de telha, porque o sereno vos poderia fazer mal à ferida, posto que o meu remédio é tal, que não tendes muito de que vos arreçar.

Sancho Pança, que já dava ao diabo o tão estirado falar do cabreiro, fez por sua parte diligência para que o amo fosse pernoitar na choca de Pedro. Assim o fez D. Quixote; e o mais da noite o levou em memórias de sua senhora Dulcinéia, à imitação dos namorados de Marcela.

Sancho Pança lá se acomodou entre Rocinante e o seu jumento, e dormiu, não como amante desfavorecido, senão como homem moído a coices.

### **CAPÍTULO XIII**

**Em que se dá fim ao caso da pastora Marcela, com outros sucessos.**

Mal que o dia começou a aparecer nas varandas do Oriente, quando dos seis cabreiros cinco se levantaram, e foram despertar a D. Quixote, e perguntar-lhe se estava ainda resolvido a ir ver o famoso enterro de Crisóstomo, que, sendo assim, eles lhe fariam companhia.

D. Quixote, que outra coisa não desejava, levantou-se e ordenou a Sancho aparelhasse o Rocinante, e albardasse o burro com presteza, o que ele fez; e assim se puseram logo todos a caminho.

Não tinham andado um quarto de légua, quando, ao atravessarem uma senda, viram vir para eles obra de seis pastores vestidos com pelicos negros, e as cabeças coroadas com grinaldas de cipreste e amargoso eloendro; e empunhava cada um sua vara grossa, vindo no mesmo rancho dois fidalgos a cavalo, para de jornada muito bem vestidos, e com três moços, que a pé os acompanhavam.

Logo que chegaram uns aos outros, saudaram-se cortesmente de parte a parte, e perguntando-se mutuamente para onde iam, souberam que todos eles iam para o lugar do enterro; e assim, deram em caminhar de parceria. Um dos de cavalo disse para o companheiro:

— Parece-me, senhor Vivaldo, que havemos de dar por bem empregada a demora que tivermos em ver este famoso enterramento, que bem famoso não pode ele deixar de ser, segundo as estranhezas que estes pastores nos têm contado, tanto do morto, como da pastora sua homicida.

— Assim acho eu também — respondeu Vivaldo; — não só um dia gastara eu, senão até quatro, pelo interesse de presenciar esta novidade.

Perguntou-lhe D. Quixote o que era que tinham ouvido de Marcela e Crisóstomo. Respondeu-lhe um dos caminhantes que de madrugada se tinham encontrado com aqueles

pastores e, pelos terem visto em concerto de tanto desconsolo, lhes tinham perguntado a razão por que iam daquela maneira. Contara-lha um deles, encarecendo-lhes a estranha condição e formosura de uma pastora chamada Marcela, os amores de muitos que a requestavam, e a morte daquele Crisóstomo, a cujo saimento iam. Finalmente confirmou sem discrepância o mesmo que já o Pedro havia contado a D. Quixote.

Desta prática passou-se a outra, perguntando o que se chamava Vivaldo ao nosso fidalgo, por que motivo andava armado daquela maneira, por terra tão pacífica.

— O exercício que professo — respondeu D. Quixote — não me deixa jornadaear de outra maneira. O bom passadoio, o regalo, e o descanso inventaram-se para os cortesãos mimosos; mas o trabalho, o desassossego e as armas fizeram-se para aqueles que o mundo chama cavaleiros andantes, dos quais eu, ainda que indigno, sou um, e o mínimo de todos.

Apenas tal lhe ouviram, ficaram-no desde logo tendo por desconsertado do juízo; e para examiná-lo melhor, e reconhecer que gênero de desvario era o seu, tornou Vivaldo a perguntar-lhe que vinham a ser cavaleiros andantes.

— Nunca leram Vossas Mercês — respondeu D. Quixote — os anais e histórias de Inglaterra, que tratam das famosas façanhas do Rei Artur, a quem geralmente em nosso romance castelhano chamamos o Rei Artus, e de quem é

tradição, antiga e comum em todo aquele reino da Grã Bretanha, que não morreu, mas sim que por arte de encantamento se converteu em corvo, e que, andando os tempos, há-de outra vez reinar, recobrando o seu reino e cetro, sendo por esta razão que ninguém é capaz de provar que desde então até hoje inglês nenhum tenha morto corvo? Pois bem; em tempo daquele bom Rei foi instituída aquela famosa ordem dos cavaleiros da Távola Redonda, e ocorreram (como pontualmente ali se conta) os amores de D. Lançarote do Lago com a Rainha Ginevra, sendo neles medianeira e sabedora aquela tão honrada D. Quintanhona, donde procedeu aquele tão sabido romance, e tão decantado em nossa Espanha, de:

Nunca fora cavaleiro  
de damas tão bem servido,  
como fora Lançarote  
de Bretanha arribadiço;

com toda a mais série, tão doce e suave, das suas amorosas e fortes façanhas. Pois desde então se foi de mão em mão dilatando aquela ordem de cavalaria, por muitas e diversas partes do mundo. Nela foram famosos, e conhecidos por seus feitos o valente Amadis de Gaula, com todos os seus filhos e netos até à quinta geração; o valoroso Felismarte de Hircânia; o nunca assaz louvado Tirante-el Blanco; e quase já em nossos dias vimos, ouvimos, e tratamos, ao invencível e generoso cavaleiro D. Belianis de Grécia. Ora aqui está, meus senhores, o que é ser cavaleiro andante; e o que referido tenho é a ordem da sua cavalaria, na qual (como

também já disse) eu, ainda que pecador, fiz profissão; e o mesmo que professaram os cavaleiros mencionados professo eu também; por isso ando por estas solidões e descampados buscando as aventuras, com ânimo deliberado de oferecer o meu braço e a minha pessoa à mais perigosa que a sorte me deparar, em ajuda dos fracos e necessitados.

Por tudo isto, acabaram os ouvintes de se inteirar da falta de juízo de D. Quixote, e da espécie de loucura que o dominava; do que os tomou a mesma admiração, que a todos os que pela primeira vez a presenciavam.

Vivaldo, que era sujeito mui discreto, e de gênio alegre, para suavizar o fastio do pouco espaço que diziam lhes restava ainda para andar até à serra da sepultura, quis dar-lhe ocasião para que levasse por diante os seus desatinos, e disse-lhe:

— Parece-me, senhor cavaleiro, que a profissão de Sua Mercê é das mais apertadas que há no mundo; e persuado-me de que nem a dos frades cartuxos é tão rigorosa.

— Tão rigorosa talvez que o seja — respondeu o nosso D. Quixote — porém tão necessária, duvido muito; porque, se se há-de dizer toda a verdade, não faz menos o soldado que executa o que lhe manda o capitão, do que o próprio capitão, que lho ordena. Venho a dizer que os religiosos, com toda a paz e sossego, pedem ao céu o bem da terra; e nós, os soldados e cavaleiros, executamos o que eles só requerem, porque a defendemos com o valor do nosso

braço, e ao fio da nossa espada, não debaixo de teto, mas em campo descoberto, oferecidos em alvo aos insofridos raios do sol do verão, e aos arrepiados gelos do inverno. Deste modo, somos ministros de Deus na terra, e braço pelo qual se executa no mundo a sua justiça. E como as coisas da guerra, e as concernentes a elas, não se podem pôr em execução senão suando, cansando, e trabalhando excessivamente, segue-se que os que a professam têm sem dúvida maior trabalho que os outros, que em sossegada paz estão pedindo a Deus que favoreça aos que podem pouco. Não quero eu dizer (nem pelo pensamento me passa) que é tão bom estado o de cavaleiro andante, como o de religioso na sua clausura; só quero inferir que isto que eu padeço é sem comparação mais trabalhoso e aperreado, mais faminto e sedento, miserável, roto, e bichoso, pois é certíssimo que os cavaleiros andantes passados contavam muitas aventuras ruins no decurso de suas vidas, e, se alguns chegavam a ser Imperadores, pelo esforço do seu braço, à fé que bastante suor e sangue lhes custou; e se àqueles, que a tais graus subiram, houvessem faltado encantadores e sábios para os ajudarem, bem defraudados teriam ficado de suas esperanças.

— Desse parecer também eu sou — disse o caminhante — mas há uma coisa, entre outras muitas, que me destoa da boa razão nos cavaleiros andantes; e é, que, vendo-se em ocasião de cometerem uma grande e perigosa aventura, em que a vida lhes vai num fio, nunca nesses apurados lances se lembram de encomendar-se a Deus, como qualquer outro cristão; a que se encomendam é às suas damas, com tanta

ânsia e devoção, como se o Deus fossem elas; o que para mim cheira o seu tanto a coisas de pagão.

— Senhor meu — disse D. Quixote — isso é que por maneira nenhuma pode deixar de ser assim; e mal iria ao cavaleiro andante que outra coisa fizesse. Isto é já uso autorizado, e posse velha na cavalaria andantesca; a saber: que, se o cavaleiro andante, ao acometer algum grande feito de armas, tivesse a sua senhora diante, poria nela os olhos branda e amorosamente, como pedindo-lhe que o favorecesse no duvidoso transe em que se ia empenhar; e, ainda que ninguém o ouvisse, estaria obrigado a proferir palavras entre dentes, com as quais de todo o coração se lhe encomendasse; do que vemos inumeráveis exemplos nas histórias. Não se há-de entender por isto que hão-de deixar de encomendar-se a Deus, que tempo e lugar lhes ficam para o fazerem no decurso do conflito.

— Seja assim — respondeu o outro — mas ainda me fica um escrúpulo. Muitas vezes tenho lido que se travam ditos entre dois andantes cavaleiros, que de palavra em palavra se lhes chega a acender a cólera, voltam os cavalos, tomam o campo, e para logo, sem mais nem menos, a todo o poder deles, tornam a encontrar-se, e no meio da corrida se encomendam às suas damas. O que do recontro costuma resultar é que um cai pelas ancas do cavalo, passado de parte com a lança do outro; e ao outro sucede também que, a não se agarrar às crinas do seu, não pudera deixar de vir também a terra. Não sei como o morto poderia ter azo para se recomendar a Deus no decurso de tão acelerado feito. Melhor fora que as palavras, que na carreira gastou em se

encomendar à sua cortejada, as empregasse no que estava obrigado como cristão. E demais, eu tenho para mim que nem todos os cavaleiros andantes hão-de ter damas a quem se encomendem, porque nem todos serão enamorados.

— Nisso é que vai o erro — respondeu D. Quixote; — digo que não pode existir cavaleiro andante sem dama, porque tão próprio e natural assenta nos que o são serem enamorados, como no céu o ter estrelas; e onde com efeito se viu nunca história de cavaleiro andante sem amores? se os não tivesse, não fora tido por legítimo cavaleiro, senão por bastardo, e que entrou na fortaleza da dita cavalaria não pela porta, mas por alguma fresta como ladrão.

— Apesar de tudo — replicou o caminheiro — parece-me (se bem me lembra) ter lido que D. Galaor, irmão do valoroso Amadis de Gaula, nunca teve dama em particular, a quem pudesse encomendar-se; e nem por isso foi tido em menos conta, e foi muito valente e famoso cavaleiro.

Ao que respondeu o nosso D. Quixote:

— Senhor meu, uma andorinha só não faz primavera; quanto mais, que eu sei que esse cavaleiro estava secretamente enamorado, e muito enamorado; e, demais, aquilo de querer bem a todas quantas lhe pareciam bem a ele era gênio seu, e não lhe podia resistir. Mas afinal de contas, averiguado está já que tinha só uma a quem fizera senhora ao seu alvedrio, e a quem se encomendava a miúdo e muito secretamente, porque timbrava de sisudo cavaleiro.

— Visto isso, sendo essencial que todo o cavaleiro há-de ser



por força enamorado — disse o outro — também o é por ser da profissão; e a não ser que Vossa Mercê capriche em ser tão de segredo como D. Galaor, com o maior empenho lhe rogo, em nome de toda a companhia, e no meu próprio, nos diga o nome, pátria, qualidade, e formosura da sua dama; ditosa se julgaria ela de que o mundo todo soubesse que é amada e servida por um tal cavaleiro como Vossa Mercê parece.

Aqui soltou D. Quixote um grande suspiro, e disse;

— Não poderei afirmar se a minha doce inimiga gosta, ou não, de que o mundo saiba que eu a sirvo. Só posso dizer, em resposta ao que tão respeitosa e me pede, que o seu nome é Dulcinéia, sua pátria Toboso, um lugar da Mancha; a sua qualidade há-de ser, pelo menos, Princesa, pois é Rainha e senhora minha; sua formosura sobre-humana, pois nela se realizam todos os impossíveis e quiméricos atributos de formosura, que os poetas dão às suas damas; seus cabelos são ouro; a sua testa campos elísios; suas sobrancelhas arcos celestes; seus olhos sóis; suas faces rosas; seus lábios corais; pérolas os seus dentes; alabastro o seu colo; mármore o seu peito; marfim as suas mãos; sua brancura neve; e as partes que à vista humana traz encobertas a honestidade são tais (segundo eu conjecturo) que só a discreta consideração pode encarecê-las, sem poder compará-las.

— Estimariamos saber a sua linhagem,

prosápia e nobreza — replicou Vivaldo. Ao que

D. Quixote respondeu:

— Não é dos antigos Cúrcios, Gaios, e Cipiões romanos; nem dos modernos Colonas e Ursinos; nem dos Moncadas e Requesenes, de Catalunha; nem dos Rebelas e Vilanovas, de Valência; Palafozes, Nuzas, Rocabertis, Corelas, Lunas, Alagões, Urreas, Fozes e Gurreas, de Aragão; Cerdas, Manriques, Mendonças, e Gusmões, de Castela; Alencastres, Palhas, e Meneses, de Portugal; porém descende dos de Toboso da Mancha, linhagem, se bem que moderna, tal, que pode dar generosa raiz às mais ilustres famílias dos vindouros séculos. E não me repliquem a isto, a não ser com as condições que pôs Cervino ao pé do troféu das armas de Orlando, que dizia:

.....Ninguém as mova  
que entrar não possa com Roldão em prova.

— Se bem que o meu sangue é dos ínclitos Cachopins de Laredo — respondeu o caminhante — não me atreverei a confrontá-lo com o dos de Toboso de la Mancha, ainda que, para dizer toda a verdade, semelhante apelido ainda até hoje não tenha chegado aos meus ouvidos.

— Apelido semelhante a este, bem o podereis dizer — replicou o cavaleiro D. Quixote.

Com grande atenção iam escutando todos os mais o diálogo dos dois; e até os mesmos cabreiros e pastores conheceram

a excessiva falta de juízo de D. Quixote. Somente Sancho é que pensava ser verdade tudo que o amo dizia, aliás quem ele era, e tendo-o conhecido de nascença; em que punha alguma dúvida era crer naquilo da linda Dulcinéia del Toboso, porque nunca tal nome nem tal Princesa lhe havia chegado à notícia, com ser Toboso tão à beira da terra dele.

Nestas práticas iam, quando viram que na quebrada de dois montes altos vinham uns vinte pastores, todos com pelicos de lã preta e coroados de grinaldas, que (pelo que depois se reconheceu) eram umas de teixo, outras de cipreste.

Entre seis deles traziam umas andas cobertas de

muita diversidade de flores e ramos. Vendo aquilo

um dos cabreiros, disse:

— Os que ali vêm são os que trazem o corpo de Crisóstomo; e ao pé daquela montanha é o lugar onde ele ordenou o sepultassem.

Deram-se portanto pressa em chegar; e foi a tempo, que já os que vinham tinham posto as andas em terra e quatro deles estavam cavando a sepultura ao lado de uma penha.

Receberam-se uns aos outros cortesmente; e logo D. Quixote e os que vinham com ele se puseram a considerar as andas, e nelas descobriram, amantilhado com flores, um defunto vestido de pastor, de idade (o parecer) de trinta anos, que, apesar da morte, mostrava que em vida havia

sido de rosto formoso e disposição galharda. À roda de si tinha nas mesmas andas alguns livros e papéis, uns abertos, e outros fechados; e tanto os que aquilo contemplavam, como os que abriam a cova, e todos os mais que ali eram, guardavam um maravilhoso silêncio; até que um dos que trouxeram o morto disse para outro:

— Repara bem, Ambrósio, se será aqui o lugar que disse Crisóstomo, pois quereis que tão pontualmente se cumpra o que determinou.

— É este mesmo — respondeu Ambrósio — que muitas vezes aqui me contou o meu desditoso amigo a história da sua desgraça. Aqui me disse ele que viu pela primeira vez aquela inimiga mortal da raça humana; e foi também aqui que pela primeira lhe declarou seu pensamento tão honesto como enamorado; e aqui, finalmente, foi a última vez que Marcela o acabou de enganar do seu desdém, de modo que terminou a tragédia da sua vida miserável. Por isso aqui foi, em memória de tantas desditas, que ele determinou o depositassem nas entranhas do eterno esquecimento.

Voltando-se para D. Quixote e para os assistentes, prosseguiu, dizendo:

— Este corpo, senhores, que estais vendo com olhos piedosos, depositário de uma alma em que o céu encerrou infinita parte das suas riquezas. Esse é o corpo de Crisóstomo, que foi único em engenho, único em cortesia, extremo em gentileza, fênix na amizade, magnífico sem

senão, grave sem presunção, alegre sem baixeza, e finalmente, primeiro em tudo que é ser bom, e sem segundo em tudo que é ser desafortunado. Quis bem, foi aborrecido; adorou, foi desprezado; rogou a uma fera, importunou a um mármore, correu atrás do vento, deu brados à solidão, serviu ao desagrado, e alcançou por prêmio ser despojo da morte no meio da carreira da sua vida, à qual deu fim uma pastora, a quem ele procurava eternizar para que vivesse na memória das gentes; o que bem poderiam mostrar esses papéis que estais vendo, se ele me não tivesse recomendado que os entregasse ao fogo logo que o seu corpo tivesse sido dado à terra.

— Maior rigor e crueldade usareis vós com eles — disse Vivaldo — que o seu mesmo dono, pois não é justo nem acertado se cumpra a vontade de quem ordena o que é tão fora de todo o discorrer assisado; e errado andaria Augusto César, se consentisse em que se executasse o que o divino Mantuano tinha recomendado no seu testamento. Portanto, senhor Ambrósio, já que dais o corpo do vosso amigo à terra, não queirais dar também os seus escritos ao esquecimento. Ele ordenou, como agravado, o que não é bem que vós cumprais por indiscrição. Fazei antes, dando a vida a estes papéis, que fiquem para todo sempre lembrando a crueldade de Marcela, para exemplo aos que vierem, que se apartem e fujam de cair em semelhantes despenhadeiros. Eu e quantos aqui somos já sabemos a história deste vosso enamorado e atribulado amigo, assim como sabemos a vossa lealdade, a ocasião da sua morte, e a sua última vontade. De toda esta lamentável história se pode concluir

quanta não foi a crueza de Marcela, o amor da sua vítima, o extremo do vosso bem-querer, e o fim a que vão dar os que à rédea solta correm pela senda que o amor desvairado lhes abre diante dos olhos. Ontem à noite soubemos a catástrofe de Crisóstomo, e que neste lugar havia de ser enterrado; e assim, por curiosidade e lástima, deixamos o caminho em que íamos, e assentamos em vir ver por nossos olhos o que tanto nos tinha consternado quando o ouvimos; e em paga desta paixão e do desejo que em nós outros nasceu de remediar-mos o que pudéssemos, te rogamos, ó discreto Ambrósio (ao menos eu to suplico da minha parte) que, deixando de abrasar estes papéis, me consintas levar alguns deles.

Sem esperar resposta do pastor, estendeu a mão, e tomou alguns dos que mais perto lhe estavam. Vendo aquilo

Ambrósio, disse:

— Por cortesia, senhor meu, consentirei que fiquéis com os que tomastes; mas cuidardes que hão-de deixar de arder os que restam é pensamento vão.

Vivaldo, que desejava ver o que os papéis rezavam, abriu logo um deles, e viu que tinha por título:  
Canção desesperada.

Ouviu Ambrósio, e disse:

— Esse é o último papel que o sem-ventura escreveu; e

para que vejais, senhor, o extremo em que o tinham as suas desgraças, lede-o de modo que sejais ouvido; bem vos dará tempo a demora de se abrir a sepultura.

— Da melhor vontade o farei — respondeu Vivaldo. E como todos os circunstantes tinham o mesmo desejo, puseram-se-lhe em derredor, e ele, lendo em voz clara, viu que falava assim:

## **CAPÍTULO XIV**

**Onde se põem os versos desesperados do pastor defunto,  
com outros imprevistos sucessos.**

Pois desejas, cruel, que se publique  
de boca em boca, e vá de gente em gente,  
do teu rigor a nunca vista força;

farei que o mesmo inferno comunique  
a este peito aflito um som veemente,  
e à minha voz o usual estilo torça.

E a par do meu desejo, que se esforce  
a contar minha dor e tuas façanhas,  
da voz terrível brotará o acento;  
e nele envoltos por maior tormento  
pedaços destas míseras entranhas.

Escuta pois, e presta atento ouvido,  
não a apazíveis sons, sim ao ruído,

que desde o abismo do meu triste peito,  
obrigado de indômito delírio,  
sai para meu martírio e teu despeito.

O rugir do leão; do lobo fero  
o ulular temeroso; o silvo horrendo  
da escamosa serpente; o formidável

som de algum negro monstro; o grasno austero  
da gralha, ave de agouro; o mar fervendo  
em luta co'um tufão incontrastável

de já vencido touro o inamansável  
bramido; os ais da lúgubre rolinha  
na viuvez; o consternado canto  
do aborrecido mocho, a par co'o pranto  
do inferno todo, soem na dor minha,  
e saia com esta alma exasperada  
uma explosão de música aterrada,  
de confusão para os sentidos todos;  
pois a pena cruel que  
em mim padeço pede  
co'o seu excesso  
estranhos modos.

De confusão tamanha ecos sentidos  
pelas praias do Tejo não ressoem;  
nem do Bétis nos ledos olivedos;

por ali meus queixumes esparzidos  
por cavernas e penhas não ecoem  
para o mundo os terríveis meus segredos;



vão por escuros vales, por degredos  
de ermas praias a  
humano trato alheias,  
ou por onde jamais se  
enxergue dia,  
ou pela seca Líbia, onde se cria  
venenosa rale de pragas feias;

que inda que nesses  
páramos sem termo  
ninguém me escute os ais  
do peito enfermo, nem  
ouça o teu rigor tão sem  
segundo, por privilégio de  
meus curtos fados  
serão levados aos confins do mundo.

São veneno os  
desdéns; uma  
suspeita, ou  
verdadeira ou falsa,  
desespera;  
e os zelos matam com rigor mais forte.

Ausência larga à morte nos sujeita;  
contra um temer olvido não se espera  
remédio no esperar ditosa sorte.

No fundo disso tudo  
há certa a morte; mas  
eu (milagre nunca

visto!) vivo  
zeloso, ausente, desdenhado, e certo  
das suspeitas a que anda  
o peito aberto, e do  
olvido em que o fogo em  
dobro avivo.

E entre tanto  
tormento, ao meu  
desejo nem uma luz  
de alívio ao longe  
vejo,  
nem já sequer fingi-la  
em mim procuro; antes,  
para requinte de  
querela,  
estar sem ela eternamente juro.

Pode-se juntamente, porventura,  
esperar e temer? e onde os temores  
têm mais razão que a esp'rança, há-de esperar-se?

Debalde os olhos furto à sina escura;  
pelas feridas d'alma os seus negros  
não cessam um momento de mostrar-se.

Quem pode à  
desconfiança  
recusar-se, quando tão  
claramente se estão  
vendo os desdéns e os

motivos de suspeitas?  
Ai verdades em fábulas  
desfeitas! ai câmbio  
infausto, lastimoso  
horrendo!

Ó do reino de amor eros tiranos  
zelos! dai-me um punhal;  
desdêns insanos, um  
baraço! um baraço! ai  
sorte crua celebras tua  
última vitória;  
não há memória atroz igual à tua.

Eu enfim morro e por  
que nunca espere que a  
morte me ressarça o  
mal da vida, persistirei  
na minha fantasia.

Direi que anda acertado  
quem prefere a tudo o  
bem-querer, que a mais  
rendida alma é a que de  
mais livre se gloria.

Direi que a minha algoz  
não acho ímpia senão  
que de alma, qual de  
corpo, é bela que eu  
tenho a culpa, eu só, de

sua fereza; que os males  
que nos causa com  
certeza não se opõem ao  
tão justo império dela.

Com esta crença e um  
rigoroso laço, da morte  
acelerando o extremo  
passo, a que me hão seus  
desprezes condenado,  
darei pendente ao vento  
corpo e alma sem louro  
ou palma de outro e  
melhor fado.

Com                    tantas  
sem-razões,    puseste  
clara a causa por que  
odeio e enjeito a vida  
e pelas próprias mãos  
a lanço fora.

De tudo hoje razão se te depara:  
profunda e  
peçonhenta era a  
ferida; de não mais a  
sofrer me eximo  
agora.

Se por dita conheces nesta hora  
que o claro céu dos

olhos teus formosos  
não é razão que eu  
turbe, evita o pranto;  
tudo que por ti dei não  
vale tanto que mo  
pagues com olhos  
lacrimosos.

Antes a rir na ocasião funesta  
mostra que este meu  
fim é tua festa. Louco é  
quem aclarar-to assim  
se atreve sabendo ser-te  
a ânsia mais querida  
que a negra vida me termine em breve.

Vinde, sedes de Tântalo; penedo  
de Sísifo; ave atroz que róis a Tício;  
vem, roda de Egion com giro eterno;

vinde a mim, vinde a mim; não é já cedo,  
tartáreo horror do mais cruel suplício,  
urnas de ímpias irmãs, cansado inferno.

Quantos sofrem tormento mais interno,  
vejam que igual cá dentro me trabalha;  
e se a suicida exéquias são devidas,  
cantem-nas em voz baixa, e bem sentidas,  
ao morto, a quem faltou até mortalha.

E o porteiro infernal dos três semblantes,  
co'os outros monstros mil extravagantes,

soltem-me o de profundis, pois entendo  
ser esta a pompa única devida  
do amante suicida ao caso horrendo.

Canção desesperada, não te queixes  
quando a chorar na solidão me deixes;  
se a glória dela no meu mal consiste,  
e o perdimento meu lhe traz ventura,  
já minha sepultura é menos triste.

Bem pareceu aos ouvintes a canção de Crisóstomo, ainda que o leitor disse que a achava dissonante do que tinha ouvido do recato e bondade de Marcela, porque nos versos o autor se queixava de zelos, suspeitas e de ausência, tudo em menoscabo do bom crédito e fama de Marcela. Ao que Ambrósio respondeu como quem era sabedor dos mais escondidos pensamentos do amigo:

— Senhor, para satisfação dessa dúvida haveis de saber que, o tempo em que o infeliz isto escreveu, estava ausente de Marcela, de quem se tinha apartado por vontade, a ver se a ausência usaria com ele o que tem por costume; e porque ao namorado ausente não há coisa que o não dessorsegue, nem temor que lhe não chegue, assim a Crisóstomo o ralavam os zelos imaginados, e as suspeitas, como se foram verdades. E com isto já fica ileso o crédito que a fama pregoa da bondade de Marcela, a quem nem a mesma inveja pode pôr pecha alguma, à exceção de ser cruel, um pouco arrogante, e muito desdenhosa.

— É verdade — respondeu Vivaldo.

E querendo ler outro papel dos que havia salvado do fogo, veio atalhá-lo uma visão maravilhosa (que tal se representava) a qual apareceu ali inopinadamente.

Por cima da penha, a cujo sopé se cavava a sepultura, apareceu a pastora Marcela, tão formosa, que até a sua fama escurecia. Os que ainda a não tinham visto encaravam nela com admiração e silêncio; e os que já estavam acostumados a vê-la não ficavam menos atônitos que os outros. Ambrósio, tanto como a avistou, disse num ímpeto de indignação:

— Vens experimentar, fero basilisco destes montes, se com a tua presença verterão ainda sangue as